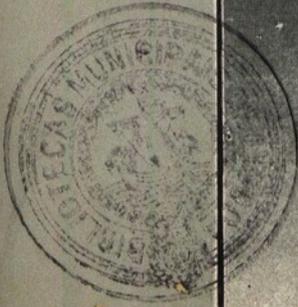


COMPRA
- ABR. 1940

SERÕES



LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 - LISBOA

N.º 42-DEZEMBRO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 - Telep. 805

Summario

MAGAZINE

PAG.

NAMORANDO

(*Frontispicio*) Quadro de C. WUNNENBERG..... 382

O NATAL

(*3 illustrações e 2 vinhetas*) por E. N. 383

O CASTELLO DE S. JORGE EM LISBOA

(*6 illustrações e 1 vinheta*) por A. VIEIRA DA SILVA..... 387

EM TERRA DE LÓBOS — NO PAIZ DOS REBANHOS

(*11 illustrações*) por A. DE SOUSA MADEIRA PINTO 396

A PHOTOGRAPHIA DA PALAVRA

(*16 illustrações e 1 vinheta*) 405

OS BASTIDORES DO NIHILISMO

(*1 illustração e 2 vinhetas*) traducção do inglez por EDUARDO DE NORONHA 413

A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL

(*11 illustrações e 1 vinheta*) por ALBRECHT HAUPT 421

IDYLLIO (*Versos*) por JULIO BRANDÃO 429

CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

(*4 illustrações e 1 vinheta*) por M. A. 431

SERÕES DOS BÉBÉS

(*5 illustrações e 1 vinheta*)..... 435

CONTEÚDO EGUAL AO CONTINENTE

(*2 illustrações*) 443

ACTUALIDADES

(*42 illustrações*) 444

QUEBRA-CABEÇAS

(*1 illustração*)..... 456

OS SERÕES DAS SENHORAS (*52 illustrações*)

CHRONICA GERAL DE MODAS pag.	81	LAVORES FEMININOS..... pag.	90
OS NOSSOS FIGURINOS »	84	CONSULTORIO DE MARIA. »	93
PENTEADOS ELEGANTES »	87	NOTAS DE DONA DE CASA »	95
A NOSSA FOLHA DE MOLDES..... »	88		

A MUSICA DOS SERÕES

ELOGIO DAS LAGRIMAS, por FR. SCHUBERT 4 paginas

DIRECTOR LITTERARIO

H. Lopes de Mendonça

Serões

ADMINISTRADOR

Caldeira Pires

Propriedade da **LIVRARIA FERREIRA**

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA

(PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL)

Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6\$000 réis	1 pagina	70\$000 réis
2 pagina	3\$500 »	1/2 pagina	40\$000 »
4 pagina	2\$000 »	1/4 pagina	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	}	Anno	2\$200 réis
		Semestre	1\$200 »
		Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca),	- Anno	12\$000 »	
Para outro qualquer paiz estrangeiro - Anno			15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos *Serões*, e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

ADMINISTRAÇÃO DOS *Serões*

Praça dos Restauradores (Passagem do Annuario Commercial) **27**

Telephone 805

LISBOA

As nossas capas de luxo

Com o presente n.º 42, completa este bello magazine portuguez — **Serões** — o 7.º volume da 2.ª serie.

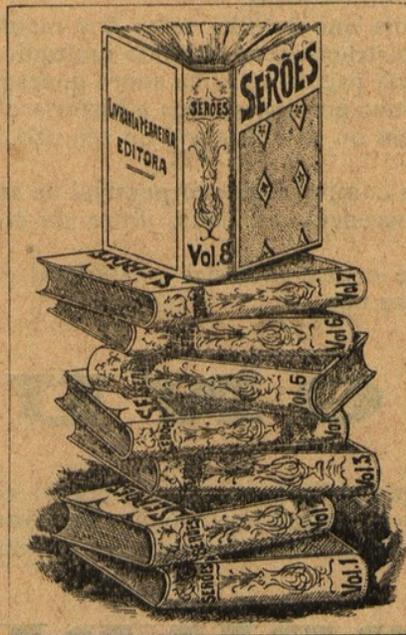
Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilizar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, **500 réis**, que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões**, assim acabados, mais evidenciam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Série

QUATRO VOLUMES

A 1\$200 réis cada



A 1\$200 réis cada

SETE VOLUMES

2.ª Série

NOTA. — O maço a rémetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 27 — LISBOA

SERÕES

A empresa dos **Serões**, grata ao carinhoso acolhimento que o publico lhe tem dispensado quer em Portugal quer no Brazil, vae introduzir-lhe, a contar do proximo mez de janeiro, importantes modificações, afim de que esta magnifica revista corresponda em todos os pontos á sua missão.

A parte litteraria continuará a ser esmerada como até aqui e desenvolverá largamente a representação photographica dos acontecimentos mais importantes que se derem tanto no paiz e Brazil, como no estrangeiro.

Conterá com o maior desenvolvimento possivel e profusamente illustrados, artigos sobre viagens, sciencia, litteratura, arte, sobre o progresso da industria e do commercio, contos, poesias, romances dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros, etc.

Terá as suas paginas sempre abertas tanto ás pennas já consagradas como aos **novos escriptores** que se evidenciem pelos seus meritos e pelo seu trabalho.

Será um defensor estrénuo dos interesses commerciaes e industriaes publicando gravuras e descripções, de quantos inventos e conhecimentos sejam uteis para a sua propaganda e alargamento de transacções.

Inserirá uma resenha bibliographica dos principaes livros publicados em Portugal, no Brazil, Hespanha, França, Italia, Inglaterra, Allemanha e America do Norte.

Dará uma pagina musical, incluída no texto, das operas, operetas, operas comicas, de compositores portuguezes que tenham obtido maior exito nos theatros, concertos, etc., a par das melhores estrangeiras modernas ou classicas.

Tendo provado a experiencia que a folha solta dos moldes e das modas se extravía frequentemente, pelo que a administração tem recebido multiplicadas e repetidas reclamações, os **Serões** publicarão no texto uma pagina artistica sobre quaesquer novidades que interessem ás senhoras com um artigo explicativo em que se faça a historia d'essa novidade, o que determinou o seu apparecimento, a vantagem ou desvantagem do seu uso, n'uma palavra a critica feita por uma das nossas collaboradoras.

Organisará uma galeria tão completa quanto possivel de senhoras portuguezas e brazileiras que pela sua elegancia, benemerencia, caridade, dotes de espirito, posição e virtudes sejam notaveis.

Muitas outras vantagens de ordem material e espiritual proporcionará aos seus leitores e assignantes, avultando entre essas um

B O N U S

aos nossos assignantes e aos que se inscrevam por periodo não inferior a um semestre e que desejem completar o mais bello **magazine** portuguez — **Serões** —, desde o seu inicio, podendo adquirir um volume ou todos os dez publicados com um abatimento de 50 % do seu custo real.

BRINDE

Uma viagem de Lisboa a Paris

Ida e volta em 1.^a classe

e em época determinada pelo contemplado, ou, ainda, o **seu equivalente em moeda corrente.**

Este brinde recahirá por meio do sorteio da loteria do Natal de 1909, áquelle que possuir o numero a que couber o premio maior. A elle tem direito os assignantes de um semestre, que perceberão para tal fim uma senha numerada, e os assignantes annuaes duas, senhas estas que serão opportunamente enviadas aos nossos assignantes nas circunstancias expressas.



Namorando

Quadro de C. Wünnenberg

O NATAL



berço da Igreja do Occidente. Segundo alguns auctores, foi o bispo Telesphoro que a estabeleceu em 138. Mas então essa festividade era essencialmente movel; celebrava-se ora no mez de janeiro, ora no de maio. No decorrer do seculo iv, Cyrillo, bispo de Jerusalem, dirigiu-se ao Papa Julio I e pediu-lhe que mandasse proceder a um inquerito entre os doutores do Occidente e do Oriente para averiguar o verdadeiro dia da natiuidade de Jesus Christo. Os theologos consultados concordaram em designar o dia 25 de dezembro. Foi

Natal, segundo nos ensinam as encyclopedias, é uma das mais antigas festas do christianismo. A sua instituição vem quasi do

desde então que se fixou n'esse periodo do anno.

Houve, no entanto, quem contes- tasse esta data, e a verdade é que não existe uma palavra nos Evangelhos que permita adivinhar o motivo d'essa escolha. O uso das tres missas que se celebram por occasião do Natal veio de Roma. Diziam-n'as



A ANNUNCIÇÃO

por causa das tres estações indicadas pelo Papa, a primeira em Santa Maria Maior, de noite; a segunda, em Santo Athanasio, ao alvorecer; e a terceira em S. Pedro, para a missa do meio dia. A Igreja conservou este

brada com jogos scenicos; varias personagens recitavam composições religiosas em redor do presepio onde descansava o menino Jesus. S. José e a Virgem, assentados ao lado, gozavam em silencio a gloria do me-

nino. Este espectáculo, innocente a principio, degenerou mais tarde em jogralices. Foi então que a auctoridade ecclesiastica o supprimiu. Algumas Igrejas, todavia, conservam ainda vestigios d'esses espectaculos n'um officio que foi chamado o officio dos pastores. Os povos de todos os paizes improvisaram canticos allusivos ao Natal.

Em Hespanha e Portugal, n'estes dois devotissimos paizes, representavam-se nos templos os mysterios da Natividade. As personagens que entravam em scena usavam mascaras



OS REIS MAGOS

costume, mas as ceremonias do Natal soffreram, segundo os tempos e os paizes, notaveis modificações. Expressiram sempre alegria e essa alegria foi traduzida de uma fôrma mais ou menos original.

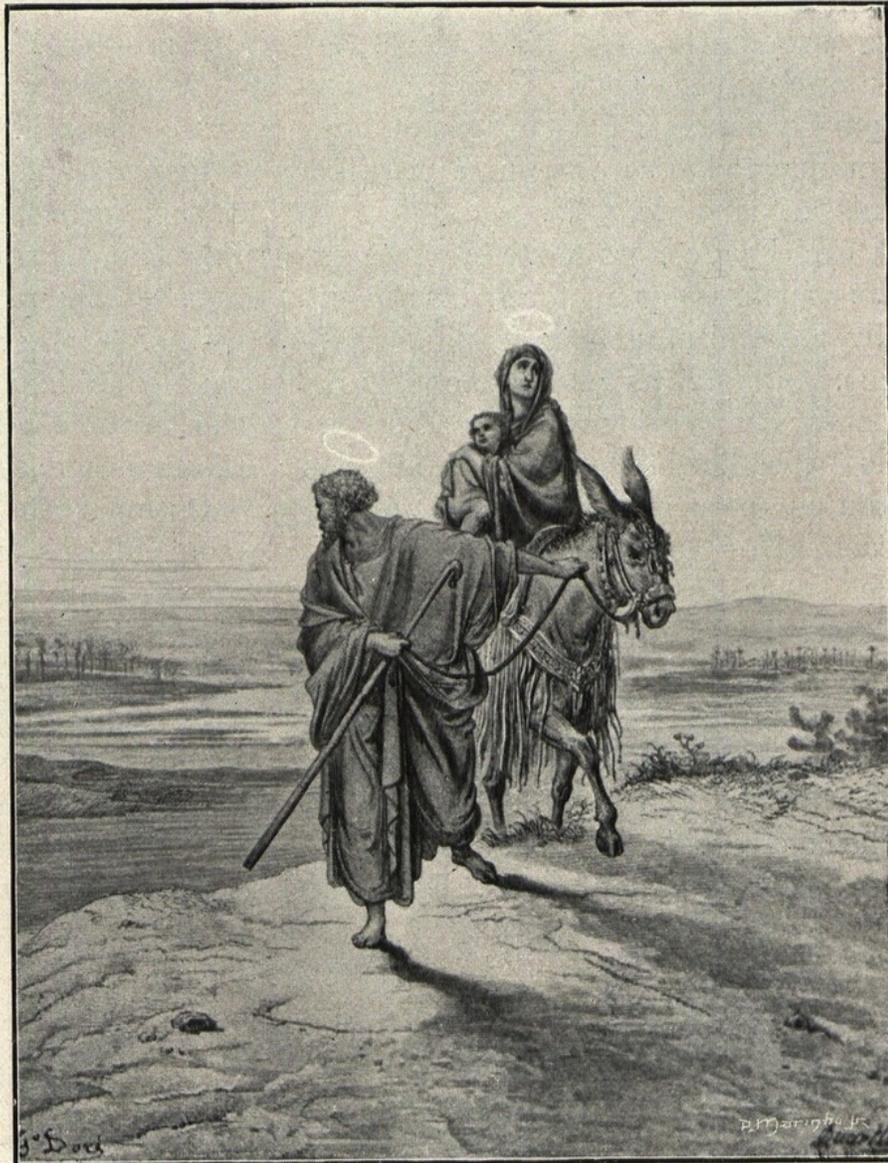
Na Edade Média, na Igreja do Occidente, a festividade era cele-

grotescas e trajes estapafurdios. Eram acompanhados, em Hespanha, por castanholas, pandeiros, guitarras e violas. Depois, de subito, as mulheres e as raparigas entravam na dança, levando na mão cirios accesos. N'alguns sitios ceava-se para melhor se supportar as fadigas da noite. E'

d'ahi que veiu o costume das consoadas tão usadas no norte do paiz. Começaram na Edade Média. N'essas refeições, a alegria até ahi reprimida, expandia-se á vontade. Se o Natal cahia a uma sexta feira, o Papa auctorisava o uso da carne, porque n'esse dia o Verbo fizera-se carne. No seio das familias, benzia-se a lareira e deitava-se-lhe vinho, dizendo: «Em nome do padre...». Hoje é raro o paiz onde não ha a *arvore* do Natal. Antigamente, e ainda hoje em muitas terras da provincia, mandavam-se presentes ás pessoas das relações e cantavam-se canticos apropriados á festividade.

No sul da França, o Natal celebra-se de um modo muito semelhante ao do norte de Portugal, com excepção de algumas formalidades. Na vespera, em vez de jejuns e de mortificações, come-se uma lauta ceia. A mesa é posta em frente da lareira onde crepita, coroado de louros, o *cari-guié*, velho tronco de oliveira secco e conservado com desvelo durante todo o anno, para a triplice solemni-

dade do Natal. Mas, antes dos convivas se assentarem á mesa, procedese á benção do fogo, prática evidentemente idólatra. O filho mais novo da familia ajoelha deante do fogo e



A FUGA PARA O EGYPTO

dirige-lhe uma prece, dictada pelo pae, em que pede para aquecer os pés enregelados dos orphãos e dos velhos doentes, para espalhar a sua claridade e calor em todas as trapeiras dos proletarios, para nunca devorar a resteva do lavrador pobre, nem a embarcação que transporta os nautas

no seio dos mares longinquos. E' uma practica piedosa, observada com a mais religiosa unccção.

Em seguida é benzido o fogo, isto é, regado com uma porção de vinho cosido, á qual o *cariguié* responde com crepitações alegres. Depois todos se assentam á mesa. Após a ceia, faz-se circulo em roda do *cariguié* e cantam-se nataes até a meia noite, hora em que todos se dirigem á primeira missa, missa do gallo.

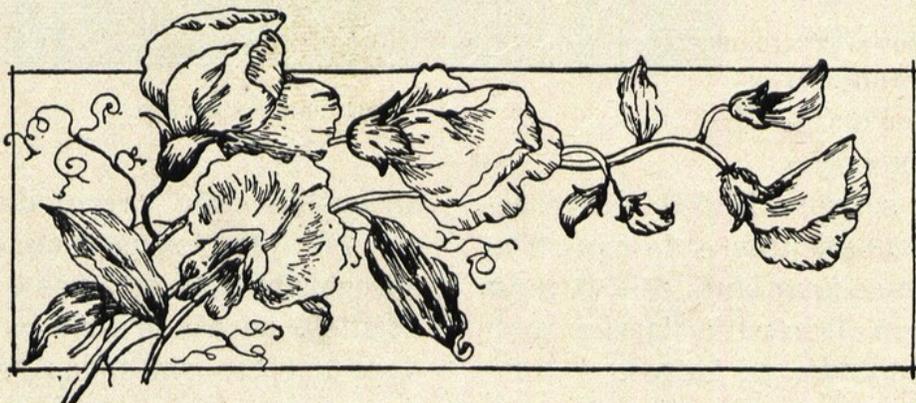
Em França, na noite de 24 para 25, os pobres são auctorizados a mendigar publicamente entoando canticos. As creanças atiram-lhes das janellas esmolas mettidas em saccos de papel, largando fogo a uma das pontas para mostrar onde é que caem. Nos campos, onde o espirito de superstição não está ainda tão desarraigado, todos deixam na urna o *quinhão dos mortos*. A festa dura tres dias com os mesmos cantares e as mesmas festas. Então come-se á ceia do dia 25 o perú do Natal. A 26 chega a vez do *pão de Santo Estevam*, coroado de louros. Este pão

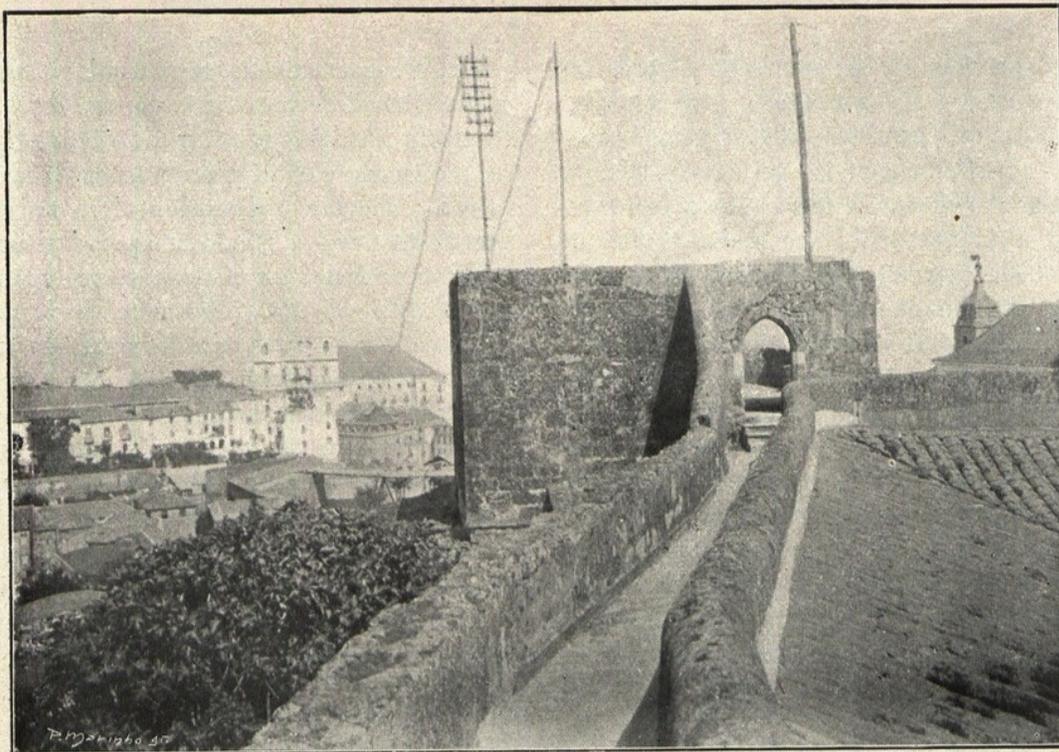
tem a fórma de uma abobora e attribue-se-lhe uma porção de virtudes, simultaneamente maravilhosas e burlescas, como por exemplo a de preservar os burros da dôr e os cães de se damnarem. E' tambem no dia 26 que se realisa a inauguração dos presepes.

Os protestantes festejam o Natal como os catholicos, e em Inglaterra, principalmente, é celebrado com a maior unccção e alegria. No Norte de Portugal a *consoada* é talvez a festa mais commemorada no seio das familias. O indispensavel bacalhau cosido e as indispensaveis *rabanadas* são prato obrigatorio ainda nos lares mais modestos.

Os mais célebres artistas teem pintado valiosas telas que teem por thema o Natal. Raphaél, Perugino, Van-Dyck, Rembrandt, etc., deixaram ficar quadros immorredouros sobre esse assumpto. As estampas que inserimos são reproduzidas da rara biblia illustrada por Gustavo Doré, o inimitavel desenhador que tem o seu nome ligado a tão bellas obras.

E. N.





TORRE DA CISTERNA, E FRAGMENTO DO ADARVE DA FACE NORTE DO CASTELLEJO
Vista tirada do poente para o nascente

O castello de S. Jorge em Lisboa

(Conclusão)

O Castellejo

De proposito guardámos para o fim tratar d'esta bella reliquia das antigas fortificações de Lisboa. E' a parte das obras defensivas construidas pelos mouros que melhor tem resistido, durante mais de oito seculos, aos terremotos, ás injurias do tempo, e aos vandalismos dos homens. Não é porque estes não tenham feito altas diligencias para fazer obliterar ou esquecer o que lá está, pois que, para não citar exemplos mais antigos, ainda não ha meia duzia de annos, as paredes exteriores foram rebocadas e *concertadas*, fingindo-se pedra sobre o que realmente era pedra!

O *castellejo* representava, na organização defensiva da Lisboa moura, o ultimo reducto dos defensores.

Os nossos antigos chronistas consideravam este recinto como o castello propriamente dito da cidade; era na *torre de menagem* do castello que se arvorava a bandeira que, como nas praças de guerra, symbolisava a vassalagem do seu governador, ao rei que lh'o havia concedido, para o manter e defender.

A parte restante do recinto era denominada Alcaçova; porém mais tarde, talvez posteriormente ao terremoto de 1755. a designação de *castello* generalisou-se, como dissémos, a todas as construcções militares,

ou pertencentes ao Ministerio da Guerra, de muros a dentro da Alcaçova.

A palavra *castellejo*, de origem hespanhola (*castillejo*, castello pequeno), foi empregada por João Nunes Tinoco, que levantou a planta de Lisboa mais antiga que se conhece (1650), logo depois de ter findado a dominação filippina em Portugal, afim de designar esta parte do recinto de defesa. A' falta de uma denominação official, julgámos commodo adoptar tambem a d'aquelle architecto.

O *castellejo* tem em planta um traçado sensivelmente quadrado, limitado por grossas muralhas, com cêrca de 10 metros de altura, e é dividido por um outro muro, correndo na direcção norte-sul, e que une approximadamente os meios de dois dos lados do quadrado, nos dois recintos de que já nos occupámos. A' entrada existe um pequeno pateo, limitado por dois outros muros, e no qual se veem tres portas; a da entrada principal, e uma para cada um dos recintos. Contigua á parede sul havia em 1825, uma larga escada, parece que para accesso ao *adarve* das muralhas. Ao lado da porta que dá para o recinto oriental, ainda se conservam no muro, pelo lado do recinto, dois nichos, que parecem ser antigas *setteiras* ou *troneiras* que enfiavam a porta principal; estes dois vãos estão tapados do lado do pateo, e já não teem escada de accesso.

Pode-se ainda hoje percorrer, em quasi toda a sua extensão, os *adarves* das muralhas, que conservam as guardas ou muretes de alvenaria, de ambos os lados; o caminho de ronda apenas se acha interrompido em metade do lado sul, e no angulo sudeste pela torre que ahi se levanta.

Nas muralhas da face norte do *castellejo* existe no recinto occidental uma porta tapada, que parece ser aquella que chamavam *da traição*, e no oriental uma janella gradeada, que olha sobre a encosta, e que talvez seja contemporanea da construcção dos *quarteis velhos*; a parte da muralha inferior e lateral a esta janella soffreu grande ruina, que foi muito mal reparada. Na face norte do mesmo recinto, junto á torre da cisterna, está praticada atravez da muralha uma passagem para uma dependencia dos quarteis, que fica exterior e adjacente ás muralhas.

A's muralhas encostam-se dez torres ou

cubellos, com secção rectangular, mas com dimensões differentes em planta. As alturas tambem deviam não ter sido todas eguaes, sendo mais elevadas as tres da face sul, e a do meio da face oriental; a do angulo nordeste devia ter tido sempre a altura que hoje apresenta. As restantes, voltadas para a encosta abrupta do norte e do poente, deviam ter os seus *eirados* á altura do pavimento do caminho de ronda das muralhas, como ainda hoje se reconhece.

Parece que as torres são massiças, com excepção da que occupa o angulo nordeste, que contém no seu interior uma cisterna, com o fundo um pouco mais alto que o nivel actual do terraplano da Praça Nova; acima do *eirado* levanta-se o boccda cisterna com a sua armação de ferro para a roldana.

Esta torre da cisterna, bem como as cinco do lado da encosta, tinham em cima um compartimento, provavelmente coberto, com janellas e portas. D'estes compartimentos restam duas paredes quasi completas na torre da cisterna, em uma das quaes existe uma porta ogival perfeita. Das janellas reconhecem-se alguns peitoris, á altura dos quaes estão arrazadas as paredes, e onde ainda em muitos se notam as coiceiras inferiores para os batentes; os vestigios das portas reconhecem-se no talhe da cantaria dos vãos e nas coiceiras inferiores para os batentes de madeira.

Nas paredes existiam, além das janellas, *setteiras* e *troneiras*, algumas das quaes se conservam em perfeito estado, outras estão entaipadas, e ainda outras provavelmente desapareceram.

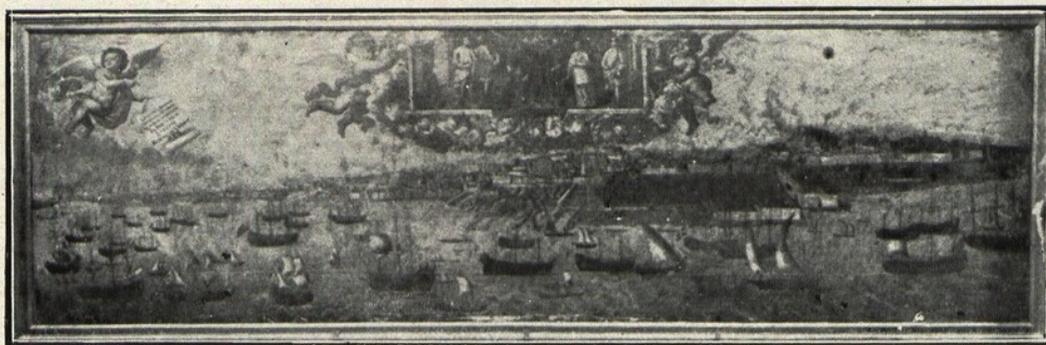
A torre do angulo sudoeste está actualmente mergulhada no interior do edificio do quartel de caçadores, onde todavia se conhece desde o pavimento terreo, e por entre os telhados. Consta que esta torre foi derrubada pelo terremoto de 1755, pouco mais ou menos até 3 metros de altura acima do *adarve* das muralhas, cahindo sobre a encosta na direcção sudoeste, como se reconhece pela inspecção da superficie de ruptura. Parece ser esta a torre a que se allude no *auto de acclamação de D. João II*, do qual consta mais que ficava sobre a *cassa dos lioões de contra o rrecio*, que era um compartimento onde em tempos de D. Afonso V se achavam alojados dois d'estes

animaes. N'aquella solemnidade arvoraram os vereadores de Lisboa na mencionada torre a *bandeira da cidade*, que comsigo traziam, tendo primeiro o alcaide-mór do castello levantado a *bandeira com as quinas e coroa de rrey na torre de menagem do dito castello* (é outra de que adiante trataremos).

Ao meio da face sul do *castellejo* fica a maior de todas as torres (13^m×9^m), a *cavallo* na muralha, ao lado da porta principal do recinto, á qual servia de defesa. Acha-se hoje arrazada até pouco acima do caminho de ronda, e tem ao meio do *eirado* um pilar de pedra para observações geodesicas; o pavimento actual é de betonilha,

muj forte e nom foi porem acabada, estava em cima da porta do castello e alli poinham ho mais do tesouro que os Reis juntavam em ouro e prata e moedas.

Outro facto nobilita esta torre: é o de ter sido ahi que teve origem o archivo ou tombo do reino, d'onde lhe proveio a designação de *torre do tombo*, que se substituiu á anterior denominação. Foi D. Fernando I quem ordenou a criação d'este archivo, e tendo o terremoto de 1755 aruinado a sua installação, foram os documentos transferidos, por diligencia do brigadeiro Manoel da Maia, para uma dependencia do convento de S. Bento, de onde foram mudados mais tarde para outra do



VISTA GERAL DE LISBOA NO SECULO XVI

Quadro existente no Museu Nacional de Bellas Artes, que representa a despedida de S. Francisco Xavier de D. João III e o seu embarque para a India (7 de abril de 1541)

e como as guardas, é de construcção recente. Na parte conservada existe uma *poterna*, que atravessa a torre um pouco diagonalmente na direcção norte-sul, e por onde se faz hoje o accesso unico ao caminho de ronda das muralhas. Pelo lado interior, junto á base da torre, observa-se uma porta entaipada, cuja serventia se não conhece.

Segundo Luiz Marinho de Azevedo foi esta torre denominada de Ulysses, em homenagem ao heroe grego que a tradição phantasiava ter sido o fundador de Lisboa; engana-se Antonio Joaquim Moreira quando diz que cahiu pelo terremoto de 1755, e *nem vestigios d'ella ficaram*.

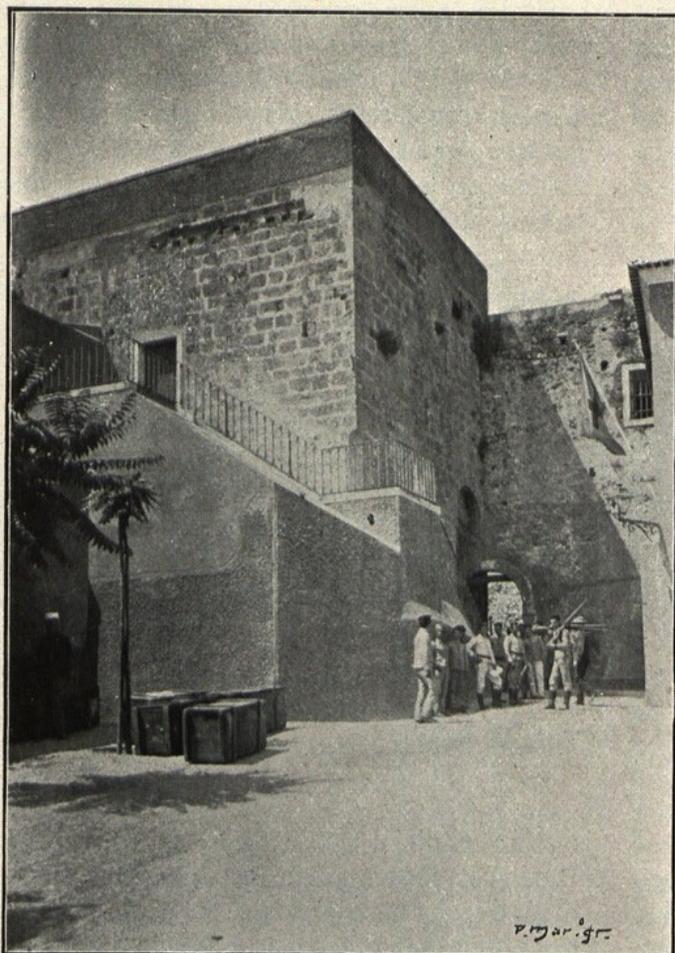
Tambem lhe chamavam *torre albarrã* ou *do haver*, durante os reinados da primeira dynastia, quando era ahi o deposito ou cofre dos productos dos impostos e das rendas. Fernão Lopes diz-nos que *Esta torre era*

mesmo edificio, onde hoje se conservam. Faremos todavia notar que as medições que logo depois do terremoto se tomaram, não permitem identificar a torre do tombo de 1755 com nenhuma torre das existentes, o que parece indicar que a esse tempo já as installações do archivo se alastravam para além da torre a que elle havia dado o nome, ou, o que julgamos mais verosimil, aquelle archivo estava installado em outro sitio do *castellejo*, talvez na muralha e torres, ou contiguo á muralha, da face oriental.

Ainda n'esta mesma torre é que parece ter sido fundada por D. João III uma bibliotheca, tendo-se-lhe posto em 1687 uma lapida por cima da porta.

A torre do angulo sudeste serve actualmente de *observatorio geodesico*. á altitude de 111^m,23 (lage central da casa das observações). Faz parte da rede fundamental da

triangulação geodesica do reino, como ponto geodesico de 1.^a ordem. As suas coordenadas foram a primeira vez determinadas, parece que em 1790, pelo dr. Francisco Ciera. As coordenadas geographicas são $38^{\circ} 42' 43''$ de latitude norte, e 0° de latitude, para a carta topographica de Portugal publicada pela Direcção Geral dos



TORRE DO MEIO DA FACE SUL DO CASTELLEJO
ESCADA DE ACESSO AOS ADARVES E PORTA PRINCIPAL
DO CASTELLEJO

Trabalhos geodesicos e topographicos. A longitude a oeste do observatorio de Greenwich é de $9^{\circ} 7' 55''$ (ou $54''$).

Esta torre está mettida até uma certa altura, no interior das construcções que n'esse sitio ficam adjacentes ás muralhas, pelo lado exterior. Em córte horisontal a torre apresentava, acima do *adarve*, um angulo reintrante, para permittir a continuidade do caminho de ronda das muralhas. Desde a epocha, que não pudémos averiguar, da construcção do observatorio, installaram no vão da reintrancia uma escada de serviço,

e prolongaram os paramentos das faces da torre, de fórmula que esta passou a ficar com a secção quadrada, e deixou de existir a continuidade da passagem.

Esta torre é a que hoje conserva mais elevada, sobre o nivel das muralhas, a construcção primitiva. No seu interior, e no seguimento do *adarve* da *quadrella* que liga esta torre com a antecedente, ainda existe um lanço de escada de pedra, terminando em patamar, do qual continuava a escada para o lado direito; ahi porém está a passagem tapada.

Foi em 1779 que se construiu em uma das torres do castello o primeiro observatorio astronomico visto em Lisboa; é possível, e mesmo provavel, que tivesse sido n'esta. Na planta de Lisboa de 1807 está indicado este *cubello* com a designação de *observatorio*.

Cremos ter sido esta a *torre de menagem do castello*, onde se arvorava a bandeira da cidade, pelo falecimento e aclamação dos reis e em outras solemnidades; ahi seria tambem a residencia primitiva do alcaide-mór de Lisboa. Os documentos porém não nos permittem identificar com segurança a situação da torre que tinha a designação mencionada.

Finalmente, a torre que fica ao meio da face oriental do *castellejo* acha-se arrazada até cêrca de 2 metros acima do pavimento do *adarve*.

Assim estas quatro torres mais importantes do recinto do *castellejo* estão hoje em condições de não se poder saber com exactidão como seria a sua constituição acima do caminho de ronda das muralhas. No que porém

não póde haver duvida é que estas torres eram muito mais elevadas do que as cinco do lado da encosta; a torre da cisterna é de todas a que melhor tem resistido ao tempo, conservando porventura as disposições que tinha na occasião da tomada de Lisboa aos mouros em 1147.

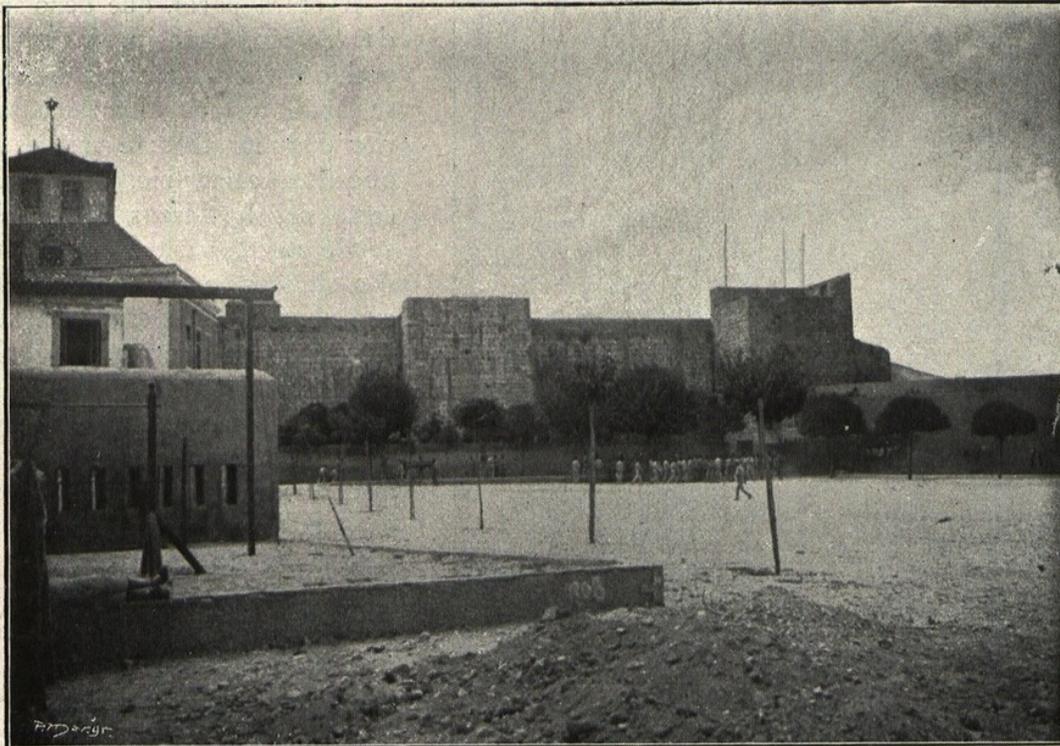
Pelas faces norte e occidental bastava a aspereza da encosta para tornar facilmente defensavel o castello; já assim não succedia nas outras duas, em que o terreno offerecia um declive suave, e augmentaram os constructores visigoticos ou mouros a resisten-

cia d'essas faces guarnecendo-as com um fosso ou *cáva*.

Tal fosso ainda existia em 1383, quando o castello se rendeu ao partido do mestre de Aviz, então defensor do reino.

As antigas chronicas dão a entender que passados poucos annos depois da acclamação de D. João I tal *cava* já não existia, entulhada talvez por occasião de se inutilisarem, por exigencia do povo, algumas das fortificações com que o castello perma-

cipai, e ia inserir-se na do angulo sudoeste, como parece mostrar a planta de J. Nunes Tinoco (1650). D'elle ainda resta: o lanço que contorna a torre do angulo sudeste; uma parte pela frente da torre do meio da face sul; parece que tambem o lanço que unia esta ultima porção com a torre do angulo sudoeste, lanço que serve actualmente de muro de fundação á fachada de um corpo de edificio onde são quartos de officiaes do batalhão de caçadores; e ainda, mas arra-



LANÇO DE MURALHAS E TORRES SOBRE A PRAÇA NOVA

A' direita vê-se a torre da cisterna, e á esquerda a torre do observatorio geodesico

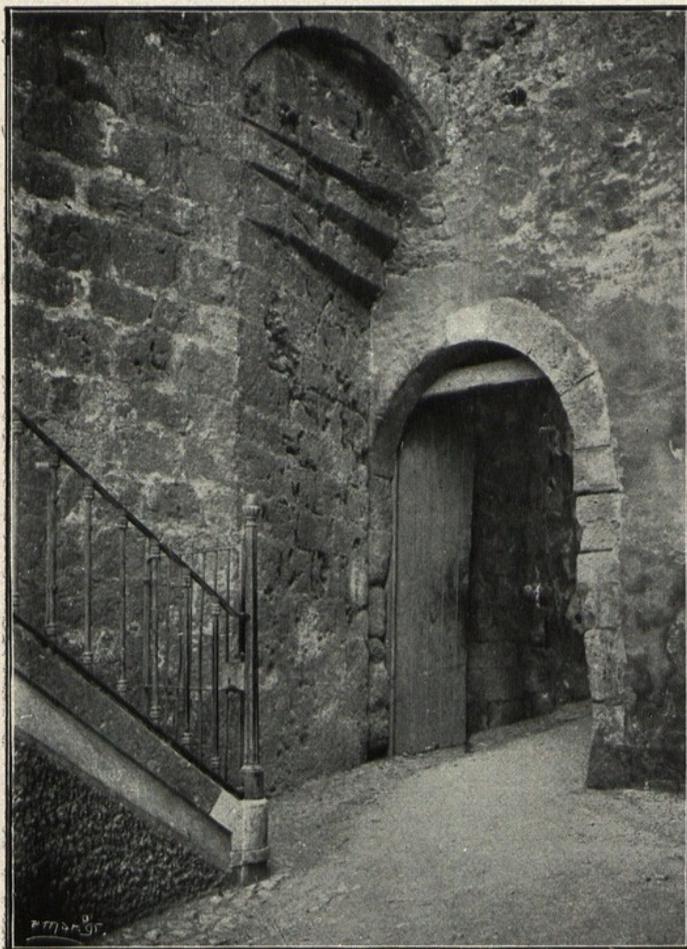
nentemente ameaçava a segurança da povoação. Um seculo mais tarde, em 1481, parece que ainda se conservava a parte do fosso em frente da face sul do castello, pois havia ahi uma *ponte*, dando passagem das *primeiras portas do castello* para a *porta principal*.

Julgamos que esse fosso seria constituido pelo intervallo entre as muralhas e as torres das faces sul e oriental do *castellejo*, e por outras muralhas espessas que á frente d'ellas se elevavam, com cêrca de 4 metros de altura, e que constituíam a *barbacã*. Este muro devia ir inserir-se, do lado norte, na torre da cisterna, contornava a torre do angulo sudeste, assim como a da porta prin-

zado até cêrca de 2 metros de altura, o muro, ou talvez antes os alicerces do muro que existia pela frente da face oriental.

E' possivel que a *barbacã* tivesse tido *adarve* e *ameias*, como as muralhas do *castellejo*, e o accesso áquelles, do interior da fortificação, fazia-se provavelmente, além de por qualquer outra passagem que hoje se desconhece, pela *poterna* que atravessa a torre que está ao lado da porta principal, e a que já alludimos. Hoje, essa pequena parte da *barbacã* que se conserva pela frente da torre, serve de pátim á escada que fica adjacente á mesma, e pela qual se faz o accesso ao *adarve* das muralhas.

E' este o unico meio actual para se ir para o caminho de ronda das muralhas do *castellejo*, como dissémos. E' provavel que tivesse havido escadas proprias para esse fim, talvez pelo interior da torre da porta principal, ou outras adjacentes ás muralhas. Uma escada que ainda hoje resta, arruinada



PORTA PRINCIPAL DO CASTELLEJO

A muralha da esquerda pertence á torre que fica ao meio da face sul do *Castellejo*

e entaipada, contigua aos muros do recinto occidental, não é evidentemente da construcção primitiva.

Tinha o castello duas portas abertas nas suas muralhas, desde a fundação; uma na face sul, e outra na face norte.

A primeira era simplesmente a *porta* ou *portas do castello*. Acha-se a meio d'aquella face, contigua á torre, cujo paramento forma n'esse sitio uma pequena reintrancia, de maneira tal que a torre fica um pouco como que sobre a porta. A abobada é em aza de cesto, e não se notam vestigios das coiceiras para

os batentes. Do *auto de aclamação de D. João II* parece inferir-se que em 1481, além do fosso, tinha a entrada principal do castello duas portas, communicando-se pela *ponte levadiça*: . . . *entrou pella ponte dentro as primeiras portas do castello; e a porta principall estaua fechada*. E' provavel que as *primeiras portas* fossem as que deviam ter existido no muro da *barbacã*, e a *principal* fosse a que lá está ainda, ou a que esta veio substituir, pois parece reconstrucção.

A outra porta, que denominavam *da traição*, fica situada no recinto occidental, na face norte, achando-se tapada á face do paramento exterior das muralhas; é uma estreita e occulta communicação, destinada, como nas fortalezas construidas na idade média, para os contra-ataques dos sitiados, e para a fuga em circumstancias desesperadas. Esta porta deita para a encosta, não existindo hoje o caminho para ella que havia nos fins do seculo XIV, e que parece ter-se conservado até 1763, pelo menos. Em 1650 tinha, pelo lado exterior, um *travez*, formando uma communicação talvez coberta, e munida com um outro postigo na extremidade, com disposição identica á que na mesma época apresentava a porta do Moniz, como descrevemos. Em 1825 esta porta dava serventia a umas dependencias dos quartéis de infantaria, que ficavam na escosta, contiguas ás muralhas.

Para communicação entre os recintos occidental e oriental do *castellejo* existia uma *poterna* atravez da muralha, ao nivel dos terraplenos; essa communicação está hoje tapada, e não se conhece.

O pateo de entrada communica com os dois recintos, por duas portas; a do recinto oriental é ogival da banda do pateo, e em arco de circulo pelo lado interior; ainda se conservam as coiceiras superiores para os batentes de madeira. A passagem para o recinto occidental não offerece cousa alguma de notavel.

Finalmente, como communicações do castello, recordaremos a tradição que diz existir ou ter existido, um *caminho subterra-*

neo; ignoram-se pormenores a este respeito dando cada investigador largas á sua phantasia, sobre um objecto que é naturalmente de molde a attrahir-lhe a curiosidade.

*
*
*

Por circumstancias bem conhecidas de toda a gente, o castello de S. Jorge está hoje em evidencia. Dois cavalheiros do nosso meio social, os srs. conde do Paço do Lumiar e Rozendo Carvalheira, pediram ao governo que, mediante certas condições, lhes fosse cedido o castello de S. Jorge, para aproveitar o local dos seus edificios e das suas esplanadas, afim de ahí se construir um hotel monumental, que alliará ao pittoresco da sua situação o goso do mais lindo panorama que é possível imaginar.

Não temos a pretensão de nos intrometer aqui nas discussões a que a concessão do castello possa dar lugar. Diremos todavia que não concordamos com a cedencia completa do que se chama hoje *castello de S. Jorge*, e pelo que respeita ás condições administrativas d'essa cedencia, consideramos ser assumpto muito delicado, que o Estado deve cautelosamente ponderar, para evitar futuras complicações internacionaes, desde que se prevê a possibilidade, ou melhor diremos, a probabilidade, de a exploração da concessão vir a fazer-se por uma companhia estrangeira, cujos inconvenientes são por demasiado conhecidos. Ainda outro motivo, esse de natureza patriótica, nos faz tremer a idéa de a concessão ser trespassada a uma companhia estrangeira: é a probabilidade de vêr tremular nas esplanadas do castello de S. Jorge uma bandeira que não seja a das quinas, symbolo da nossa nacionalidade e da nossa autonomia. Podia ser introduzida na concessão a clausula de não se poder arvorar no futuro hotel nem nas suas dependencias outra bandeira que não fosse a nacional; receamos porém que tal condicção viria a ser letra morta.

Posto isto vamos, na nossa qualidade de engenheiro militar, e de excavador da velha Lisboa, emittir o nosso parecer sobre o que desejaríamos que fôsse realisado no castello, quer pelo proprio Estado, quer pela entidade a quem este o cedesse, para que,

no limite do possível, se conservassem as tradições historicas que ao monumento andam ligadas, e afim de que pudesse recordar ás diposições architectonicas que na sua origem devia ter apresentado.

O castello de S. Jorge não está ainda considerado, por decreto, monumento nacional; figura no projecto de classificação dos monumentos, elaborado pelo Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes, em 16 de janeiro de 1907; todavia o Ministerio da Guerra assim o considéra.

Estudámos detalhadamente o castello, e pudémos portanto apreciar o que elle tem de aproveitavel e de destituído de interesse. Valor militar, como dissémos, não tem nenhum; apenas tem o valor historico, e o utilitario como aquartelamento de tropas.

Não nos causaria pena nem saudade, o desapparecimento de todos os edificios do recinto da Alcaçova, com excepção do *castellejo*, e approvamos o aproveitamento do local d'estes, bem como o da Praça Nova, Praça d'Armas e Bateria dos Morteiros, para a construcção do hotel e seus annexos, comtanto que se conservem as suas actuaes muralhas de suporte, que limitam n'essa parte o recinto da Alcaçova. Especialmente as muralhas e as torres primitivas que ainda existem na Praça Nova deveriam ser cuidadosamente reparadas, tornando accessiveis a *porta do Moniz* e a *do Norte*, e de forma a poderem-se examinar pela banda de fóra. A porta de S. Jorge e o portão do Espirito Santo deverão ser conservados, estudando-se as construcções interiores de fôrma que esta ultima porta possa ficar onde se acha, e de maneira a attrahir a attenção dos visitantes.

O que porém julgamos dever constituir o objecto principal das attenções é o *castellejo*.

Entendemos que o Estado não deve, por fôrma alguma, alienar a propriedade d'estas ruinas, e que a sua reparação racional pelos concessionarios, sob a fiscalisação do Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes, devia fazer parte da compensação, dada ao Estado, pela cedencia do local mais bello que Lisboa possue.

Além do *castellejo* quereríamos que fôsse igualmente reservada para o Estado, sem que em epocha alguma pudesse ser alienada, uma rua de serventia que começasse na porta de S. Jorge, e bem assim uma faixa de terreno, pela frente das faces sul e orien-

tal, com 15 metros de largura, contados desde a linha de contorno exterior das torres, destinada a uma rua, da qual se poderiam examinar as muralhas e as torres em toda a sua magestade.

Queríamos igualmente que fôsse reservada, e limitada por um muro guarnecido com guardas, uma faixa com 10 metros de largura, paralela á linha exterior de contorno das torres do *castellejo*, dos lados

Os terraplenos interiores deviam ser arrasados, até ao nível que se encontrasse, ou que se presumisse ser o primitivo; a cisterna que existe no recinto occidental devia ser desentulhada.

As muralhas deveriam ser reparadas, mas de maneira racional, e concertado o caminho de ronda, refazendo-se as *ameias* que pela banda de fóra devia ter possuído. A *barbacã* deveria igualmente ser completada, leván-



PORTA DO PÁTEO DE ENTRADA PARA O RECINTO ORIENTAL DO CASTELLEJO

Ao lado da porta vêem-se dois nichos que porventura, n'outro tempo, foram setteiras ou troneiras. Vista tirada do lado do recinto

occidental e norte da encosta, até á torre que fica para o nascente da porta do Moniz, e que mediante uma indemnisação a fixar, se pela legislação em vigor fôsse julgada indispensavel, se impuzesse o onus de prohibição de levantar qualquer edificação, nos terrenos comprehendidos entre as muralhas, na extensão mencionada, e os predios actuaes da rua da Costa do Castello, que ficam do lado do monte.

Queríamos que se demolissem todos os edificios de qualquer natureza que actualmente se encostam ás muralhas e ás torres, de fórmula que ellas se apresentassem a descoberto, tanto pelo lado interior como pelo exterior.

tando-se até á altura que devia ter apresentado, pela frente das faces sul e oriental, munindo-a com o seu caminho de ronda, e com as *ameias*, com disposição idêntica á dos *adarves* das muralhas.

Deverá procurar-se encontrar vestígios do fosso ou *cáva*, e reconstituir esta, com a ponte levadiça de que failam os documentos antigos.

Deverão reconstituir-se, desentaipar ou concertar todos os vãos de portas dos dois recintos do *castellejo*, e refazer todos os batedores de madeira, e bem assim restabelecer todas as communicações, que se sabe terem existido, ou que venham a reconhecer-se por meio de pesquisas, entre os recintos, para

os *adarves* das muralhas e da *barbacã*, para as torres, etc.

Os *cubellos* deverão ser reconstruidos com constituição tão approximada da primitiva quanto possível. Esta é facil de conhecer ainda na torre da cisterna, e nas cinco do lado da encosta norte e occidental. Nas restantes torres, que são as tres da face sul, e a do meio da face oriental, a disposição primitiva é mais difficil de restabelecer, sem que comtudo seja impossivel; o exame attento das antigas vistas de Lisboa, o estudo de construcções coevas, levantadas pelos povos arabes na península ou na costa meridional d'Africa, e ainda a inspecção do que resta das torres, poderá auxiliar vantajosamente a execução do trabalho de reconstrucção.

O observatorio geodesico, origem das coordenadas das nossas cartas geographicas, levanta-se sobre uma das torres, e o pilar para as observações occupa uma outra. E' facil tornar a installar estes dois serviços nas mesmas torres, depois de reconstruidas como se acaba de mencionar.

Finalmente, as paradas dos recintos do *castellejo* seriam destinadas para, ao centro d'ellas, se construirem uns edificios destinados a museu archeologico, ou de armaria, ou emfim a qualquer outra applicação que se julgasse conveniente, em harmonia com

a indole ou natureza historica, archeologica ou militar do monumento.

Depois de escripto este artigo tivemos conhecimento da proposta de lei apresentada durante a sessão legislativa finda, em que se consignam as bases do contracto a celebrar entre o governo e a firma social Lumiar & Carvalheira. Além d'isso, pelo socio Carvalheira foi-nos mostrado o delinea-mento das construcções que projectam levar a effeito.

Não tratamos de apreciar a proposta, que está affecta ao parlamento; apenas diremos, pelo que se refere ao plano de trabalhos e outras indicações de detalhe que obsequiosamente nos foram fornecidas pelo sr. Rozendo Carvalheira, que difficilmente se poderia encontrar quem melhor alliasse ao saber profissional o culto da tradição, o que é sufficiente garantia de que, se for feita a concessão, aquellas ruinas serão respeitadas, e que se pode alimentar a esperança de que ao lado do hotel, com todos os requisitos e commodidades modernas, se verá um dia erguer destacado e reconstruido, e como que servindo-lhe de pedra de engaste, o venerando castello medieval de Lisboa.

Agosto de 1908.

A. VIEIRA DA SILVA.





CARAVANA EM MARCHA

Em terra de lobos No paiz dos rebanhos

(Notas de uma excursão á Serra da Estrella)

(Continuação)

DA SENHORA DO DESTERRO A' NAVE DE CABAÇOS — SOBE-SE A MARGEM DIREITA DO ALVA — PANORAMA — AS CAPELLAS DA SENHORA DE LA SALETTE E DO ESPINHEIRO — UM SANTO FARDADO A' NAPOLEÃO — A PAISAGEM — DA CRUZ DE VASQUEANNES AO CABEÇO DE SANTO ESTEVÃO — A ESTRADA DO OBSERVATORIO — UM ACAMPAMENTO NA SERRA.

Foi portanto por fins de agosto que nós, de novo. partimos para a Serra; e a serra e a paisagem apresentavam então um aspecto totalmente diverso do que nós surprehenderamos em março.

Já não eram, na terra chã, as cepas despidas, mas impadas de seiva que reben-tavam em borbulhões promettedores d'uma farta colheita, nem os milhos temporãos que á flôr da terra apenas vinham mostrando os caules unidos d'um verde tenro — eram fartos montões de folhagem occultando os cachos já pintados e atochados de bagos, alastrando por monte e valle a exuberancia da sua riqueza e largas extensões de milheiraes viçosos e luzidios, das terras alagadas.

Ainda d'esta vez, foi por S. Romão que atacámos a montanha, já desoccupada de neve, esverdeada de pinheiraes, no sopé,

retalhada de amarellidões nos altos, que o calor vinha torrando mais e mais, desenhando á luz forte d'aquelle dia de agosto as chapadas dos cerros e as meias tintas das vertentes escalavradas.

S. Romão tinha mesmo um aspecto de vida nova, reluzindo ao cimo dos campos ferteis da Assamassa, sussurante de aguas, engalanada dos seus telhados vistosos de marselha, toda vibrante de actividade nas rodas gigantescas das suas fabricas.

cha foi quasi um *raid*, um desafio n'aquelle entusiasmo da partida, por uns carreiros de cabras talhados no pinheiral onde os gericos se agarravam com firmeza.

O sol queimava, agora que deixaramos o pinhal e tinhamos entre nós uma rampa soalheira onde o caminho se esfarelava em torcicollos.

A meia encosta cruzâmos com um rebanho que volta da serra á terra chã: é esta a epocha do retorno. Traz á frente dois



CHARGO DAS FAVAS

A nossa excursão fôra maduramente pensada; tudo previramos: tinhamos um carro de bois que nos levaria as bagagens, os viveres e uma barraca de campanha; um cozinheiro, um guia pratico; para a subida até ao observatorio alcançáramos jumentos, na Lapa dos Linheiros, que uns camponios espertalhões nos alugaram.

Tornejando a nascente tomámos pela margem direita do Alva; o rio vinha arrasando, agora, uma corrente chorosa nos calhaus e lagedos ennegrecidos do leito. Mettemos monte do Calvario acima, e na ascensão até ao cabeço da Moita, a mar-

cães enormes de colleiras eriçadas de pregos para os ataques dos lobos: serão ao todo umas duzentas cabeças entre ovelhas e cabras — as ovelhas na sua maioria são negras. Vem com elle uns cinco pastores, um dos quaes não tem mais de dez annos, inconfundivel já no traje de saragoça, no chapeirão de feltro, nas sapatorras cardadas; nos cajados, ao hombro, vem á dependura as mantas listradas, os alforges da bróa e o caldeiro que serve para cozer as batatas, para ordenhar as cabras, para dar de comer aos cães, para... tudo emfim.

Mas já se afastam as ovelhas que le-

vantaram uma nuvem de poeira que nos caustica — um pó espesso que entapulha as narinas, mordendo a pelle que o suor alaga.

Não corre uma aragem: a mesma immobildade abrazadora ao perto e ao longe!

Subimos sempre; e agora no alto parece que as tonalidades se esbateram e que para lá na atmosphaera diluida se estende um espaço immenso velado até ali pela cortina do monte. O guia, de cima, berrou-nos — *aqui!* — e a pouco e pouco vão surgindo na orla cimeira do monte, novos espaços,

scenario que se perde ao fundo indistinctamente.

Para a direita o horizonte é curto e para lá dos cumes fronteiros tambem a montanha se cava, corroida pelo Alva, que banha o Sabugueiro anichado no fundo do valle. A paisagem é arida, agora; já deixámos a zona dos pinhaes e dos grandes massiços de verdura — o chão tem apenas coberturas de fetos amarellentos aqui e ali giestaes e urzes; de quando em quando manchas de verdura destacam como um grito na mono-



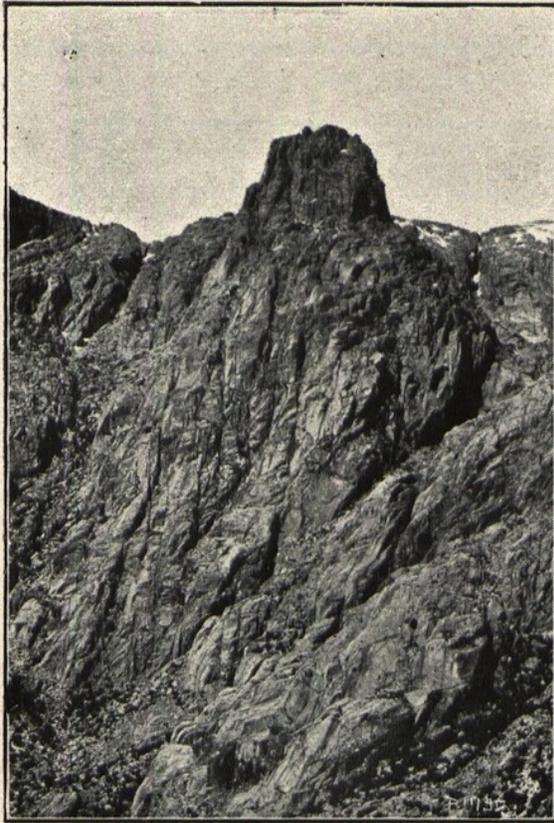
LAGOA REDONDA

penedos de fórmias estranhas, azulados na lonjura.

Chegamos ao planalto — o panorama é esplendido: á esquerda o horisonte é vastissimo; a montanha desce n'uma chanfradura rapida enfeitada de pinhaes, soutos e matagaes na zona a cavalleiro de Ceia; na orla da base descobre-se, aconchegada, ao cimo, Gouveia; na curva Mangualde, Moimenta, Aldeia da Serra, as duas Povoas, succedendo-se na planura os logares, as aldeias, as villas, ao longe Oliveira, Lagares, Torrozelo, destacando as casas caiadas na indecisão pardacenta do vastissimo

tonia dos córregos; e por sobre toda esta *pochade* macillenta, a penedia acinzeirada de fórmias estravagantes e, de espaço a espaço, a fita poeirenta dos caminhos.

Avançamos lentamente e ao encontrarmos um rebanho que descança á soalheira. apeamos-nos, soffregos de leite, para matarmos a sêde. Junto do rebanho está toda uma familia de pastores: uma das mulheres, nova, tem o typo perfeito de cigana, na tez cobreada, nos cabellos escorridos, no desmazello do traje; ordenha de cócoras, de vagar, uma cabra môcha, olhando desconfiada, com os seus grandes olhos negros e humidos.



CANTARO MAGRO

Visto da base, ou do Corvão da Metade,
nascente do Zezere

Pagâmos-lhe em tabaco, não porque seja a moeda corrente, mas porque os pastores ali apreciam mais tres cigarros *fortes* do que um tostão!

O ar é purissimo: a 1:200 metros acima do nivel do mar respira-se admiravelmente, e a circumstancia de estarmos sobranceiros á paisagem, tendo só sobre nós o céu alagado de luz, dá-nos uma impressão de leveza que nos allivia.

A' esquerda ainda, ficam pouco distantes dois nichos que a devoção popular ali fixou — a Senhora de la Salette e a Senhora do Espinheiro: são ermidas toscas muito caleadas que põem tons alacres na maravilha da paisagem.

Eu visitei a Senhora do Espinheira. A ermidã é pequena e pobre; o pavimento é calcetado como uma rua; tem um altar de talha onde o doirado se some, e uma imagem de pedra, inteiriça e tosca, da Senhora das Dores com o filho morto nos braços.

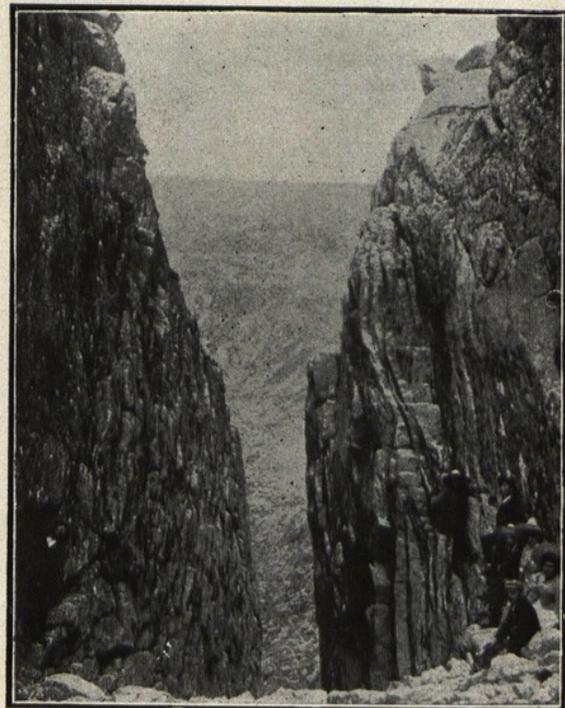
Sobresahem, pelo pittoresco, duas imagens que estão fóra do altar: a da esquerda é um manequim de madeira articulado com

pretensões a Menino Jesus; sustenta na mão esquerda o mundo encimado d'uma cruz, erguido o dedo indicador da mão direita. O melhor é o traje: a ingenuidade popular vestiu-lhe uns calções de veludilho preto já usados, uma farda do mesmo, á Napoleão, com uma divisa de cabo no braço, um chapéu braguéz na cabeça, e sapatilhas de marroquim atacadas; e como eu me sorrisse da figura, o ermitão informou-me, muito serio, que o *menino*, tinha fatos muito ricos em Ceia, e entre elles um de... Rei, com muitos dourados e medalhas.

E eu deduzi então que o *Senhor* estava em pequeno uniforme, e convenci-me que áquella altitude a magnanimidade de *Rei divino* é compativel com todas as mudanças de vestuario, mesmo com a que vae de cabo a... generalissimo!...

A outra imagem é impressionante de fealdade e tristeza; uma Senhora das Dores que mais lembrava uma horrivel megéra de cabellos esgrouviados e faces cadavericas de desenterrada, de expressão parada e traje miseravel.

Vamos direitos á cruz de Vasqueannes, subindo sempre, e de espaço a espaço temos que fazer alto e esperar por um companheiro retardatario, que é o *caixa da excur-*

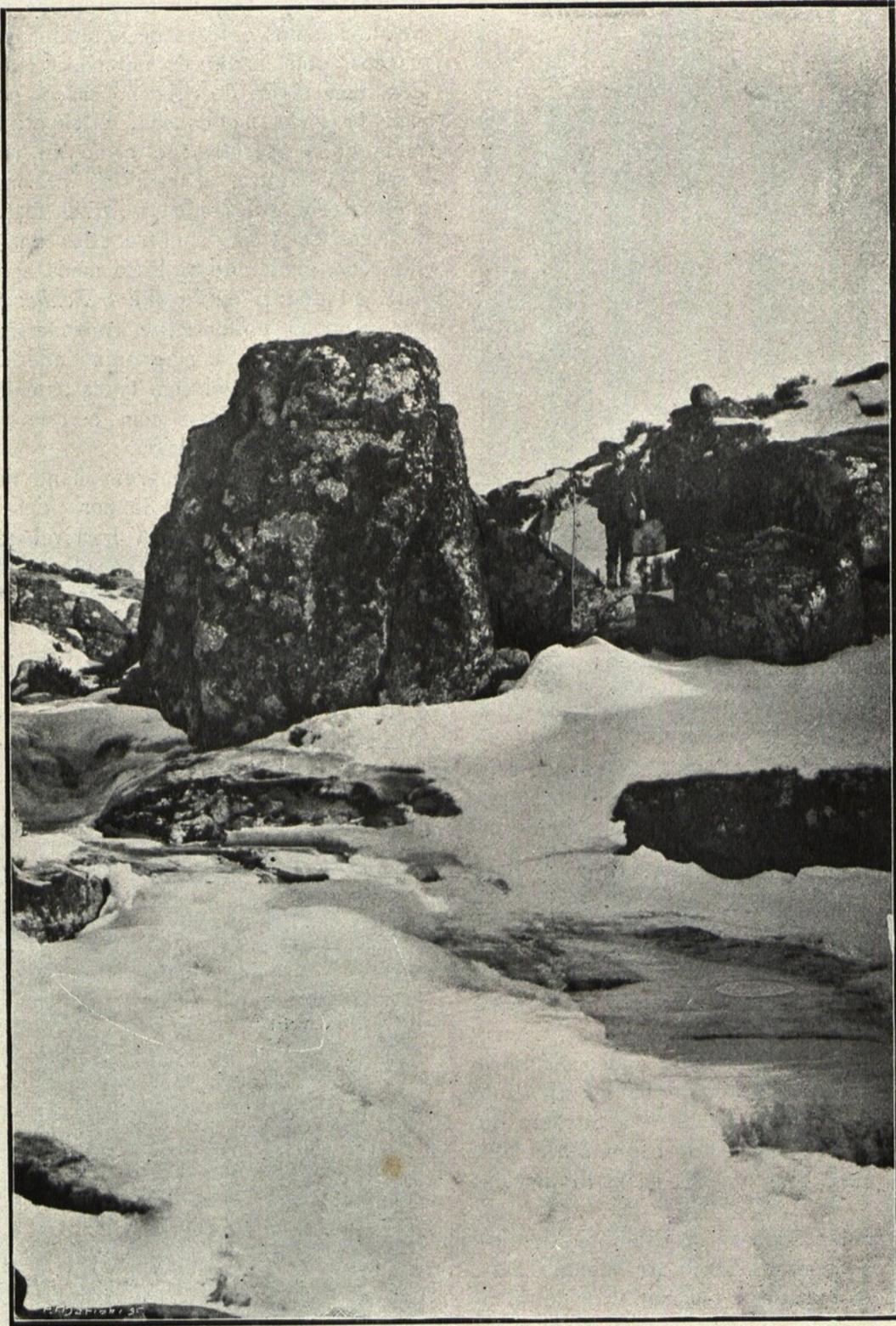


DESFILADEIRO DOS CANTAROS

Na Rua dos Mercadores

são e peza 108 kilos! Vem choutando n'uma burra branca de alforjes no albardão e um

Como elle fosse caricatural e extraordinario em todo aquelle atavio, chamava-



RIO ALVA GELADO

grande guarda-sol de ramagens azues aberto, suando por todos os póros e mandando ao diabo a serra e o passeio!...

mos-lhe «O Sancho» — «anda cá, Sancho!» — «vé se meches os untos, Sancho!» — e elle afinava!...

Tomâmos pelo cabeço de S. Bento, em direcção ao cabeço de Santo Estevão. A' esquerda, na pendente, de vez em quando, um batatal viridente dá á paisagem uma nota de vida, denunciando nascentes proximas, e no alto uns ganhões lavravam um pedaço de terra negra e fertil, tangendo de vagar os bois enormes, já azafamados na semeia do centeio.

A' direita o guia aponta-nos as *Penhas Douradas*, uma penedia que ao longe ergue

pascigos respectivos delimitam-se no alto da serra por estes signaes, por vezes insignificantes, mas que os pastores cuidadosamente conservam e renovam, ciosos dos seus direitos.

A caminhada até á encosta do Valle da Perdiz faz-se rapida, depois a descida é abrupta até ao fundo. Em frente, a meia encosta, avista-se já a estrada que de Gouveia leva ao Observatorio. Alcançamol-a rapidos e seguimos ávante.



OBSERVATORIO METEREOLÓGICO
Situado a 1:390 metros de altitude

os seus quatro dentes afiados e que áquella hora a que o sol vinha baixando tomava colorações alaranjadas, e brilhava scintilantemente, como se o calor lhe incendiasse o feldspatho.

A' medida que avançamos, d'um lado e d'outro notam-se por vezes nas cristas da penedia uns amontoados de pedras soltas sopezando ramos seccos de giesta.

Estes signaes têm um duplo fim: servem de pontos de orientação para os caminheiros, no meio do labyrintho intrincado de carreiros que sulcam a montanha, e de balisa para a delimitação dos *termos* dos pascigos.

Os rebanhos de cada um dos concelhos limitrofes pastam só dentro dos seus termos e os

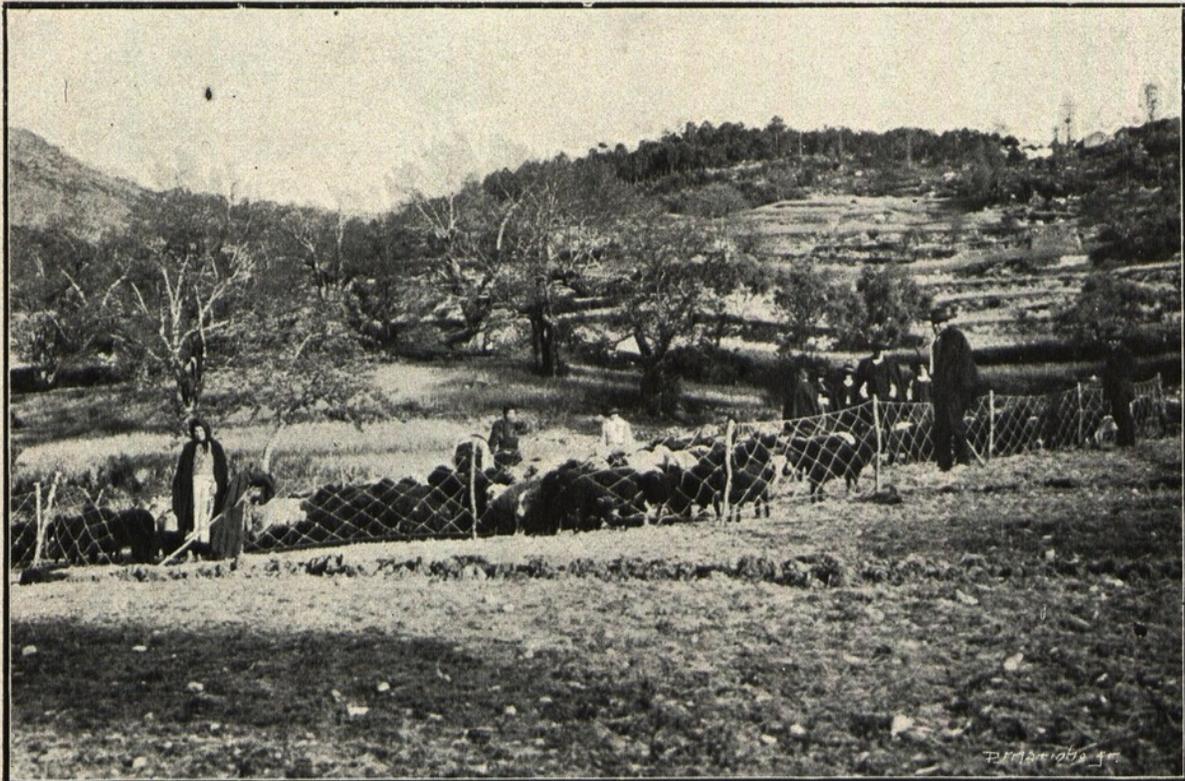
O sol vinha caindo, de modo que, quando, pouco depois o guia nos levou á Nave de Cabaços onde deviamos pernoitar, já entravam de luzir as primeiras estrellas. Para o fundo o ceu tinha ainda laivos sanguineos que a pouco e pouco cambiavam do alaranjado ao violeta, ao roxo, ao cinzento, até se diluirem na meia tinta indecisa da noute.

Acampámos junto a um veio d'agua. Armada a barraca reclamámos a ceia e uma ração d'agua ardente. Sim, senhores! Porque no dia 24 de agosto, com uma noite purissima, batia-se o queixo ao cair da noite a 1:439 metros de altitude!...

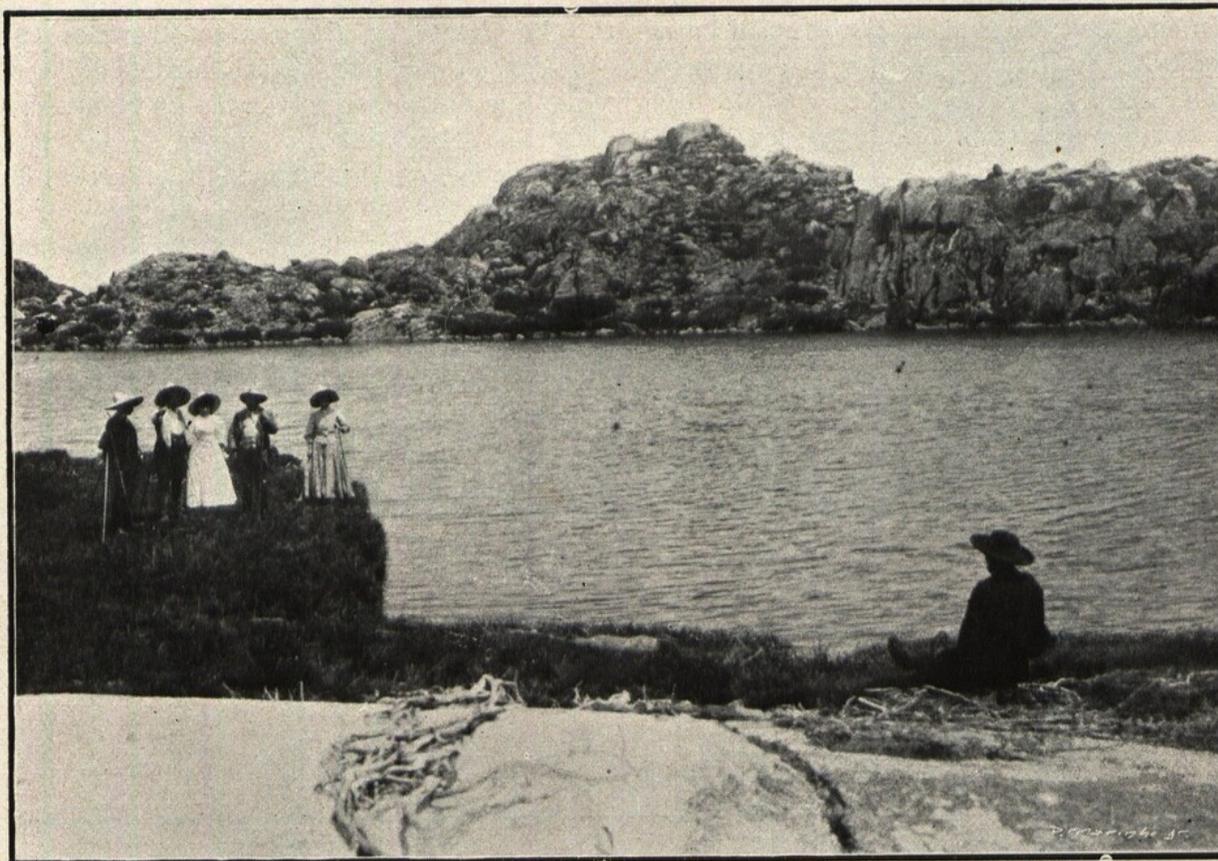
Em breve uma fogueira enorme illumi-



ACAMPAMENTO DE UMA CARAVANA NO COVÃO DO BOI
A 1:900 metros



REBANHO NO REDIL, NA FALDA DA SERRA



LAGOA DO PEIXÃO OU PAIXÃO

nava tudo espalhando um calor bemfazejo que nos entorpecia.

Ainda ao deitar houve um começo de revolta na caravana e protestos energicos contra a obesidade de *Sancho* que tomava o lugar de tres, mas a fadiga podia mais e venceu. A fogueira esmorecia n'um ultimo brazido e a pouco e pouco uma grande quietação se estendeu por sobre os homens e as cousas, só cortada do remoer constante dos bois e de latidos de rafeiros vigilantes na guarda das ovelhas que amalhoam os alqueives.

DA NAVE DE CABAÇOS AO OBSERVATORIO —
A VISTA ESPLENDIDA DO COVÃO DE MANTEIGAS — A CASA DE CEZAR HENRIQUES — A TISICA E AS ALTITUDES — ANTIGO E NOVO OBSERVATORIO — PELO VALLE DAS EGUAS PARA AS PENHAS DOURADAS — O VALLE DO CONDE — ACAMPAMOS DE NOVO — O LAPÃO DO RONCA — PASTORES E REBANHOS — COMO UM CÃO VENCE UM LOBO — QUEM É O «CHIM-CHIM» E COMO ELLE ROUBA OS LOBINHOS DOS COVIS.

Mal a manhã entrou de clarear, quando as estrellinhas de prata, no alto, desmaiavam

em ultimas scintillações, levantámos o arraial. A aragem matinal era vivissima, de modo que tivemos de exigir do bom *Sancho*, que era o *caixa* (havia quem lhe chamasse *burra* por elle ser muito gordo!) mais uma ração de aguardente.

Nave de Cabaços acima, cortámos a festo á estrada do Observatorio pela Nave da Rã. A estrada segue sempre a meia encosta da montanha — á direita a serra e a penedia continuam infindavelmente; á esquerda a grande concha onde de uns filetes de agua limosos e dôces nasce o Mondego — que alli se chama o Mondeguinho. Passamos-lhe por cima d'uma pernada! Parallelo a este valle corre o das nascentes do Zezere que no entanto é d'uma grandiosidade scenica perfeitamente diversa. E é por isso que Emygdio Navarro, ao comparar toda a doçura que resumava do Mondego desde as suas nascentes lamurientas até que vae babujar os salgueiraes de Coimbra e a imponencia de relevo das nascentes do Zezere, na grandiosidade do Covão dos Cantaros, diz que o Mondego é um rio que só por descuido foi posto na serra. Um rio piégas! O valle estende-se para norte até muito longe e para lá

distingue-se sobranceiro, no esfumado e na indecisão da luz, o vulto negro do castello da Guarda.

Já o sol surdira ha muito quando chegámos ao Observatorio. A' direita a estação telegrapho-postal e o antigo Observatorio um pouco atraz, n'um aspecto exterior de pobreza e de abandono; á esquerda a casa de Cesar Henriques, o primeiro tisico da serra, alapada debaixo d'um enorme fragão e que á simples vista nos dá ideia das accomodações que tem. Olhada de norte, nada a denuncia no amontoado dos penedos, a não ser uma varanda.

(*Continúa.*)

Em frente ha algumas construcções humildes, de madeira e zinco, chalets de locação que olham sobre o covão de Manteigas, alguns desmantellados outros de pé, mas todos com o aspecto banal de barracões de armazens.

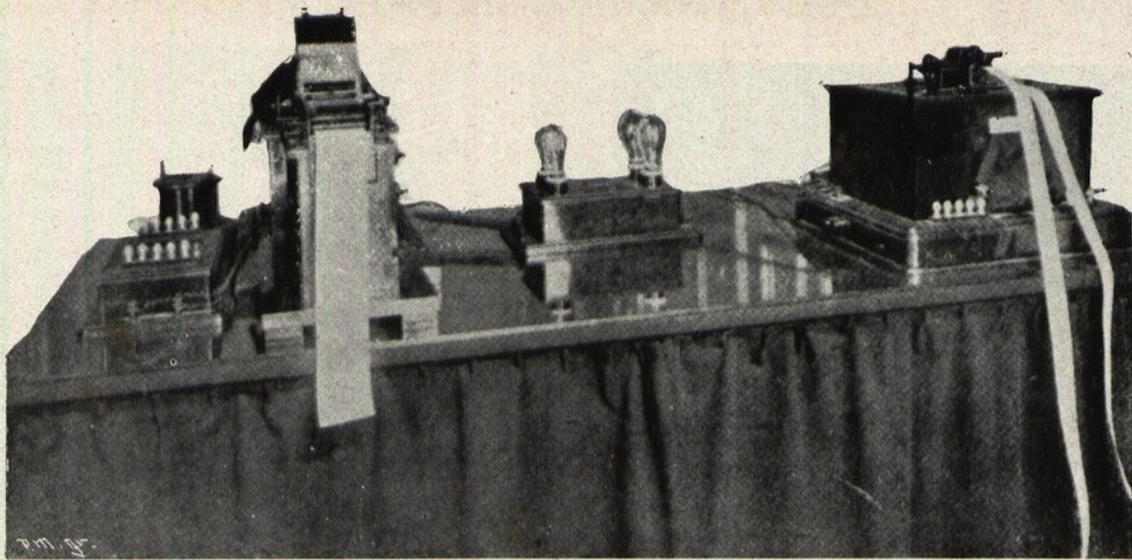
O novo Observatorio é em baixo sobranceiro a Manteigas — é uma construcção moderna e elegante de granito que tem um corpo central atorreado e dois pavilhões lateraes. Corre-lhe a frente uma varanda.

Quem do novo observatorio se abeirar do grande valle que onde corre o Zezere fica realmente maravilhado.

A. DE SOUSA MADEIRA PINTO.



MERCADO MENSAL DE SANTA MARINHA
O mais importante nas faldas da serra



MACHINA TELEGRAPHICA POLLAK E VIRAG

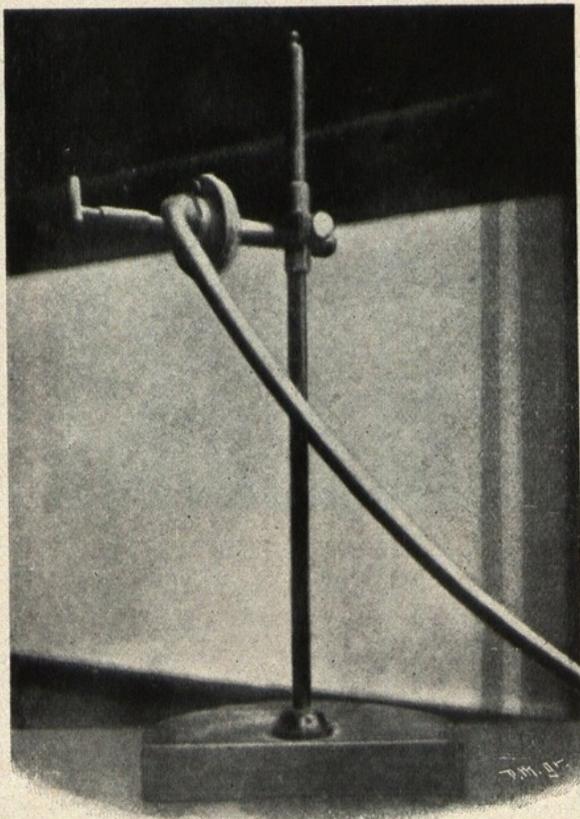
A photographia da palavra



TODAS as novas maravilhas mechanicas são resultado de combinação de um grande numero de principios e forças já conhecidos. Constituem estes a ferramenta do inventor, as fontes d'onde elle está continuamente arrancando novos prodigios, graças á sua habilidade em reconhecer as vantagens praticas que podem derivar das investigações do homem de sciencia, seu collaborador. Combinar o principio do phonographo com o da camara photographica tem sido ha muito o sonho dos inventores por todo o mundo, mas até hoje nenhum conseguiu construir uma machina que, em se lhe falando, registre photographicamente as palavras. Temerario fôra, n'estes tempos de sciencia adeantada e de grande engenho mechanico, asseverar que nunca se attingirá a solução do problema. Acaso não foi elle já resolutamente atacado? E não é certo terem alguns trabalhadores alcançado resultados que alentam a esperança de se chegar qualquer dia ao ambicionado *desideratum*?

Dentro do espaço, necessariamente exiguo, de um artigo de magazine, seria impossivel dar uma resenha completa de todas as tentativas feitas para photographar a palavra. O nosso objectivo aqui é descrever as experiencias recentes de um conhecido sabio parisiense, o Dr. Marage, cujo nome ha muitos annos se tem identificado intimamente com assumptos de phonetica experimental e theorica. Estas experiencias são assaz impressionantes para lhe dar jus a reclamar a descoberta de um meio pratico de photographar a fala humana e a gabar-se de que os registros por elle obtidos, sob a fôrma de vibrações, não de palavras, teem real valor para aquelles que souberem lel-os.

A photographia da fala sob a fôrma de vibrações diagrammaticas só se tornou possivel ha poucos annos pela introducção de um papel extremamente sensivel. Calculou-se que os sons que formam a syllaba *la*, sexta nota da escala musical, contam não menos de 2.610 vibrações por segundo; portanto, para se conseguir o registro d'estas vibrações, cumpria ter um papel capaz de receber uma impressão em $\frac{1}{2610}$ de segundo. Tendo alcançado um papel com o neces-

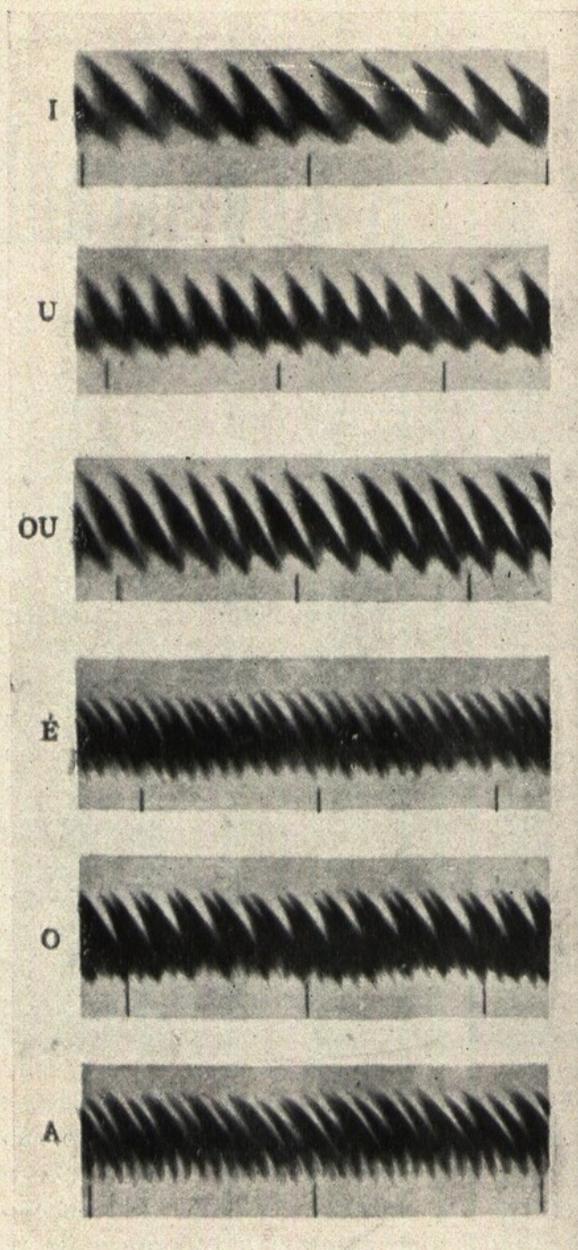


APPARELHO DE KOENIG PARA PHOTOGRAPHAR
AS VIBRAÇÕES DA FALA

sario grau de sensibilidade, o Dr. Marage obteve em 1898 os registros, que reproduzimos das vogaes francezas, I, U, OU, E, O e A. Serviu-se d'um aparelho inventado por Koenig, mas por elle proprio aperfeiçoado a tal ponto que se eliminaram todas as causas do erro. E uma especie de lampada de acetylene, combinada com uma membrana circular de borracha, a qual, por meio de um tubo, pode ser posta em vibração por ondas sonoras. Quando se fala para o interior do tubo, depois de acender a lampada, a chamma executa uma série rapida de vibrações, as quaes, photographadas n'uma tira de papel que se move á razão de cêrca de um metro por segundo, se viu que variavam de vogal para vogal. As vogaes I, U e OU eram caracterizadas por uma só chamma, embora cada uma d'ellas distincta, como dizemos, de outra; E e O por um grupo de duas chammas; e A por um grupo de trez chammas.

Apparentemente simples, este methodo de obter uma prova photographica legivel da fala é na realidade de uma applicação assaz difficil. O aparelho de Koenig é util para

trabalhos de laboratorio, mas só para esses; o Dr. Marage tratou pois de descobrir um meio mais pratico de attingir o seu objectivo. Animaram-n'o especialmente certas observações que lhe haviam sido feitas por varios professores de canto que assistiam ás suas conferencias sobre physica biologica na Sorbonne. «Servimo-nos do phonographo para o nosso ensino», disseram-lhe elles, e achamol-o muito util. «Mas que enorme vantagem, se nós dispuzessemos de apparelho que habituassem os discipulos a *verem* seus erros e defeitos! Seria possivel construir-se tal apparelho?» Poucas semanas depois, em fins de dezembro de 1903, conseguia o



PHOTOGRAPHIA DE VIBRAÇÕES, QUANDO SE PRONUNCIAM
AS VOGAES FRANCEZAS

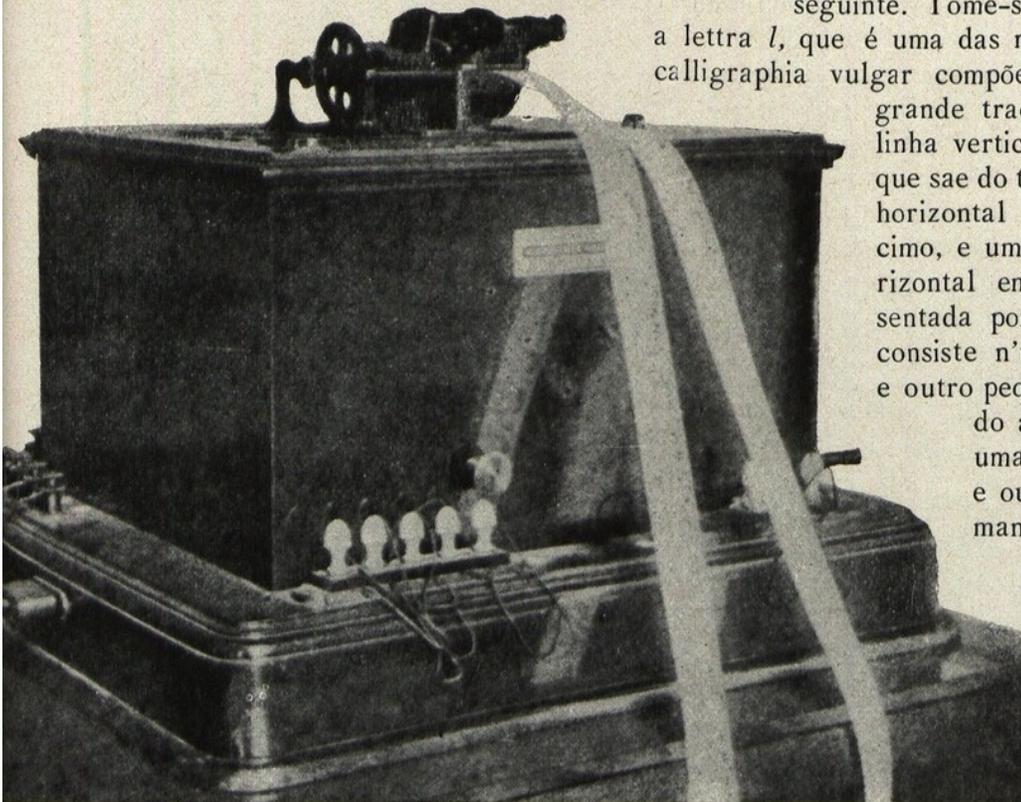


O DR. MARAGE, INVENTOR DE UM METHODO DE PHOTOGRAPHIA DA PALAVRA

Dr. Marage fornecer-lhes o que elles necessitavam.

Esta nova machina para registrar photographicamente as vibrações da voz, baseia-se inteiramente no principio do apparelho telegraphico Pollak e Virag, que acaba de ser apresentado, depois de varios aperfeiçoamentos, á Sociedade de Physica da França. Inventada por dois hungaros, esta prodigiosa machina telegraphica, capaz de transmittir 40:000 palavras por hora, já resolveu, até certo ponto, o problema da photographia da palavra, visto photographar com infallivel exactidão, e á distancia de alguns centos de milhas, uma mensagem escripta. Por meio de uma machina de escrever especial, tão simples que uma creança pode em poucos minutos aprender-lhe o serviço, a mensagem é estampada n'uma tira estreita de papel. As perfurações irregulares n'essa tira correspondem a letras escriptas. Cada letra do alphabeto foi analysada e reconstituída em furos grandes e pequenos da maneira seguinte. Tome-se, por exemplo,

a letra *l*, que é uma das mais simples. Na calligraphia vulgar compõe-se ella de um grande traço vertical, uma linha vertical mais pequena que sae do traço, outro traço horizontal que os une no cimo, e um traço curto horizontal em baixo. Representada por furos, a letra consiste n'um furo grande e outro pequeno, permittindo a transmissão de uma corrente forte e outra fraca, e formando assim os traços verticaes, acrescentando-se dois outros furos pequenos que transmittirão os traços hori-



O TRANSMISSOR POLLAK E VIRAG

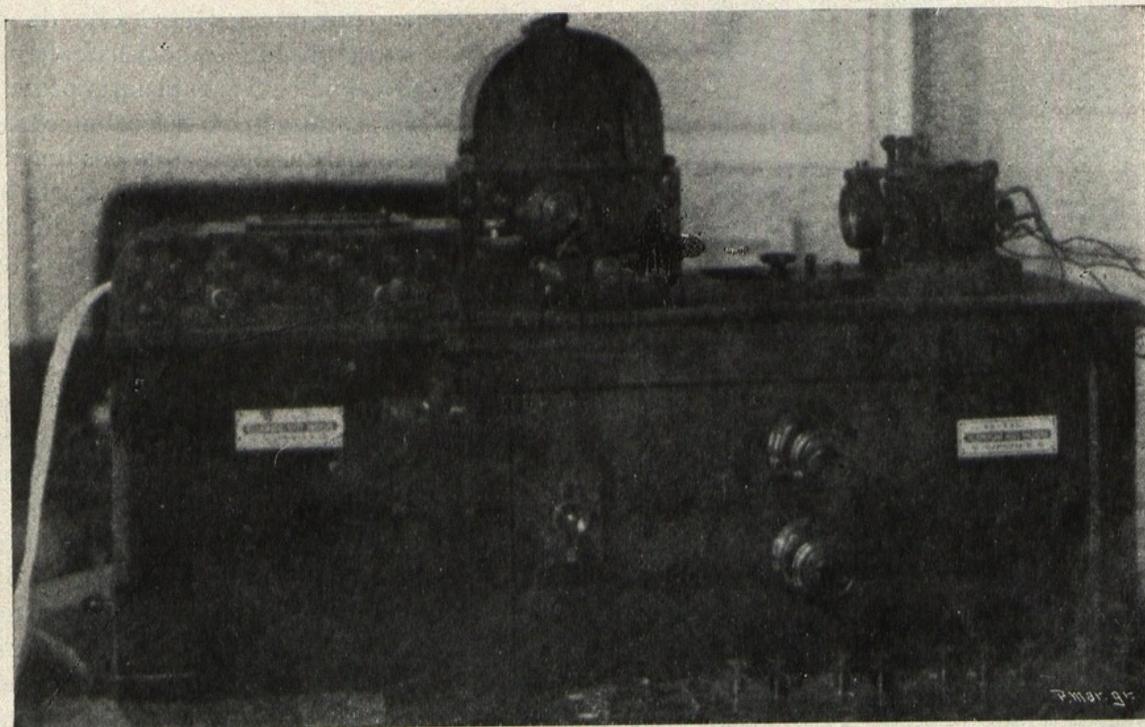


ESCREVENDO UM DESPACHO
PARA TRANSFERENCIA PELA MACHINA TELEGRAPHICA POLLAK E VIRAG

zontaes nos dois extremos da letra. Estas correntes electricas seguem-se com tal rapidez que a letra, em vez de ser angulosa, tem quasi a curva elegante de um *l* bem calligraphado. D'este modo se formam as letras do systema Pollak e Virag, consistindo cada uma d'ellas em dois, trez, quatro, cinco, até onze, furos grandes e pequenos.

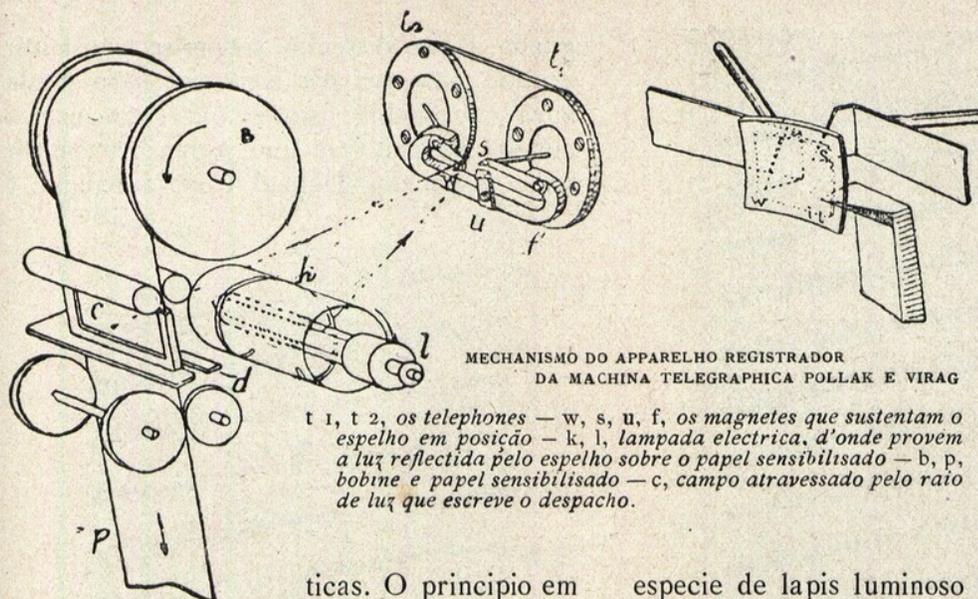
Escrepta que foi a mensagem n'este alfabeto perfurado, insere-se a tira de papel no transmissor, o qual consiste n'uma roda de gyro rapido, com a espessura exacta da tira, e uma especie de escova de aço que sobre ella se aperta ligeiramente. O papel passa entre as duas peças, e como estas se acham ligadas aos polos positivo e negativo das baterias, o resultado é passarem as correntes electricas, mais ou menos longas e mais ou menos separadas, atravez dos arames até ao aparelho registrador.

A maior parte, senão todas, as machinas telegraphicas actualmente usadas, a Hughes, a Morse, a Baudot, etc., são electro-magne-



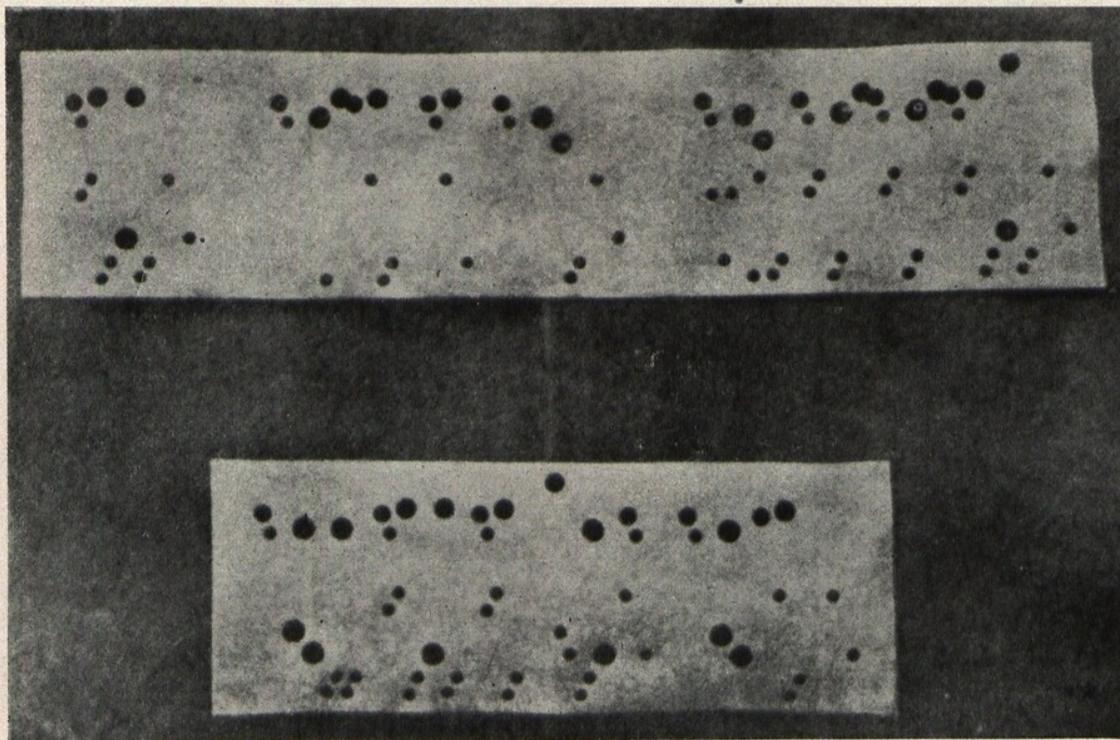
O REGISTRADOR POLLAK E VIRAG

À direita, o telephone, o espelho e a lente; à esquerda, o aparelho para produzir o despacho photographico

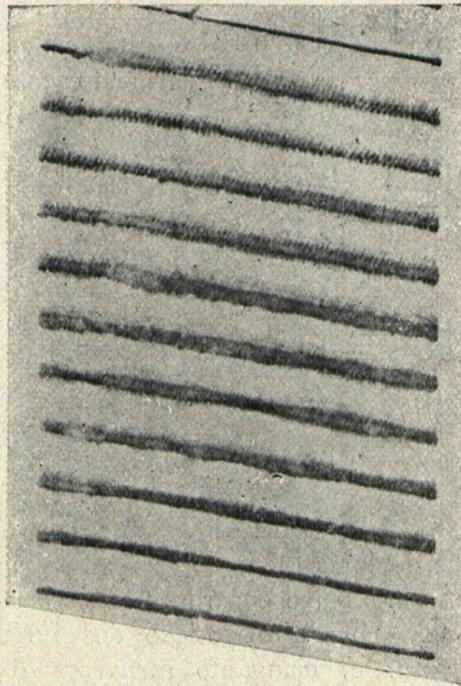


tas. O principio em que assenta o registrator Pollak e Virag é completamente diverso; é o mesmo em que se baseia o telephone. As correntes electricas expeditas pelo transmissor são recebidas no outro extremo dos fios por dois telephones, um para a parte vertical, outro para a parte horizontal do despacho. Aos microphones d'estes instrumentos ligam-se umas pequenas varas que respondem a cada vibração, e a estas connexões magnetizadas está fixado um pequeno espelho, ligeiramente concavo. Que acontece quando se transmite uma mensa-

gem? O espelho está em movimento constante, vertical e horizontalmente, e o raio de luz, que elle reflecte atravez de uma lente interposta entre elle e o papel photographico, actúa necessariamente da mesma maneira. Este raio de luz é uma especie de lapis luminoso que se move para cima e para baixo e para os lados em concordancia com a disposição dos furos na mensagem, e, enquanto atravessa o seu campo de duas pollegadas e meia, movendo-se incessantemente para deante e para traz, as palavras ficam indelevelmente photographadas. O foco de luz é uma lampada electrica ordinaria, collocada um pouco abaixo do espelho, e o papel photographico está em continuo movimento automatico. Depois de impressionado, passa para um banho de revelação, d'ahi para uma solução fixativa, e finalmente sae por uma fenda estreita com

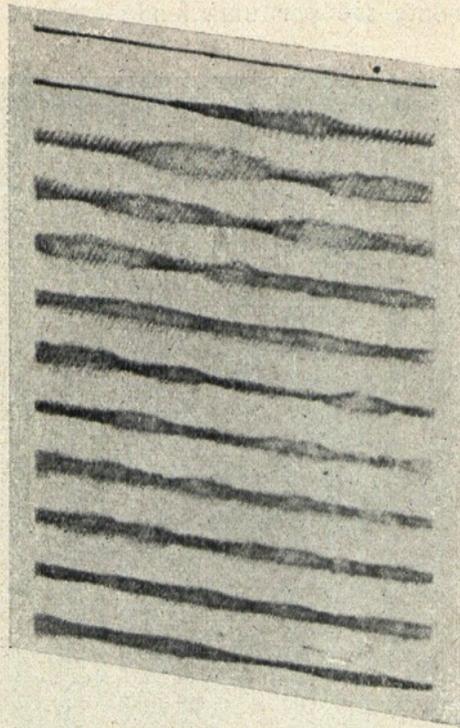


AS PALAVRAS INGLEZAS «A VERY GOOD MACHINE» (UMA MACHINA MUITO BOA) ESCRIPTAS NO ALPHABETO POLLAK E AIRVG



ESCALA ASCENDENTE CANTADA PELO TENOR IBOS,
DAS OPERAS DE PARIS E MILÃO

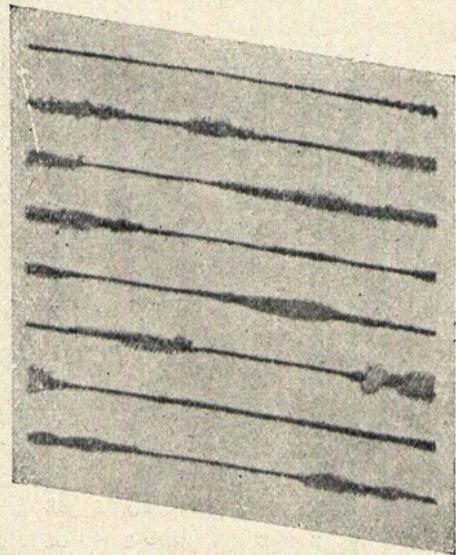
uma rapidez quasi magica. Cada linha escripta, que — como se verá da reproducção que acompanha este artigo — é tão nitida como se houvesse sido escripta á penna, corresponde a cêrca de um quarto de se-



ESCALA DESCENDENTE INCORRECTAMENTE CANTADA
POR UM PRINCIPIANTE

A irregularidade das vibrações é uma demonstração ocular dos defeitos da emissão.

gundo. Como dissemos, podem-se transmittir 40:000 palavras por hora, por meio d'esta nova telegraphia; isto é, quarenta vezes o numero de palavras que podem transmittir tanto a machina Hughes como a Baudot, e

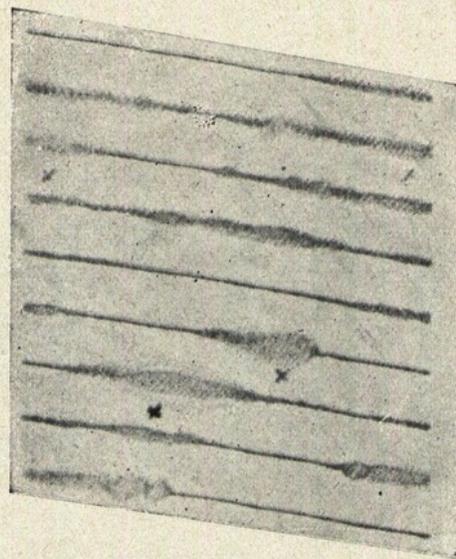


UMA PHRASE INGLEZA CORRECTAMENTE PRONUNCIADA
POR UM INGLEZ

A phrase é: «A thing of beauty is a joy for ever» (Uma cousa bella é um prazer eterno — Phrase de Ruskin).

cem vezes tantas quantas se podem transmittir pelo apparelho Morse.

Ao modificar esta engenhosa machina, a qual, seja dito de passagem, está destinada á adopção universal em vista da economia



A MESMA PHRASE INGLEZA
INCORRECTAMENTE PRONUNCIADA POR UM FRANCEZ

As cruces indicam as palavras «A», «thing», «beauty» e «ever», em que o francez achou mais difficuldade, d'onde proveiu o caracter explosivo das vibrações.

the new post office
 in the course
 of a few days
 the office of works
 will commence the
 erection of the new
 post office which
 will occupy the site
 of Christ's Hospital
 the ground which
 covers an area
 of three acres and
 a half in the cen-
 tre of the city offers
 an ideal situa-
 tion for a central

que trará ao telegrapho, o Dr. Marage supprimiu o transmissor e substituiu-o por um microphone, ligado apenas a um dos telephones receptores, aquelle que dirige os movimentos verticaes do espelho. Cada vibração da voz pode assim transmittir-se e photographar-se. A vantagem pratica d'isto, para os professores de canto, é enorme, pois que os habilita a provar aos discipulos pelo sentido visual tanto os seus defeitos como as suas qualidades. Podem com effeito observar-se os seguintes elementos, ao estudar qualquer registro dado da voz de um cantor:

I — A duração de cada nota, contando-se o numero de linhas em que estão inscriptas

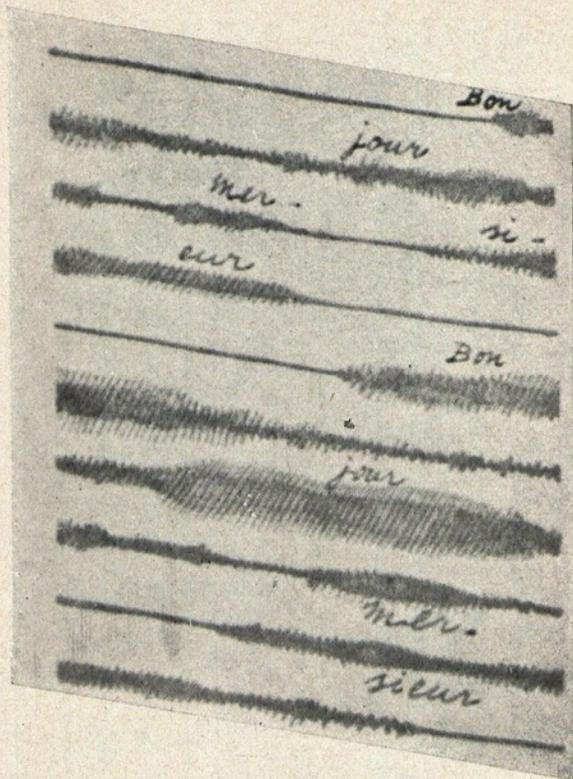
not office, it is
 not proposed howev-
 er to cover the whole
 of that site with
 the new buildings
 owing to the fact
 that a large por-
 tion must be devoted
 to open spaces in
 order that the vehi-
 cular work may be
 carried on without
 congestion and con-
 sequent delay.

UM DESPACHO DE 104 PALAVRAS (EM INGLEZ) TRANSMITIDO PELA MACHINA TELEGRAPHICA POLLAK E VIRAG EM 7 1/4 SEGUNDOS (1)

as vibrações. Se ha trez linhas, é que a nota durou tres quartos de segundo; se ha quatro, durou um segundo; visto que cada linha representa um quarto de segundo.

II — O tempo que decorreu entre a emissão de cada nota, visto que uma linha perfeitamente recta mostra não ter havido vibrações a photographar.

(1) Traducção: «Nova estação do correio — Dentro de poucos dias a repartição das obras dará começo á construcção da nova estação do correio, a qual occupará o local do Hospital de Christo. A superficie, cobrindo uma area de tres acres e meio, no centro da cidade, offerece uma situação magnifica para uma estação central do correio. Não se projecta comtudo occupar toda essa area com as novas edificações, visto que uma extensa parte deve ser destinada a espaços livres permittindo que a circulação dos vehiculos se faça com desafogo e rapidez.»



A PHRASE FRANCEZA «BONJOUR, MONSIEUR» PRONUNCIADA
CORRECTAMENTE E INCORRECTAMENTE

Esta segunda representa a pronuncia viciada de um camponio francez.

III — A homogeneidade dos sons, pelo exame da regularidade das vibrações.

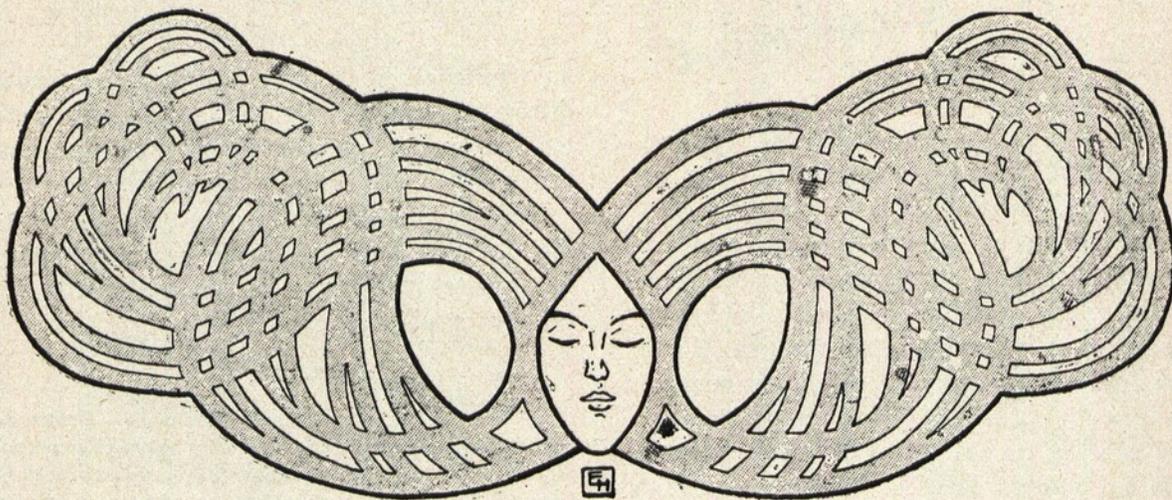
IV — A correcção das notas, pela conta-

gem das vibrações em cada linha, multiplicando-as por quatro. Por esta forma se pode obter o numero de vibrações por segundo.

Ora estes quatro elementos são precisamente os que dirigem o methodo de todos os bons professores de canto, e de enorme auxilio será no ensino o demonstrar photographicamente os pontos fracos da voz do discipulo.

Ao mesmo tempo, este receptor Pollak e Virag modificado, que pareceria conter um mecanismo de tal forma susceptivel de aperfeçoamento que constituisse um instrumento perfeito para a photographia da palavra, pode prestar consideraveis serviços aos professores de dicção. Compare-se o registro de uma phrase correctamente pronunciada em francez ou em inglez com outro que mostre os vicios da má pronuncia, e logo os defeitos d'esta ultima saltam aos olhos sem deixar duvidas.

Parece pois que a descoberta do Dr. Marage, combinada com o systema telegraphico Poilak e Virag, nos dá fundadas esperanças de que se chegue dentro em pouco ao almejado proposito scientifico de photographar a palavra. E escusado encarecer o alcance d'este maravilhoso resultado, que assegurará a perduração da palavra falada, como a imprensa assegura a da palavra escripta.





Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

SYNOPSIS. — Capítulos I a XV: Bruce Ingersoll, no momento de sahir da Universidade de Cambridge, precisa arranjar um modo de vida e pagar as suas dividas de estudante. Offerece-se para secretario e é contractado por Jean Cavanagh, grande magnate dos caminhos de ferro canadianos, cujo pae foi morto pelos nihilistas em Baku. Avista-se com Cavanagh n'um hotel londrino. Partem subitamente para «A casa do Fen», residencia de Cavanagh, mysteriosamente vedada. Ingersoll examina no seu quarto o jornal da noite e depara-se-lhe a noticia de um nihilista allemão que foi pelos ares no seu laboratorio, bem como tres dos seus cumplices. De noite é acordado por um grito afflictivo. O primeiro trabalho de Ingersoll, como empregado, é redigir um relatório de certas ruas e casas d'algumas cidades estrangeiras, muitas das quaes estavam situadas em viellas sórdidas e mal afamadas. De tarde, n'um passeio a cavallo, encontra uma formosa mulher e uma creança. A mulher perdera a razão. Subitamente Jehan Cavanagh resolve partir para Antuerpia na esperança de encontrar vestigios de Paulina Mamavieff, a mulher que matou seu pae em Baku. Quando a procissão se dirige para a capital ha uma terrivel explosão, e apenas se dissipa o fumo, Paulina Mamavieff é presa no meio do ajuntamento. A' noite Cavanagh e Ingersoll, disfarçados, visitam uma casa deshabitada, dos bairros pobres da cidade, onde Dubarrac, o auctor do attentado da manhan, e os seus desvairados companheiros são vistos no predio fronteiro. A multidão descobrindo os nihilistas assaltam a casa, e um dos do bando, tentando fugir pela janella, cae á rua. Blondel communica a noticia que Paulina foi capturada e que está na prisão de Bruges. Ouve ali a narrativa de Paulina.

XVI

RAIZ E TRONCO

Conheci immediatamente, apenas sahi para o corredor, que elle me vira, e as suas primeiras palavras confirmaram a minha sombría convicção.

— Não ha duvida — disse — a pequena é francesa.

— Como o discriminou, capitão?

— Não foi agora. A resposta seria negativa. Ao senhor é que lhe toca queixar-se della, Mr. Ingersoll. Ou não?

— Creio-a absolutamente innocente, capitão.

— Deve imaginar que o acredito. Muita gente o acreditaria por um momento. Temos cá outro da quadrilha!

— Outro!

— Mostrar-lho-hei. Não é um especimen attrahente. Não creio que receba muito chocolate. Por aqui, Mr. Ingersoll.

Voltou abruptamente para outro corredor e conduziu-me por uma estreita e escura escada até uma cellula subterranea e circular situada nas fundações do edificio. Uma porta fortissima, com grades e chapas de ferro, denunciavam antigos seculos e moderna degeneração.

— Este era o «segredo» quando o duque de Alva governou a Hollanda — informou

o capitão tranquillamente; — amarravam o preso a uma cadeira e collocavam-n'o de modo que a agua lhe cahisse na cabeça gota a gota. Na primeira hora ria, na segunda delirava, na terceira entrava na agonia e no dia immediato estava doido varrido. Um pouco deste remedio na actualidade seria um bom antídoto para o Terror. Vou mostrar-lhe um dos seus apóstolos.

Bateu uma pequena pancada na porta, e convidou-me a entrar. Esperava quasi ver o que vi, mas nem por isso o facto me surpreendeu menos. Ahi, agachado num escabêlo, a um dos cantos da cellula estava o velho do vapor e do mercado: o anonymo, o barbudo, o importuno, que me pedira por amor de Deus para salvar Paulina.

— Quando foi prêso? — inquiri.

A resposta foi:

— A noite passada. Andávamos á procura delle desde que os meus amigos tinham chegado a Antuerpia. Ha mais tres desta especie ainda á larga nesta cidade de Bruxellas. Quando conseguirmos aferrolhar tambem esses podemos dormir descansados nas nossas camas sem pesadêlos.

— Sabe o nome desse homem?

— Não tem nome... isto é, o nome não significa nada para nós. Chama-se André, de Sebenico, uma cidade da costa da Dalmacia. Sabe Deus quando elle de lá sahiu. Declarou em Paris que era judeu italiano. Barcelona desejará deitar-lhe a mão; Genova tambem tem não sei qué para lhe dizer.

— E que vão fazer d'elle?

— Pedir-lhe que trabalhe durante o resto dos seus dias; e quando não queira, chibatá-lo até que se resolva. Pensava que o interessariam estas novidades. Mr Ingersoll: enquanto se demorar em Bruges, tenha cuidado. Lembre-se que o não podemos seguir por toda a parte.

Agradeci-lhe o cuidado e voltei immediatamente para o hotel, scismando todo o caminho o que faria se Mr. Cavanagh não me respondesse. Felizmente não houve necessidade de reflectir durante tanto tempo, porque foi a primeira pessoa que encontrei quando me dirigia para o meu quarto. Com elle estava o trigueiro Blondel tão conversador, tão optimista, tão cheio de confiança como sempre. Nenhum delles, comtudo, me enganou. Percebi que ambos estavam anciosos por me apanharem pelas costas.

— Meu caro Ingersoll, conseguiu então convencer-se?

— Absolutamente convencido — repliquei dogmaticamente.

— Vem então de luvas brancas calçadas?

Blondel riu, um pouco grosseiramente, raciocinei.

— E' o poder das caras bonitas — commentou offerecendo-me um cigarro.

— Diga-nos o que pensa do velho André, do dalmatino? — inquiriu Mr. Cavanagh.

Pasmava, na verdade.

— Sabe que o prenderam?

— Meu caro amigo, requisitei a sua prisão a noite passada, e não supponho que fossem tão levianos que me desobedecessem. Andamos todos ligados. Tiremos as luvas brancas e vamos comer... nos meus aposentos, lá em baixo. Estranha, Ingersoll, que me hospedasse num hotel? E' a velhice que anda de volta commigo, cuidado com ella! Faça a diligencia por não envelhecer. E' um senão imperdoavel.

Retorqui-lhe que me acautelaria e desecemos para almoçar, mas não tornámos a falar nem em Paulina nem no velho dalmatino.

Trouxeram bastantes telegrammas enquanto comiamos, e um despacho, que indubitavelmente vinha da policia. Este ultimo pareceu inquietar não pouco Mr. Cavanagh, e entregou-o a Blondel com uma observação que não pude ouvir. Quando escreveram o que quer que fosse a esse respeito, Blondel sahiu apressadamente, e Mr. Cavanagh accendeu um charuto e assomou-se á janella.

— Que lhe parece Bruges, Ingersoll?

— Entorpece-me, Mr. Cavanagh.

— Muitas historias e muitos tamancos.

— Muito de hontem, o que é sempre enervante, por mais que o admiremos. Toda a gente que construiu esses templos e que pintou esses quadros está morta. Não sei o que a nossa geração ha de deixar atrás de si.

— Boas lonas para os que vieram depois pintar. Muito papel para uma nova geração de auctores e não pouca serradura. Os nossos meritos estão gravados em ouro... nas libras inglêsas, principalmente. Agrada-me que não goste de Bruges; tambem a mim me enerva. A proposito, tem boa vista, Ingersoll? Vê daqui um trem na rua?

A pergunta afigurou-se-me ironica, mas fingi não dar por tal.

— E' possível — respondi — talvez distinga um carro com cavallos de um de mão.

— Não; refiro-me a um dos nossos *cabs* inglezes guiado por um cocheiro de cabello ruivo. Chama-se Dave Mahoney e é oriundo de Chicago, Ingersoll. Desejo que veja se elle passa durante o tempo em que eu ando por fóra; e se vir o nosso amigo, manda recado no mesmo instante á gendarmeria? Toque a campainha; comprehendem logo; o meu creado está á porta.

Encontrava-me fundamente intrigado, escusado é dizer, mas prometti-lhe tudo quanto desejava. Mr. Cavanagh preparava-se para sahir, mas antes tocou-me no assumpto das luvas brancas.

— A pequena protestou a sua innocencia, supponho — exclamou elle, indo direito á materia sem nenhuma observação preliminar. Respondi-lhe, é claro, que não.

— Persiste nas suas declarações — affirmei, — mas descobri o motivo da sua persistencia. Tem um namorado... é natural. Tenho a certeza que se escudou com ella.

Reparei que essa hypothese não lhe occorrera ainda, e durante um instante permaneceu immovel a debatel-a.

— Não — declarou por fim, — as nossas investigações contradizem esse asserto. Havia dois homens com ella — André, o velho miseravel que se encontra na prisão, e um sacerdote grego, chamado Euclithenes. Não existia nenhum amante.

— Evidentemente.

Estacou e olhou para mim com o ar amavel que lhe era peculiar.

— Santo Deus, Ingersoll, estima que não tivesse amante?

— Estimo.

Tenho então que o magoar... breve. Não o devo poupar, Ingersoll.

— Espero que não, Mr. Cavanagh. Do que precisamos acima de tudo é da verdade.

— Concordo comsigo... da verdade. Diga isto ás mulheres que lamentam os seus filhos em Antuerpia hoje e ellas responderão: «Sim, a verdade...» e depois as suas consequencias.

Era uma lição ver o aço dos seus olhos quando pronunciou essas palavras. Um homem deliberado, afora as suas palavras

diamantinas; li no seu olhar a rectidão dos fins e uma resolução firme que nenhum argumento abalaria.

Procederia contra essa gente com a inexorabilidade de um juiz. A piedade não entrava no seu evangelho. Destruiria a raiz e os ramos, arremessaria a luva em qualquer cidade que escolhesse para o fazer, dedicava a sua vida, a sua grande fortuna, a este simples anhelos — a sua vingança e a paz do mundo. Era tudo isto o que o seu olhar significava. Voltou-se depois para mim, e era já o meu bondoso chefe quando me disse:

— Mas esquecemos o *cab* — suggeriu com um sorriso; — é tempo de partir, Ingersoll. Aqui tens charutos; não lhe dou jornaes. Lembre-se, á gendarmeria, antes de contar dez... se o *cab* passar por aqui.

Prometti e Cavanagh sahiu. Eram cerca das duas horas de uma tarde cheia de sol; a rua estava tão concorrida que a minha tarefa não era facil. Passavam trens incessantemente para a estação central, mas não apparecia nenhum *cab*, guiado por qualquer cocheiro ruivo. Os charutos eram excellentes, não tinha do que me queixar; os transeuntes, elegantes flamengos, apressados franceses e americanos, caminhavam açodadamente e proporcionavam-me scenas de comedia. Viam-se ali pares em viagem de nupcias, que eram os que mais me divertiam. *Ella* já perdera a timidez n'essa occasião. *Elle*, abjecto escravo dos seus caprichos, córava do papel, em quanto a esposa discutia com o cocheiro ou participava ao universo a sua tacanha opinião a respeito de Bruges e dos seus habitantes. Era este o fim da lua de mel, o despertar para a fria realidade congelada nas vidraças da imaginação, o principio da comprida estrada cujos marcos milliaros são a monotonia e cujo termo é ser avô.

Oh, pensava acima de tudo, como é facil de prevêr, n'aquella comprida tarde, pensava na juvenil prêsã; no velho que a seguira pela Europa para a proteger; das mentiras que me pregara e do cynismo com que respondera á minha accusação. Que era criminosa não me restava agora duvida. Fóra uma creança acreditando que o tiro que matara o pae de Jehan Cavanagh tinha sido desfechado ou pelo velho André ou pelo sacerdote grego que estavam a seu

lado no café. Se tivesse acontecido assim acabaria por me confessar a sua innocencia. Compromettera a minha palavra em acceitar as suas confidencias como coisa sagrada, em a protegêr das suas consequencias, e se tanto fosse preciso a nunca revelar o nome dos seus cumplices. Que a impedia de ser franca commigo se não era culpada, patientear a verdade com desassombro e com deliberada coragem?

Era criminosa não podia haver duvida. Aquella joven com os seus rasgados e expressivos olhos, com a bocca sóffrega de chocolate, com os labios rubros sazoados para os beijos, era uma criminosa que merecia a sorte a que ninguém a podia eximir. Fosse o que fosse que a esperava na Russia, não me dizia respeito. Não tinha mais que esquecer que a vira, apagar a sua recordação do meu espirito; talvez até envergonhar-me de lhe ter falado. Monologava isto com convicção, e, fazendo-o talvez pela centesima vez, olhei para a rua e avistei o *cab* por causa do qual estava de atalaia.

XVII

O HOMEM DE CABELLO RUIVO

O *cab* que via era muito differente, affirmo-o, do que eu phantasiara e pelo qual esperara toda a tarde. Em primeiro logar era um *cab* com rodas de madeira como todos os outros e com um nédio cavallo mettido nos varaes. Os transparentes não estavam corridos, pela simples razão das portinholas irem abertas. O homem do cabello ruivo tinha apenas algumas farripas, mas essas eram tão amarellas como se fossem areia. Não ia a galope como eu esperava (tólamente, ao que parece). O sujeito levava o cavallo num trote moderado em direcção da estação central; e embora a sua cara o tivesse feito condemnar em qualquer tribunal, não apresentava nada de mais extraordinario que um irlandez quando conduz um porco a uma feira. Foi a impressão que me deixou em quanto a carruagem rodava; mas não andara meia duzia de jardas quando eu me approximei da campinha; nem trinta quando um creado acudiu.

— Chamou, senhor?

— Vá levar isto immediatamente á gen-

darmeria. Mr. Cavanagh deixou-lhe instrucções?

— Deixou, sim, senhor; sei o que é.

O creado trajava a libré do hotel, mas não me lembrava tel-o visto antes. Depois de sahir, ainda me demorei á janella mais de meia hora. Tinha a certeza que Mr. Cavanagh voltaria breve ao hotel; regressou meia hora depois, vestido para viajar em automovel, e insistindo para que eu o acompanhasse. Quando lhe falei na carta, encarou o facto como já arrumado e com o qual não valia a pena preoccupar-se mais.

— Estou aqui para responder a isso. Vá buscar o seu casaco de viagem e um cinto. Vamos sahir e voltaremos tarde.

— Vamos de automovel?

— Está lá em baixo á porta á nossa espera.

Não fiz mais perguntas e sahimos immediatamente. Um grande Renault, de 20-30 cavallos, dos que acabavam de apparecer, arquejava defronte do vestibulo do hotel. Reconheci, com pasmo meu, que era guiado pelo mesmo homem que me conduzira de Londres a Waterbeach. O motivo porque partiamos e para onde, Mr. Cavanagh não pensou em m'o dizer. Não menos ancioso do que se mostrara ao lanche, puxou o capuz do seu comprido casaco para a cabeça e pôz os oculos antes de subir para o automovel, ao passo que o *chauffeur* me entregou outro par para eu o imitar. Sem trocar uma palavra, principiámos a jornada, dirigindo-nos, tanto quanto o podia julgar, para a porta de Ostende e para o mar. Dez minutos depois a cidade de Bruges ficava á nossa retaguarda, e, n'uma volta subita virámos para o norte, de modo a encaminharmo-nos para Bruxellas e não para Ostende.

— Não acha que o leito das estradas belgas é detestavel, Ingersoll?

— Detestavel não é bem o termo.

— E no nosso caso ainda mais. A innocente dama que está presa conversou commigo ácerca de quanto é perigoso e incommodo andar por esta estrada com explosivos nas carruagens?

— Não me lembro que discutissemos questões abstractas.

— Achou-o altamente voluvel, sem duvida. Deve escrever um artigo intitulado «A mulher na revolução social» quando formos para Inglaterra. Demonstrar com que faci-

lidade ellas se dedicam e se tornam advogadas submissas dos peores miseraveis da Europa. Dizer que as suas qualidades naturaes de verdade e de fidelidade se depravaram com esse falso sentimento de liberdade até que se transformam nas maiores mentirosas e nas mais despreziveis criminosas que teem existido. Eu não as pouparia; são mais difficeis que os homens, e Deus sabe quanto os homens são difficeis!

— Escreverei o artigo. Convenceu-me completamente, Mr. Cavanagh.

— Regosijo-me. O que vamos agora vêr mais lhe radicarà essa convicção... se ainda chegarmos a tempo, Ingersoll; se nada se interpuzer entre nós e muitas vidas que são dignas de ser salvas... como o é toda a vida.

Colhera o meu interesse na sua rede, e conhecia-o. Olhava para mim com olhos meio cerrados como lhe acontecia quando estava muito excitado.

— Vae então repetir-se o horror de Antuerpia, Mr. Cavanagh?

— Penso que não se chegarmos a tempo. Peça a Deus que cheguemos a tempo, Ingersoll. Imagine que somos nós proprios quem viajamos esta tarde no expresso de Bruxellas. Imagine que tres ou quatro diabos humanos se occultam em qualquer parte da linha para impedir que o comboio chegue ao seu destino. Supponha que a mulher que ama chega esta noite e raciocine o que se significa essa sua chegada. Não chega. Recebem-se telegrammas na estação, os empregados segredam aqui e ali. A verdade transparece. A Europa lamenta um novo crime. Foi dada mais uma lição aos reis e legisladores. Como? A' sua custa... por intermedio de algum ente que transportarão a sua casa e que nunca mais se moverá nem falará. O senhor ama, mas a Europa não se importa com isso. Não ha nada mais claro. Agradeceria a quem desse cabo d'esses malvados; chamaria indignado «assassino!» a quem lhe mostrasse os seus cadaveres em vez dos dos innocentes? Ha assumpto que sobre para um jornal... quando eu morrer talvez... quem sabe? Mas a penna pertence-lhe. Conheci isso quando li algumas centenas de linhas suas no *Quarterly*. Possui uma bella penna e será o meu advogado. Santo Deus, como o automovel dá solavancos! Mas a culpa é minha; não devemos ir

tão depressa. Chegamos com muita antecipaçoão.

A inconsequente mudança de assumpto, como é facil de perceber, denunciava um homem frente a frente com muitas emoções antagonicas. Não me senti incitado a responder ao seu indirecto appello, e era evidente que elle não esperava resposta. Percorriamos agora numa região chata e pantanosa que se prolongava até um indefinido horisonte de nuvens ramalhudas. Bruges ficava-nos á direita, as gigantescas flechas da sua cathedral iam-se desvanecendo pouco a pouco atrás de nós. Tanto quanto o pude observar as gradações deste monotono quadro eram exactamente as do verde esmaecido que Claude tão artisticamente emprega nas suas paizagens. O panorama era vasto e na sua vastidão havia manchas brancas de casaes, arvores enfezadas a orlar as linhas de agua e innumerous moinhos; divisava-se tambem um tracto de terreno conquistado ao mar, mas que ainda lhe pagava tributo por intermedio dos seus canaes e rioschinhos preguiçosos. Foi através destas planicies, que pareciam não ter fim, que corriamos com toda a velocidade, com a convicção de que muitas vidas dependiam da nossa diligencia (o que agora se tornava claro para mim) e esperando, como imaginara, que a noite protegesse os nossos movimentos até voarmos para junto do perigo.

Não me enganava n'esta ultima conjectura. Permanecemos approximadamente duas horas n'aquella tarde n'uma cervejaria a cêrca de quinze kilometros de Bruges. Logo que o sol se sumiu, e apenas tremeluziu o crepusculo, proseguimos no caminho. d'esta vez com toda a velocidade que o nosso esplendido automovel podia dar. Depois de meia hora de carreira encontrávamo-nos perto de Bruxellas; de subito parámos e sahindo da estrada entrámos no espaçoso pateo de uma herdade. Apeámo-nos ahi. Percebi que chegara o momento de nos pormos em acção. Era esse o instante e esse o logar.

— Tire a pellica, Ingersoll; iremos a pé.

— Muito longe?

— Uma milha ou menos. Tome; pode precisar d'isso.

Entregou-me um revólver e vi que estava carregado. Metti-o apressadamente na algibeira do casaco e segui-o através do ermo pateo. Para além da casa e de um quintal

que lhe ficava á retaguarda, depararam-se-me repentinamente as luzes vermelhas da linha ferrea de Bruxellas. Percebi que o nosso passeio não seria pela estrada e sim por esses carris de metal que resplandeciam deante de mim. Apenas abriu a porta do quintal, Mr. Cavanagh disse-me, sem poder occultar a sua anciedade:

— Iremos até o dique, lá lhe direi o que desejo. Ali, faça o que me vir fazer, confio em si, Ingersoll,

— Pode confiar,

A relva era fôfa e o piso magnifico. Aqui e ali, onde os canaes atravessavam a campina, éramos obrigados a trepar pelas vedas, ora abaixo, ora acima, com pés e mãos, pelas escarpas. Perto de nós passou, a ribombar, um comboio de mercadorias, mas nem o machinista nem o fogueiro nos viram. Quando parámos por fim, achava-me á sombra de um posto de signaes, cuja luz intensa brilhava na escuridão como um pharol n'uma costa. Observei que um riacho ou canal colleava por baixo dos carris logo atrás do posto dos signaes e era atravessado por uma ponte de madeira, que da estrada conduzia para um trilho que se prolongava para além. Não tive tempo para mais demorado exame, pois Mr. Cavanagh pôs-se de *gatinhas* e eu imitei-o acto contínuo. Foi assim que nos encaminhámos para o posto de signaes.

Fique aqui, Ingersoll; se apparecer algum homem na linha desfeche sobre elle sem mais formalidades. Comprehende... virá aqui para fazer ir pelos ares o expresso da noite... mate-o onde quer que o veja.

Não me deu margem a responder. Seguiu immediatamente agachado, para além do posto, a coberto das trevas. Ali fiquei eu, só, acocorado na relva do talude, com a brisa da noite a cantar nos arames que corriam por cima da minha cabeça; com a luz a relampejar na escuridão, com o revólver empunhado, com uma série de zumbidos a assobiarem-me aos ouvidos. Acreditava, ou imaginava acreditar, que eu nunca faria o que Mr. Cavanagh me pedira. Disparar sobre um homem a sangue frio, fossem quaes fossem as circumstancias, afigurava-se-me uma coisa tão terrivel que os meus dedos se gelariam antes de puxar pelo gatilho.

Ao mesmo tempo acudiu-me outro pensamento não menos terrivel, que o expresso poderia salvar-se com este supremo sacrificio dos meus principios. Não posso descrever como isso se passou... uma rajada de luzes no meio da escuridão, trovejou por cima de mim como a cabelleira de um cometa. Santo Deus! a quanto pode levar a insania ou o fanatismo de uma crença! A expectativa era horrivel. Vigia a linha como se quizesse crear phantasmas para a minha propria perda. Cada sombra apresentava a forma de um homem que levantava os carris. Os fios de arame harpejavam uma musica infernal. Pensava ouvir passos era redor de mim, os meus dedos crispavam-se na coronha do revólver e involuntariamente mexia no gatilho. Santo Deus, se tivesse que desfechar em defesa propria!

Não soubera mais nada de Mr. Cavanagh durante aquelles longos momentos, nem o tornei a ver até tudo se resolver. N'este momento appareceram tres homens na campina, e dirigiram-se para a pequena ponte por cima do canal ou riacho. Surgiram subitamente, sem fazer bulha com os pés, nem trocar uma simples palavra. Vi-os abeirarem-se e consultarem-se em segredo. Depois de tomarem uma decisão, um d'elles principiou a arrastar-se pelo talude, mas não do meu lado, e logo que alcançou a crista, desapareceu immediatamente ante os meus olhos. Percebi então que os tres tencionavam apoderar-se do posto dos signaes e que era esse o motivo porque Mr. Cavanagh ahi me collocara. Calculei que planeavam fazer descarrilar o expresso e aproveitar-se das trevas para fugirem. Quando me lembrei que o homem se dirigia para o posto dos signaes, e que Mr. Cavanagh se encontrava com certeza no seu caminho, senti formigueiros nos nervos e a respiração tornou-se-me tão offegante como se corresse á desfilada.

Que acontecera? que significava a continuação do silencio? Não ouvi gritar; apenas vi o signaleiro manobrar com os aparelhos. O expresso acercava-se, dizia-o o semaphoro; o homem da ponte não chegara ao ponto desejado, mas presentemente um d'elles assobiou baixinho, e, não obtendo resposta, conferenciou com o companheiro, e deliberadamente tirou o que quer que fosse da algibeira interior do casaco.

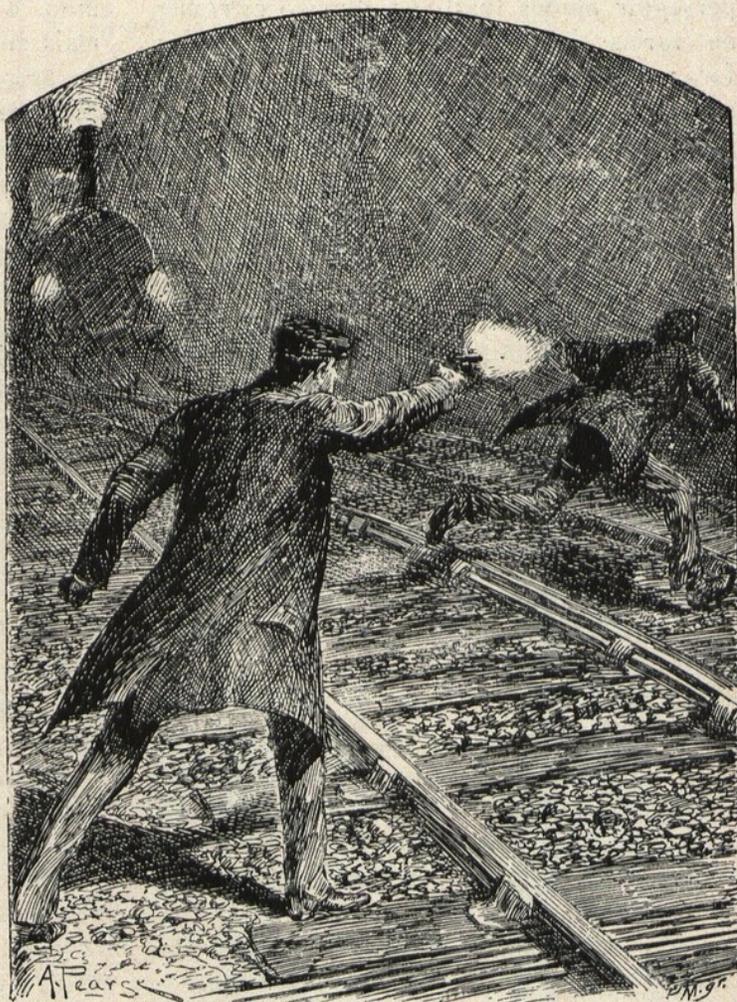
Feito isto, dispôz-se a atravessar a ponte e, segundo parecia, preparava-se para se approximar da linha a umas cem jardas d'onde eu estava. O que o obrigou a parar não sei, mas fez alto e estacou durante o tempo preciso para contar até dez. E, durante esta paragem, ouvi pela primeira vez aquelle som surdo que annuncia a appproximação do comboio, aquella profetica, inconfundivel mensagem das linhas que nenhum ouvido, experiente ou inexperiente, desconhece.

O expresso, disse, approxima-se; o homem que conservava nas mãos o tal objecto occulto estava ali perto; encaminhou-se a passos largos para a ponte, estacou de novo, tornou a andar e então no meio da bulha de um grito afflictivo, as tabuas deram de si e elle cahiu de pé no canal.

Tudo isto succedeu, escusado será dizer-se, n'um lugubre instante, demasiado rapido para permittir quaesquer impressões nitidas: era extremamente terrivel para ser rememorado rapidamente. O que principalmente me surprehende é a limpidez com que certos pormenores se me gravaram na memoria. Lembro-me perfeitamente como o homem cahiu, com as mãos unidas ao corpo, com a cabeça deitada para trás como se quizesse evitar que a agua lhe chegasse aos labios, com o hombro inclinado para uma das trincheiras. Se veiu á tona de agua as trevas velaram-me a sua apparição. Não ouvi segundo grito. O sugeito do talude, corria furioso de um para outro lado, mas parecia não tentar nenhum esforço para o salvar. Não havia vestigio do terceiro dos velhacos, do que se dirigira para o posto dos signaes. Ninguem se mexia ante o homem que se afogava, ninguem diligenciava soccorrel-o.

Eu pela minha parte não arredei um passo do sitio onde tinha sido collocado de vigia. Desenhou-se-me, como n'uma fulgurante visão, o expresso que se avisinhava, com as carruagens apinhadas de gente, e resoaram de novo aos meus ouvidos as ve-

hementes palavras de Jehan Cavanagh. Succedesse o que succedesse ao louco que se submergira, o meu dever era conservar-me n'aquelle posto; e fil-o, tremendo tanto como um homem com febre e com tão estupendo terror que não sei como não gritei apavorado. Permaneci immovel e divisei um homem na linha, correndo velozmente pelo pantano



DESFECHEI ENTÃO O MEU REVÓLVER SOBRE ELLE

adiante. Desfechei então o meu revólver sobre elle... sem o prevenir, sem perguntar a mim mesmo se era justo disparar ou não,

Desfechei o revólver, disse, e o estampido ainda não se apagara quando o expresso ribombou junto de mim, com a machina a vomitar cinzas inflammadas, com as carruagens inundadas de luz, com o carro das bagagens, dormitorio, sala de jantar, salões — um grande rasto de fogo, com uma instantanea apparição de rostos vistos através das janellas, com lampadas na cúpula, a fazer scintillar o azul, o verde, os dourados

dos tectos apainelados. O silencio que se seguiu depois de passar este relampago durou talvez uns dez segundos. Nesse instante, como se tivesse sido dado algum signal préviamente combinado, surgiram e correram homens de todos os lados, homens armados que vinham não se sabe d'onde, pesquisando cada travessa, saltando e gritando uns para os outros como se se tratasse de perseguir muitos fugitivos. Ouvei o estrépito de varios tiros de revólver pela campina fora; uma machina de soccorro com um salão atrelado, acercou-se de nós na parte inferior da linha transportando vinte gendarmes. Apareceu nesse momento tambem Mr. Cavanagh, caminhando com passo rapido. O official cumprimentou-o e ambos começaram a conversar com vivacidade. Mas Mr. Cavanagh não me esquecera. Acenou-me para me juntar a elle e a primeira phrase que proferiu foi a respeito do meu desastrado tiro.

— Deve aprender a atirar ao revólver, Ingersoll. Se tivesse sido um pouquinho mais habil, o maior velhaco da Europa não andava agora á solta. O nosso velho amigo Dubarrac, nem mais nem menos.

— Era Dubarrac sobre quem eu disparei?

— Tão verdade como o senhor tel-o errado. Bem, fizemos o que pudemos e estes cavalheiros farão o resto. Vamos regressar a Bruges com uma velocidade mais commoda do que a que trouxemos. Se Blondel não estivesse tão occupado leval-o-hiamos.

— Blondel está aqui?

— Na casa do agulheiro. Possui uns excellentes dedos para uma garganta dura e ámanhan a prisão terá mais um hospede. Viu o que se passou, Ingersoll... seguiu o que aconteceu?

Contei-lhe que vira os tres homens na ponte e que um d'elles cahira na agua.

— O sugeito que entrou na casa do agulheiro, estava sob a sua vigilancia — disse eu.

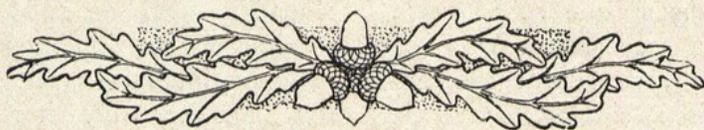
— Assim era; Blondel apanhou-o. Serrámos a ponte esta noite, porque se tornava evidente que não praticariam o attentado exactamente no poste dos signaes e sim um pouco mais abaixo. Podiam ter ido pelo seu lado, e então a sua tarefa seria um pouco mais séria. Estava preparado para isso, mas os nossos elementos tinham sido reduzidos, por que mandei hontem mesmo vinte homens para Madrid. Para dizer a verdade, foi um caso inesperado. Se não encarcerassemos o seu miseravel velho das barbas o comboio teria ido para Jerichó. Pensavam que viajava nelle o gran-duque Ivan... os jornaes tornaram-se echo d'essa noticia. Mas, como vê, Ingersoll, as pessoas nem sempre estão onde os jornaes asseguram estar.

Mr. Cavanagh encontrava-se fortemente excitado; eu não me sentia menos. A scena era das taes que excitaria fosse quem fosse. Pela planicie adeante retumbavam exclamações dos homens que perseguiam os scelerados. A locomotiva golfou um grande jorro de luz vermelha no sitio em que nos achavamos; havia ali soldados com archotes que examinavam a linha, luzes vermelhas dos signaes que brilhavam por cima das nossas cabeças, a cara esbaforida do agulheiro a quem nós salváramos como por milagre. Iamos regressar a Bruges... para quê?

Não tentei responder á pergunta, mas, entrando no salão com Mr. Cavanagh, dei-me cahir n'um sofá e inquiri de mim mesmo que pensaria eu se tivesse desfechado sobre o assassino Dubarrac e visse o seu cadaver inteiriçado no meio dos carris luzidios.

(Continúa.)

Traducção do inglez de EDUARDO DE NORONHA.



A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II—O PAIZ

ALEMTEJO

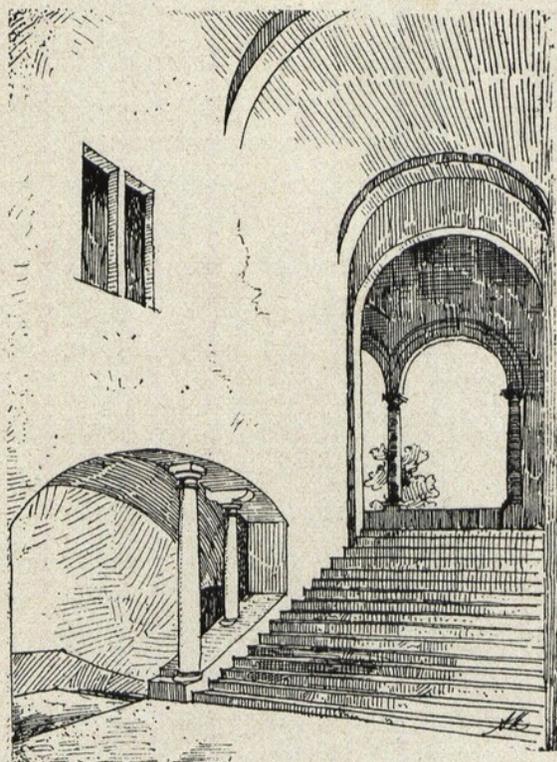
Entre os edificios votados ao culto, além da cathedral gothica, do primeiro periodo ogival, attrahe a vista a igreja de S. Francisco, como a mais digna de nota e para nós a de maior interesse, mercê da sua tão caracteristica feição exterior. E' uma das mais vastas edificações religiosas dos fins da edade-média, o lanço do côro erigido ainda em vida de D. João II, e emprehendida a conclusão pelo seu successor. D. Manuel accrescentou á nave central de tão grandiosa impressão o adro e a torre, decorando a igreja com summa riqueza. O exterior, principalmente, é de um aspecto proprio, original, quanto possivel, com uns visos, por assim dizer, de mesquita; para o que concorre a parcimonia de janellas.

A nave, á excepção do grande janelão olhando ao poente, conta apenas duas frestas, dois espiraculos, rectangulares, na nave transversal, tão explicita externamente; no côro, uma janelã, e não obstante, é de optimo effeito a illuminação.

Transposto um adro de cinco abobadas de artezãos aguentando um eirado, penetra-se na igreja, constituida por uma nave central com sete capel-

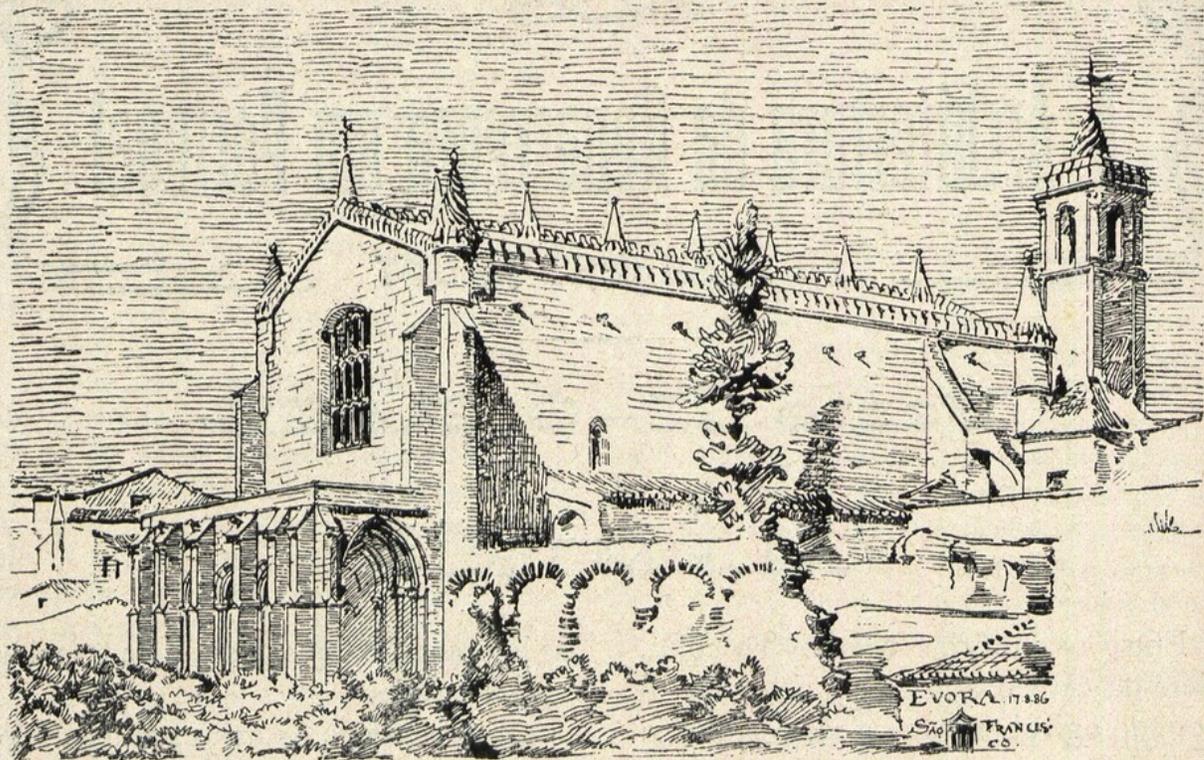
las lateraes, das quaes a ultima é maior e mais ampla.

A igreja, salvo os das esquinas, não apresenta botareus, terminando supe-



DE UMA CASA DE EVORA

riormente n'uns corucheus conicos, torres; coroada de ameias em todo o prolongamento das paredes, e ainda o proprio espigão do telhado, tal qual a torre.



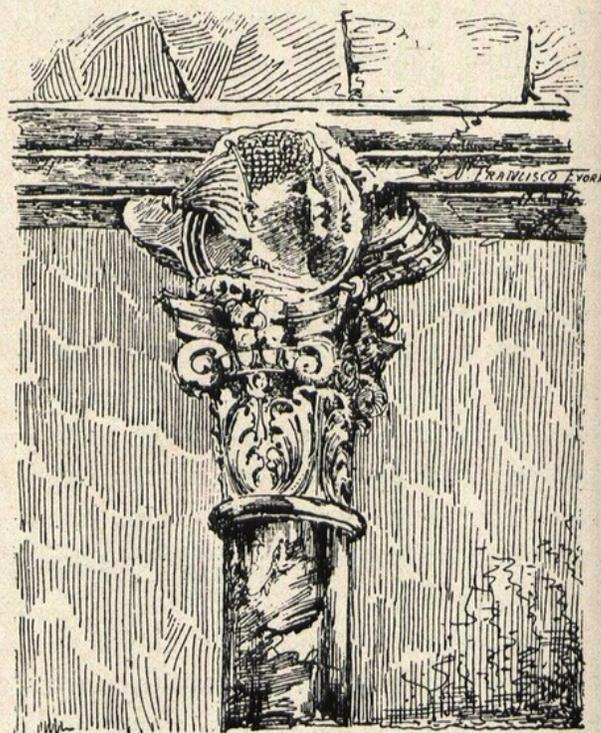
EGREJA DE S. FRANCISCO, EM EVORA

As minudencias architectonicas são gothicas tercearias; na integra, a ornamentação, comtudo, affecta umas formas tão intumescentes e selvaticas, como outras ainda não vi; os capiteis, na generalidade, apresentam uma folhagem disposta em sentido horizontal, muito grossa, tosca, e com as arestas indentadas.

E' de suppôr que os trabalhos technicos que por aqui se vêem, na sua generalidade, até 1520, e talvez mais tarde, hajam passado, mais ou menos, por mãos de mouros, constructores da maioria das abobadas. A velha mouraria e a judiaria (coevas) ainda hoje apresentam vestigios na cidade e abrangem espaço importante.

A igreja, manifestamente, estriba-se ainda, no gothico. O mestre da obra foi Manuel Lourenço (1507-25), o qual, desde 1513, tinha entre mãos a construcção dos regios Paços. Tanto a sumptuosa decoração do côro, ultimada

aqui no cadeirado do côro e no altarmór por Olivet de Gand em 1508, como a pintura das vidraças e de outras especies por Francisco Henri-



DO CÔRO DE S. FRANCISCO

ques, em 1527, ainda hoje se conservam.

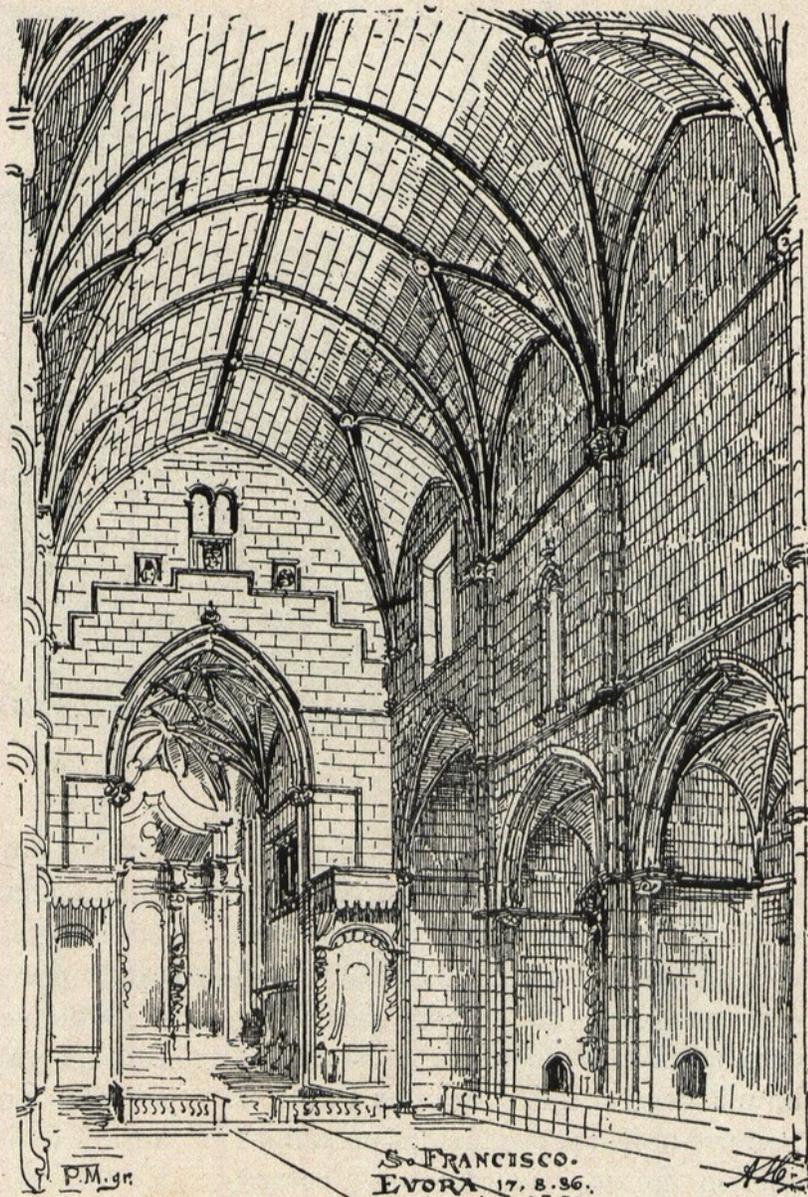
Pertence á época da Renascença a deliciosa tribu-ninha da abside de cõro, construida expressamente para o rei, com arcos geminados, columnas medias, consolas nas impostas e rico parapeito ornata-do; primoroso lavôr de cinzel no estylo joannino, primacial.

O claustro ostenta uma guapa arcaria sobre esbel-tas columnas geminadas, de fôrmas identicas ás da egreja.

E' digna de nota ali a bem conservada traça do antigo jardim, represen-tada por umas caixas altas, muradas, entrecorri-das de veredas, cuja plan-ta estabelece um bonito padrão architectonico, com uma fonte ao centro. Estas caixas, por fóra, são forradas de azulejos e dão-lhe o nome de alegretes.

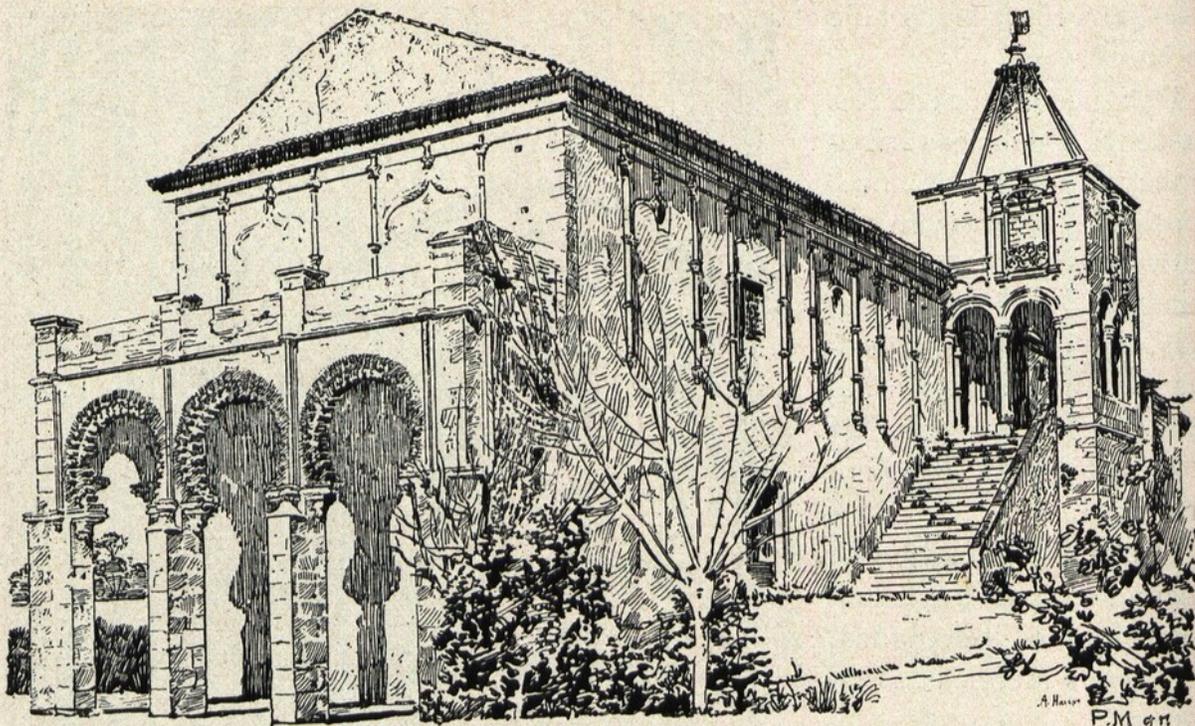
Em ligação directa com o pouco menos de arrazado convento deparam-se os regios Paços, por motivo d'essa ligação designados amiude Paços de S. Francisco; os lanços intermedios desabaram quasi que de todo, conservando-se ainda de pé uma estreita e extensa ála da veneranda residencia.

Este lanço é visivelmente um comprido salão, em cujo centro se abre o atrio atorreado com uma escadaria descoberta. A primeira metade, toda ella abobadada, com angulosos botareus e umas janellas singelissimas, data ainda



INTERIOR DE S. FRANCISCO

do reinado de D. Affonso V. O outro lanço é caracteristico da éra manueli-na. O piso terreo, no seu conjuncto, é abrangido por uma singela arcaria com uma ponderosa abobada ogivalada sobre pilares oitavados, por cima corre uma sala com quatro janellas gemina-das na face longa e duas na mais estreita. Estas ultimas encimam uma açotêa abobadada, cujas tres abobadas descansam sobre a mais notavel arca-ria mourisca, denticulada de ladrilhos. Elucida-o a estampa annexa. Encontram-se na cidade trabalhos identicos, aqui



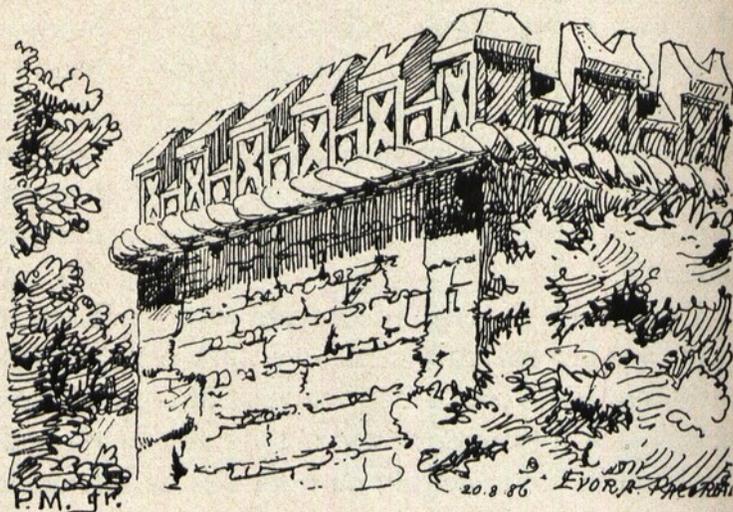
PAÇOS REAES DE EVORA

e acolá, como, por exemplo, o palacio dos duques de Cadaval (das cinco quintas). O pavimento inferior apresenta as janellas de arco de ferradura, tão características da cidade de Evora. com archivolta abaulada e esbelta columna central, tal como nos Paços da Sempre-noiva, reproduzidos no tomo I, edificio ao qual voltaremos a referir-nos. O tão característico torreão com a sua dupla columnata no piso terreo ostenta no lanço superior uma deliciosa janella da primeira Renascença, enquadrada por pilastras e com parapeito ornatado, coroada por um arco de volta abatida, com a concha. O pinaculo é de fórma conica e os alizares, abaulados.

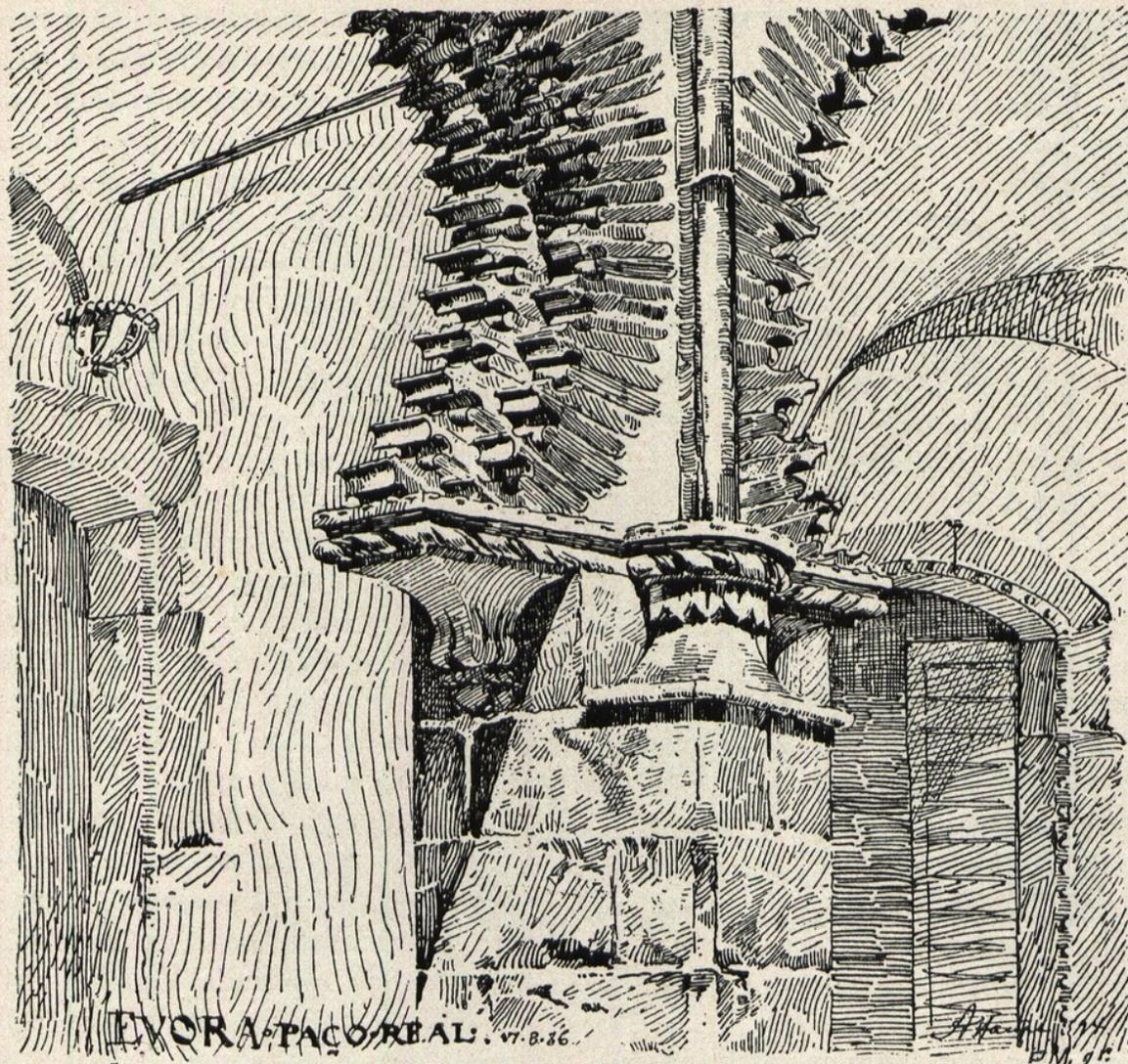
Das antigas construcções do palacio resta apenas um robusto torreão, cujo diadema de ameias decorado em esgrafito por cima da cimalha

torcida em calibre se póde ver na estampa adjunta, e contigua, um exemplo da technica mourisca preponderando por aqui no seculo xvi.

O convento de freiras de S. Bento conserva, apenas, das suas antigas construcções uma abobada muito rica e um adro á semelhança do de S. Francisco. E' notavel, proximo ao côro, a sacristia com a sua abobada reticulada, de pesadas arangões rectangulares, datando



TORRE NOS PAÇOS REAES DE EVORA



DO VESTIBULO DOS PAÇOS REAES DE EVORA

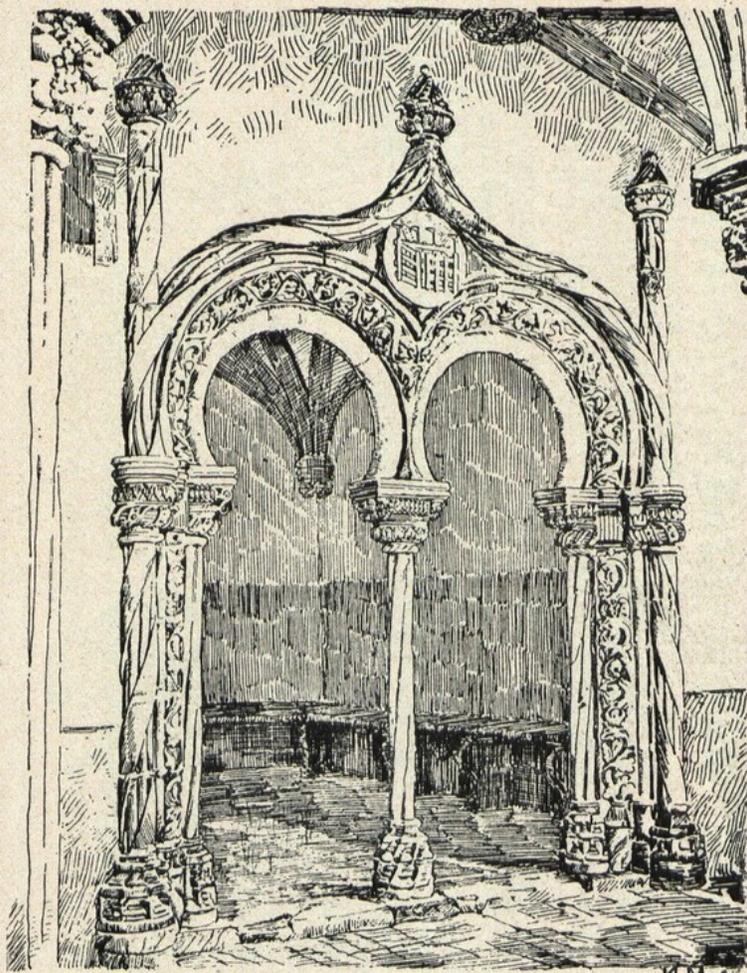
do meado do século XVI, ou talvez de mais tarde.

No convento de S. João Evangelista, intitulado, também, dos Loyos, pouco se vê hoje em dia do antigo edificio da igreja, da era de 1485. Foi reconstruida totalmente em época posterior; a igreja actual encerra, porém, na capella, á mão esquerda da nave transversal, dois mausoleus interessantes; sobreleva ao outro o de Manuel de Mello, fallecido em 1493, um conjuncto architectonico de marmore branco, com pilastras por alizares, inscrevendo uma arcada, na qual se encerra o sarcophago; por cima d'este as armas do

fallecido, o arco ostentando um medallhão, com uns genios nos seguintes.

E' torpe e pesadona a elaboração; todavia, é talvez o trabalho mais antigo datado da Renascença em todo o paiz. O mausoleu defrontando a encantadora sepultura de marmore de Francisco de Mello, da era de 1536, é de cumprido lavôr e corresponde á escola franceza de esculptores, de Coimbra, que por aqui deixou vestigios.

E' originaria da mesma época a casa do capitulo, quadrada, cuja perfeita abobada reticulada ostenta feição manuelina, e ainda o portico communicando a sala com o claustro, esteado



FORTAL DO CLAUSTRO DE S. JOÃO EVANGELISTA, EM EVORA

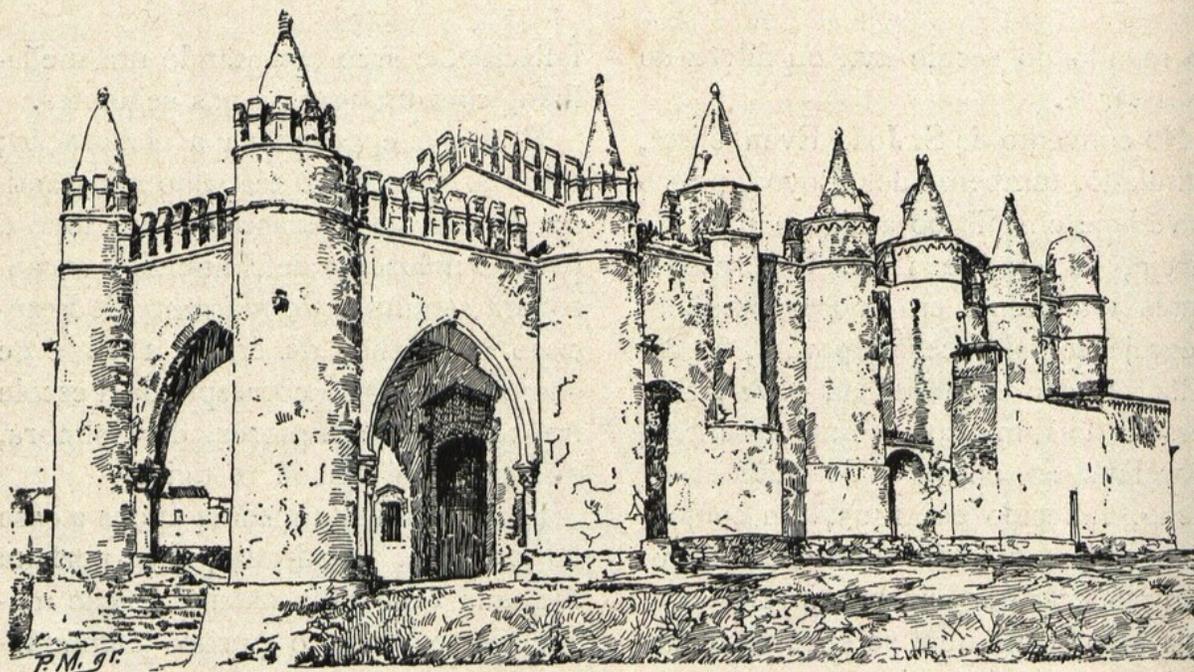
a meio por uma columna colubrina, ru-
dentada. A disposição é a mesma da

janela do palacio, denunciando o lavôr, ainda n'este caso, a mão pesada ou rotineira de um alvanéo mourisco; offerecem mais interesse, comtudo, os singularissimos capiteis, translação evidente de exemplares indianos.

Construcção muito mais individual e independente da mesma éra é a ermida de S. Braz, para quem da cidade. Esta igreja, comprida e estreita, consiste em um adro, uma nave de quatro lanços de abobadas, e um como côro abobadado á feição de cupula.

Foi edificada depois da peste de 1485, e manifesta ainda por toda a parte pormenores de estylo gothico; não obstante, representa de modo caracteristico a maneira gothica-tercearia local de construcção, applicada a um edificio de intenção sumptuosa (são

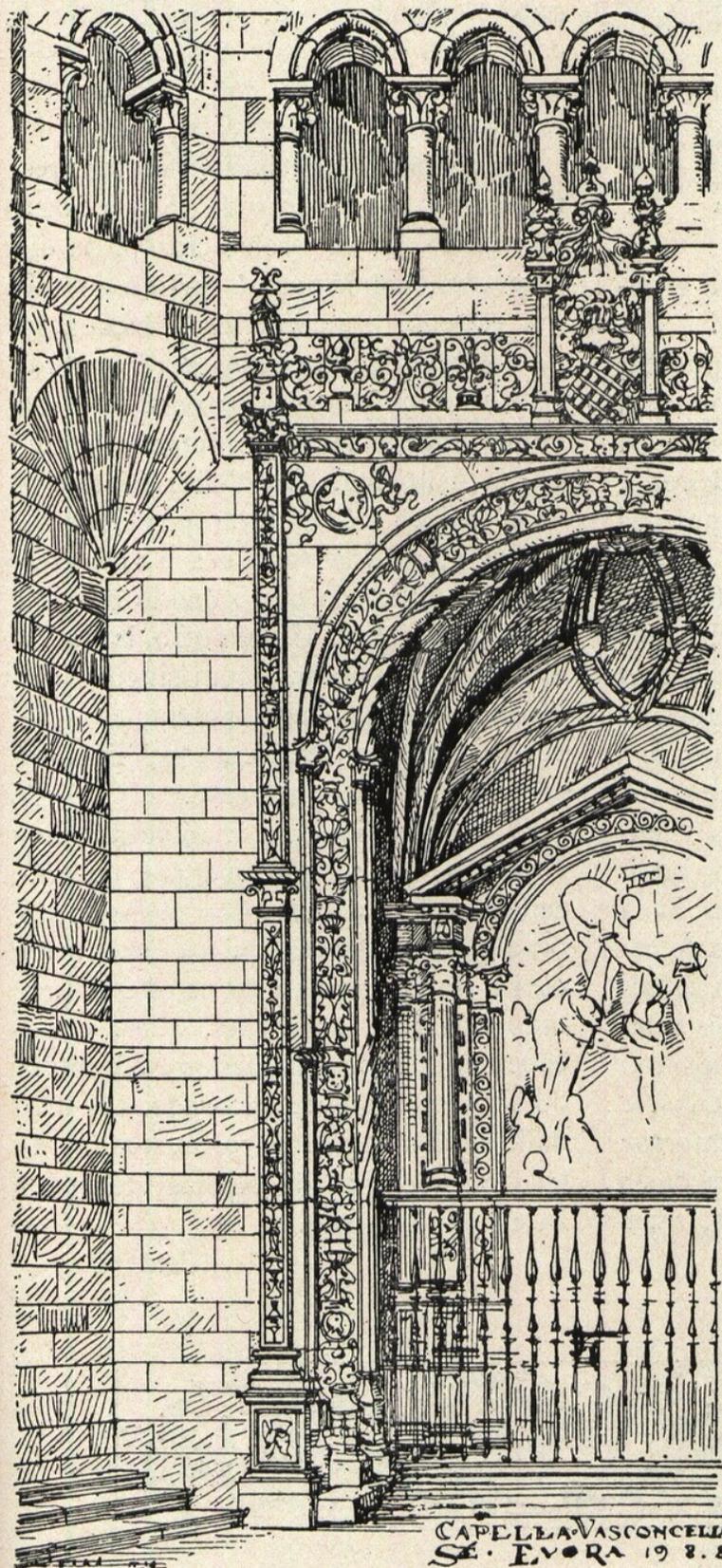
apenas de pedra alguns trêchos de maior lavôr), tão original com os seus



ERMIDA DE S. BRAZ, EM EVORA

redondos e maciços pilares e as suas ameias, que a não podemos passar por alto. Acha-se deturpada, internamente,

conserva apenas o seu rico atavio de azulejos, apresentando ainda, em parte, a technica mourisca; coevo, talvez,

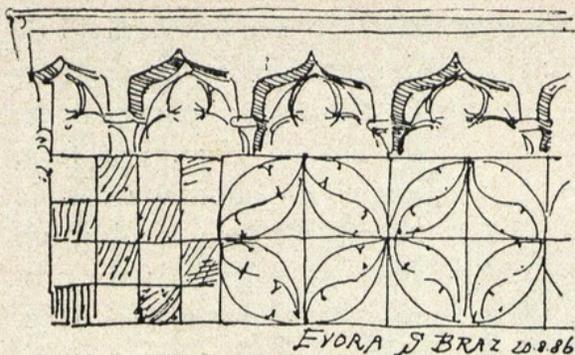


CAPELLA VASCONCELLOS
SÉ. EVORA 19 8. 86

CAPELLA DO ESPORÃO, NA SÉ DE EVORA

da éra de 1575: Por fora, abaixo da adornada cornija corre, em toda a volta, um friso de esgrafito: as proprias faces dos pilares apresentam, por partes, vestígios de identica decoração.

Na soberba cathedral, dos principios do seculo XIII, a qual, comparada ás de Silves e Coimbra é a unica, entre as basilicas portuguezas, que apresenta aspecto propriamente meridional, a par de importante, encontramos no transepto, da banda do norte, uma linda capella, trabalho claro e manifesto do alvor da Renascença, a capella dos Vasconcellos, vulgo, do Esporão; data: 1527. E' uma obra apurada, portugueza, da primeira Renascença, patenteando garbosa concepção: o extradorso da arcada é moldurado d'alto a baixo com uns bocelões torres, muito ornatados, e duas pilastras, decoradas, sobrepostas, e coroado por um remate á feição de um friso, riquissimo e lavrado a primôr; ao centro, o braço de armas dentro de um nicho apilastrado. Por cima da capella, quadrada, ergue-se a tão geral abobada estrelada, polycroma; o altar, de talha, participa do Gothico e da Renascença, e está um tanto pintalgado, imitando



ESGRAFFITO EM S. BRAZ, EVORA

pedra; uma fina grade veda esta grandiosa e sumptuosissima capella.

No côro de cima, virado ao poente, da cathedral, depara-se-nos uma obra da mais subida importancia, coeva da Renascença, o opulentissimo cadeirado, da éra de 1562. Acusando as mesmas mãos e a mesma traça do de Belem (vidè tomo I), as cathedras perfilam-se em dois renques occupando tres lados do mesmo côro. Riquissimas pilastras com os frisos historiados de figuras e emblemas, capiteis corinthios e um primoroso friso com cabeças, sobre sócos a cuja face adornam umas figuras de anjos, entrecorridos de assumptos biblicos, em relevo e algo fantasticos, eis a esquipação do espaldar; os frisos do cadeirado disposto na frente são igualmente adornados com riquissimos relevos, ornamentaes, em parte, e com figuras, fantasticas, as mais d'ellas, e humoristicas (lebres que vão enterrar o caçador, e quejandas lucubrações); não menos opulentas, as faces, quer

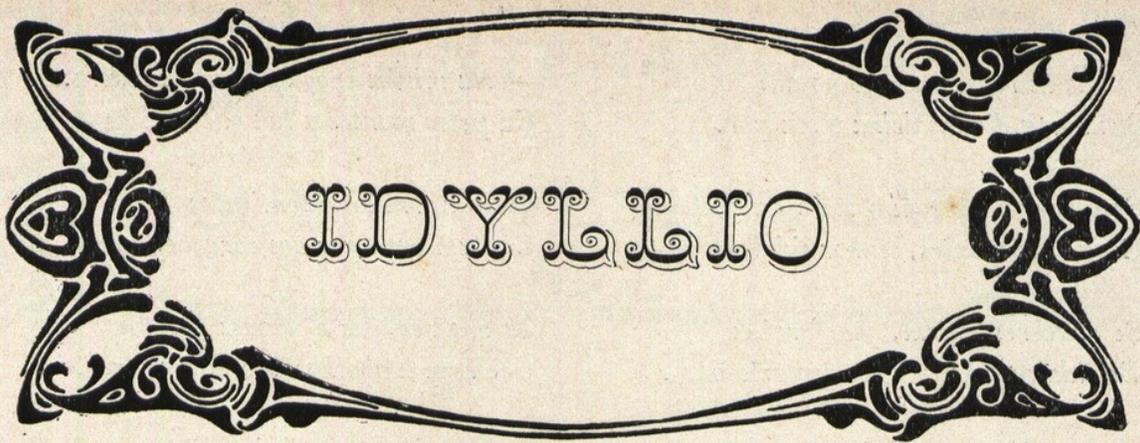
em ornato, quer em figuras. Um tanto mais reduzidas as dimensões de que as de Belem, o trabalho algo mais recente e mais maduro; denunciando menos paixão. Manifestei já, anteriormente, a conjectura de que talvez pudessem ser attribuidos a Diogo da Costa ambos os trabalhos.

Os restos de ultteriores trabalhos patenteando aqui, cêrca de 1530 a 50, a actividade já de architectos já de esculptores, confirmam a quanto eu acima expendi concernente á inclinação para o cyclo de francezes em Coimbra. São os dois porticos, procedentes da antiga egreja de S. Domingos, derruida, actualmente. Um d'elles existe ainda proximo da entrada principal da actual Casa Pia (outr'ora a Universidade jesuitica), o outro dando entrada para o cemiterio. Um e outro, lavrados em marmore branco, com singular delicadeza e gracilidade, patenteiam, até certo ponto, a feição do de Thomar reproduzido anteriormente.

O espelho inflecto, o inviezado extradorso, em compartimentos, no presente caso, a fineza dos perfis e das ornatadas pilastras aqui se encontram outra vez; o portico do cemiterio (datado de 1537) apresenta, aliás, umas esbeltas columnas nichadas e um intradorso profusamente decorado. Os medalhões dos seguintes, os bustos de relevo no sóco são de especial delicadeza e opitmo effeito.

(*Continúa.*)





— O' pegureira d'olhar macio,
Já viste acaso, na agua do rio,

Teu lindo rosto? Já viste acaso
Tanta belleza por que me abraso?!

— O rio engana, meu bom senhor...
— Ah! nunca mente... não mente o amor!

A agua do rio lá vae levada,
De ver-te o rosto vae encantada...

O' pegureira, repara agora,
Por ter saudades, como elle chora!

E' que se lembra d'uns olhos bellos,
Da tua boca, dos teus cabellos...

Lembra-lhe tudo que retratou,
E ao ver-te um dia, logo te amou.

Em luz desfeita levou-te a imagem...
Vae namorado, dizendo á margem

Que é negra sina do rio errante
Correr seu fado sem ter amante!

Escuta, escuta! Repara agora,
Por ter saudades, como a agua chora!...

— Aguas do rio são chocalheiras,
Fingem saudades... são onzeneiras.

Se ellas tivessem por mim amor,
Ai não fugiam, não, meu senhor!

— O rio corre, que é a sua sorte,
Foge carpindo, vae para a morte,

Que é outra vida, no longo mar,
Irmãos do vento, sempre a chorar...

— Quem quer aos outros torce caminho.
Anda com elles, não vae sózinho!

— Como és cruel, que nem reparas
Que ha sinas cruas, sinas amaras,

Que num momento mostram o ceu,
E logo o escondem: tudo morreu!

Eu vi-te um dia, vindo da caça,
O' pegureira cheia de graça...

D'amor perdi-me! Nem sei que digo!
Que lindos sonhos sonhei contigo!...

E só agora volto a encontrar-te,
Morena linda, para levar-te!

— Levar-me, nunca! Que tentação!
Vêde os pinheiros... dizem que não...

Dá-lhes o vento, mexem a rama,
Dizem: «Não foge quem outro ama»...

Olhae as rolas que vão no ar:
Nenhuma d'ellas deixa o seu par.

Segui caminho com o vosso galgo.
Caçae nos montes, senhor fidalgo.

Se as lebres fogem, que farei eu
Do fidalguinho que me appar'ceu!...

— Oh! dá-me um beijo da tua boca!
— Só beijo o linho, se espio a roca...

— Tens num castello pedras preciosas,
Anneis luzentes!
— Tenho aqui rosas...

— Dou-t'as mais lindas, ó meus amores,
Serás rainha das minhas flores!

— Nasci no monte, sou pobrezinha,
Só do meu gado serei rainha.

— Tudo que ha rico, tudo que ha bello,
Terás, pastora, no meu castello:

Pagens e sedas; p'ra te tocar
Aias formosas; e a alumiar

Mil candelabros cheios de lumes,
Musica, beijos, sonhos, perfumes!...

— Na minha choça tenho a candeia:
Cá pelos montes a lua cheia...

Os pintarroxos e tentilhões
Cantam cantigas aos corações,

As madresilvas e urzaes em flor
Cheiram a abelhas, são do pastor...

— Oh! dá-me um beijo...
— Senhor fidalgo,
Já cae a tarde... Pobre do galgo!

Não caçou lebre, vae desazado...
São horas, vou-me colher o gado,

Já a lua treme, leve, nos olmos...
Olhae: fumegam casas e colmos;

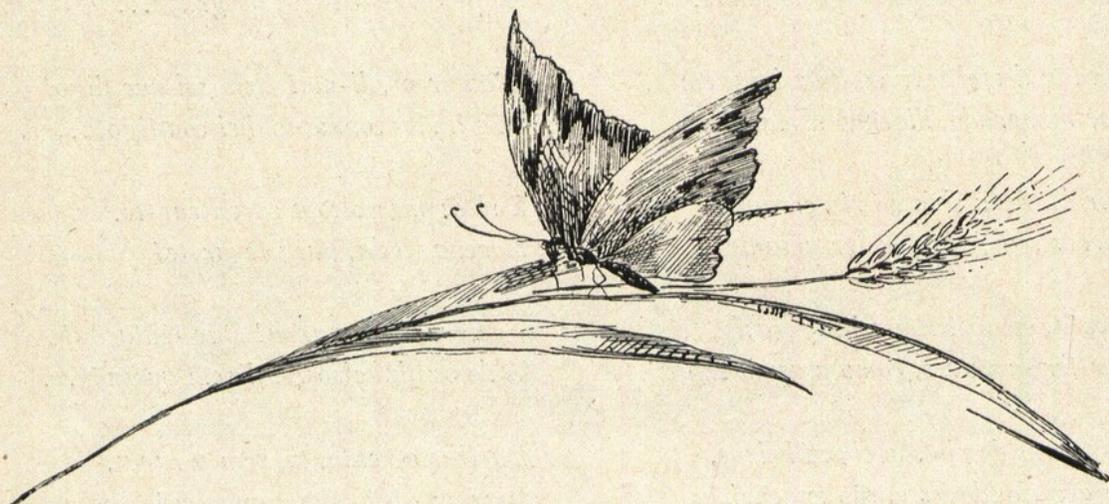
Batem trindades, balam ovelhas,
Luzem estrellas, fogem abelhas...

— Tudo despresa? Tenho um thesoiro,
Poder, fortuna, tenho arcas d'oiro,

E tu desdenhas-me, agreste flor!
— Tendes riquezas, eu tenho amor...

Olhae as rolas que vão no ar:
Nenhuma d'ellas deixa o seu par!...

JULIO BRANDÃO.



CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

SETEMBRO DE 1808

Dia 10

As tropas de Junot começam a embarcar em **Lisboa** para as embarcações, que haviam transportado a expedição ingleza de auxilio a Portugal e que no dia 2 tinham principiado a entrar no Tejo.

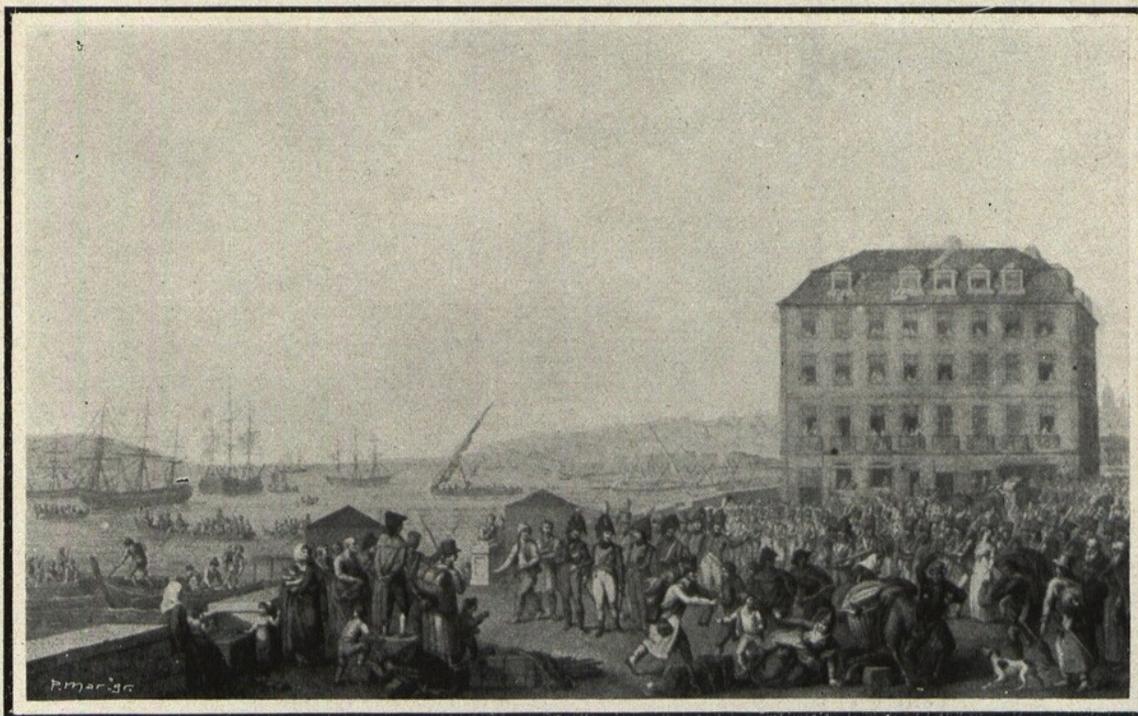
Dia 12

O general hespanhol Galluzo, sabendo embora que está feita a convenção de Cintra, não retira os seus postos do Alemtejo, como Dalrymple lhe requisita, e tenta apoderar-se do forte de La Lippe ou da Graça, para onde se retirara de Elvas, com as suas for-

ças, Girod Novillard, ao ver que não podia defender esta praça apenas com 1:300 homens.

Dia 15

Ficam a bordo dos transportes inglezes todas as forças francezas do commando de Junot. Desde o amanhecer destacam-se dos regimentos britannicos que tinham entrado em **Lisboa** grandes guardas e piquetes, para manterem a ordem na cidade. Ao meio dia o castello de S. Jorge arvora de novo a bandeira portugueza, e este acto é solemnizado com salvas de artilharia, foguetes e repiques de sinos. À noite, correspondendo ao convite feito pelo senado da camara, os habitantes de Lisboa, sem excepção dos mais pobres, põem luminarias nas suas casas, repe-



EMBARQUE DAS TROPAS FRANCEZAS NO CAES DO SODRÉ

Gravura do tempo

tindo-se nos dois dias seguintes estas manifestações de regosijo, ao mesmo tempo que estalam constantemente os fogos do ar e repicam os sinos. Pelas ruas vêm-se grupos

desempenhara este cargo nos primeiros tempos da dominação franceza, publica dois editaes, censurando acremente as aggressões e roubos que se fazem pela cidade contra quem justa ou injustamente é accusado de ter sido partidario do invasor. Ordena á policia que reprima aquelles crimes e prenda os seus perpetradores.



AGUARELLA INEDITA DO TEMPO
Pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa

Tem a seguinte epigrapha:

Restituição das Armas aos Espanhoes.

No campo de Ourique se fez esta entrega das Armas que os Francezes atraçoadamente tinham tirado aos Espanhoes temendo com justa a vingança dos mesmos Espanhoes vindos com os Portuguezes.

O general Inglez fez restituição das Armas que os Francezes lhe tinham tirado e os pôs na sua Liberdade dos Castelhanos. Seos vigilantes olhos estão fixados em vós, Junot. Edital 1 de Fevereiro de 1804. Parece que quer dizer, estão fixados em vós para ver como vos destruirá.

de inglezes abraçados aos portuguezes, soltando vivas ao principe regente, e chorando de prazer.

Dia 17

N'este dia e na vespera o intendente geral da policia Lucas de Seabra da Silva, que

marquez de Abrantes, que estava retido em França, e são d'ella excluidos o principal Castro e Pedro de Mello Breyner por terem feito parte do governo no tempo da dominação de Junot. O conde de Sampaio deixa tambem de ser conselheiro do governo nas repartições da guerra e marinha, por

Dia 18

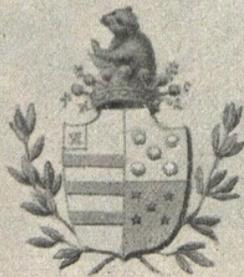
Os habitantes de Lisboa, depois de terem posto luminarias durante tres noites para corresponder ao convite do senado da camara, continuam por mais seis noites a dar de motu propria aquella prova de alegria. Até alta noite as janellas conservam-se illuminadas, e algumas ostentam quadros transparentes allusivos aos factos celebrados.

No largo do Poço Novo é erigido pela mocidade lisbonense um oblisco, em cuja base estão os retratos, em transparente, do principe D. João, da princeza D. Carlota Joaquina e as armas da Gran Bretanha e da Hespanha. São brilhantes os festejos realizados no largo.

O general britannico Sir Hew Dalrymple annuncia n'uma proclamação aos portuguezes a restauração da antiga regencia, nomeada pelo principe D. João antes da sua partida para o Brazil. Fica composta dos seguintes individuos: tenentes generaes conde de Castro Marim, D. Francisco Xavier de Noronha e Francisco da Cunha e Menezes, do marquez das Minas e do bispo do Porto D. Antonio José de Castro.



CONDE DE



AMARANTE

P. Marinho sc.

ter servido estes logares com os francezes, e é substituido por D. Miguel Forjaz, que tambem é encarregado da repartição dos estrangeiros. A exclusão do conde de Sampaio excita indignação contra Dalrymple.

A cargo do desembargador João Antonio Salter de Mendonça ficam as repartições do reino e da justiça.

Por *ordem* do general inglez, expressa na mesma proclamação, deverá este governo ser reconhecido e obedecido por todas as jurisdicções subalternas, tribunaes e auctoridades constituídas e legaes do reino, bem como por toda a qualidade de pessoas.

Dia 20

A regencia communica, em circular, aos tribunaes e auctoridades superiores que se acha installada.

Dia 24

Por um decreto da regencia é encarregado Cypriano Ribeiro Freire da repartição dos negocios estrangeiros, por ter D. Miguel Pereira Forjaz allegado impedimento para o desempenho d'este cargo. Freire é tambem nomeado presidente interino do real erario, por estar impossibilitado Luiz José de Vascon-

cellos e Souza, que havia alguns annos se achava paralytico.

Dia 26

A regencia dissolve a junta provisional do governo supremo do reino, estabelecida no Porto.

Todas as outras juntas se dissolvem, cumprindo submissamente as ordens da regencia, enviadas n'uma circular. A de S. Thiago de Cacem manda até os seus protestos de obediencia antes de receber a circular.

Dia 28

Os francezes que occupavam o **Forte de Santa Luzia**, ao pé de Elvas, re-

tiram-se para o da Graça, onde ficam reunidas todas as tropas da mesma nacionalidade que tinham guarnecido a peça alemtejana.

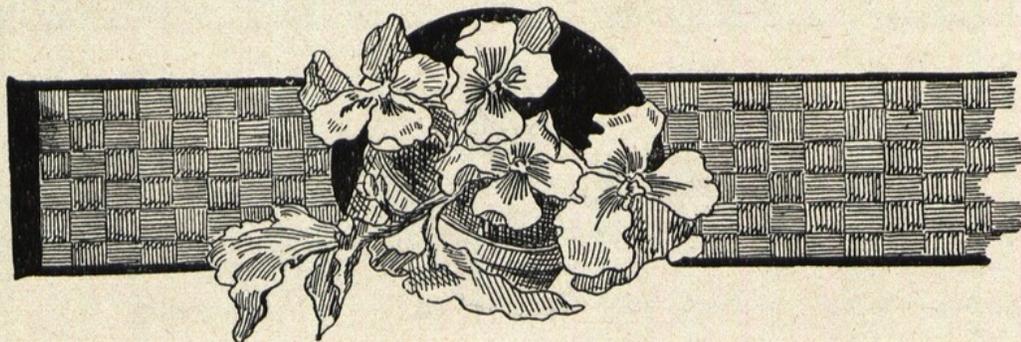
Galluzo não desiste no entanto do seu proposito de tomar o forte da Graça, o que força Dalrymple a ordenar ao general John Moore que marche para Extremoz com tropas numerosas.

Só á vista d'esta demonstração hostil o general hespanhol deixou de persistir n'aquella teima.

M. A.



SIR ARTHUR WELLESLEY
Primeiro duque de Victoria



Serões dos Bebês

O ANEL MÁGICO



MARAVILHOSAS AVENTURAS
DE QUEM O ACHOU

CONTO ARABE

— Ah! — disse o Mourad Marreca, resolvido finalmente a contar as circumstancias que o tinham levado para o hospital de Alexandria — nenhum de vós pode imaginar quanto o destino tem sido cruel para comigo, pois no tempo feliz da minha vida cheguei a ser rei e tive uma grande riqueza, uma riqueza enorme! Todas as minhas desditas resultaram de que qualquer desejo que eu tivesse, por mais insignificante que fosse, era logo satisfeito. Escutae as minhas maravilhosas aventuras e ficareis sabendo como me tornei marreca, surdo e gago, como passei a ter respiração tão presa, e finalmente como fiquei desfigurado por uma terrível cicatriz.

O officio de meu pae e de meu avô era procurar thesouros escondidos. Antes de eu ter idade para desempenhar a mesma profissão, matava o tempo brincando com os outros pequenos na aldeia onde vivia.

Ao pé de Myt-Rahyneh ha um lago, todo rodeado por uma crista de collinas, que se suppõe terem sido formadas pela areia accumulada sobre as ruinas de uma antiga cidade. Um palmar cobre as collinas e cerca o lago.

Era á sombra d'estas palmeiras que eu e os meus companheiros gostavamos de brincar, preferindo a tudo o prazer de nos banharmos no lago. Um dia, ao dar um mergulho, bati com a mão n'uma coisa dura, que estava sumida no lôdo; agarrei-a e trouxe-a para fóra da agua. Depois de lhe tirar a espessa camada de lodo que lhe estava agarrada, descobri um anel de bronze com uma pedra denegrida, em que havia algumas lettras gravadas.

Fiquei satisfeitissimo com a descoberta, posto que não lhe soubesse o verdadeiro valor, e, tendo mettido o anel no dedo, atirei-me outra vez á agua.

D'ali a pouco tempo, meu pae resolveu levar-me comsigo pela primeira vez, á procura de um thesouro, mas antes de sairmos de Myt-Rahyneh quiz que eu travasse conhecimento com um tio meu, que eu nunca tinha visto e que residia no Cairo.

Meu tio sympathisou logo comigo e mostrou desejos de que eu passasse algum tempo em sua companhia. Meu pae condescendeu e partiu sósinho para a tal empreitada.

N'um dia de festa, andava eu a passear no pateo interior do palacio de meu tio, dando voltas e viravoltas ao anel de que tanto gostava, mas sem o tirar do dedo, quando o secretario de meu tio lhe deitou os olhos por acaso, e me pediu que lh'o deixasse vèr mais de perto. Sem tirar do dedo a anel, levantei a mão para que elle o observasse.

O exame levou pouco tempo.

— Estas lettras, disse-me o secretario, não são arabicas, persicas, cophtas, gregas nem hebraicas. A inscripção é feita com os caracteres que usavam os nossos antepassados mais remotos, e não ha no Egypto ninguem que saiba lel-a, a não ser um ancião meu conhecido, que vive n'um mosteiro do deserto de Bahâr-bela-mâ, o rio sem agua. Se confiar de mim esse anel, como parto ámanhã para esses lados, afim de receber as contribuições em divida ao bey, meu amô, e tenho de fazer caminho pelo mosteiro onde reside o ancião, posso mostrar-lh'o. A' volta trago-lhe o seu anel, com a explicação do que essa inscripção quer dizer.

Não desejando separar-me do meu achado, respondi que não podia tiral-o do dedo, que inchara e se puzera mais grosso desde que eu trazia o anel, mas promptifiquei-me a acompanhar o secretario na jornada, se meu tio me desse licença.

Assim se fez, porque meu tio disse logo que sim.

Passados dois dias e duas noites de trabalhosa jornada, chegámos ao mosteiro, e na manhã seguinte fui levado á presença do douto ancião, que se chamava Makarius. O monge examinou attentamente o anel e manifestou certa surpresa ao lêr a inscripção.

— Filho, disse-me elle afinal, esta inscripção é em lettras mais antigas que toda a obra dos homens que chegou até aos nossos dias. Eis o sentido das extraordinarias palavras aqui gravadas: «Que deseja Mourad? Todos os desejos de Mourad serão satisfeitos.» Não sei, accrescentou elle, se a pessoa a quem este anel pertenceu tinha o poder de realizar todos os seus desejos; mas se tal acontecia duvido de que fosse realmente feliz. Só quem fôr moderado em seus desejos e se contentar com o que possuir pode considerar-se rico. De contrario será sempre pobre.

Interrompi Makarius, dizendo-lhe:

— Na vossa idade, venerando mestre, são muito proprias essas idéas; mas na minha, se este anel tem o poder, na verdade, de realizar todos os desejos do seu possuidor, não admira que estando eu tão exaustado de fadiga tenha o desejo de voltar n'um abrir e fechar de olhos para o palacio de meu tio, no Cairo.

Palavras não eram ditas, quando me senti levado de esfusiote pelos ares, e me achei n'um dos quartos do andar terreo do palacio d'onde tinha sahido na ante-vespera. Estava tão cansado, que me atirei para cima de uma cama, que vi ao pé de mim, e adormeci logo. Sonhei que estava na côrte dos

antigos califas de Bagdad, rodeado dos maiores esplendores, e, quando acordei, muito tempo depois, continuei a ter aquellas visões estonteadoras.

— Quem me dera, exclamei, vér de perto tantas maravilhas! Quem me dera estar na grande cidade de Bagdad!

Ainda eu não tinha acabado de proferir estas palavras e achei-me na rica cidade, que tratei logo de visitar minuciosamente. O passeio aguçou-me o appetite, mas lembrei-me logo de que não tinha uma moeda com que comprasse alimento. Quando anoiteceu, á mingoa de tecto que me abrigasse, fui sentar-me debaixo de umas arvores que havia n'um outeiro, d'onde se avistava grande parte da cidade. De frente de mim ficava o palacio do pachá, vasta construcção rodeada de jardins. Brillavam luzes em todo o edificio, e numerosos servos e escravos, todos ricamente vestidos, atravessavam os pateos, a bom andar. Semelhante espectáculo tornou para mim mais dolorosa ainda a situação a que estava reduzido. Murmurei:

— Como sou desgraçado! Quem me dera ter a fortuna do pachá!

Mal acabei de dizer estas palavras, sahiu do palacio uma extensa fila de escravos, trazendo bellos pratos de oiro com manjares variadissimos, qual d'elles mais proprio para me satisfazer o appetite! Musicos e cantores fechavam o cortejo, que dentro em

pouco rodeou as arvores debaixo das quaes estava sentado.

Mal, porém, eu tinha começado a provar das iguarias, que me eram offerecidas de tão extraordinaria maneira, surgiu um bando de soldados do pachá. Tinham seguido aquelles serviçaes e obrigaram-n'os, ás chibatadas e bastonadas, a voltar para os sitios, d'onde o mysterioso poder do anel os tinha feito desertar. Alguns dos soldados vieram para mim e tambem me espancaram. Incapaz de resistir a tantos aggressores, é natural que exprimisse o voto de ir para onde ficasse livre d'elles.

Ainda não tinha acabado de manifestar este desejo, quando me vi n'um



SAHIU DO PALACIO
UMA EXTENSA FILA DE ESCRAVOS

logar, que parecia fechado de todos lados, e onde me julguei a salvamento, porque todos os meus inimigos haviam desaparecido repentinamente. Contudo não estava lá sózinho, e embora a escuridão me não deixasse vê claramente o que me rodeava, conheci afinal que logar era, ouvindo pragas e gemidos, e o tinir de cadeias.

Os presos que me cercavam deram-me a saber que eu estava na mais horrível masmorra do castello. Contaram-me que tinham sido apanhados n'aquella mesma tarde com as armas na mão, n'uma revolta contra o pachá, e que, julgados summariamente, deviam todos ser executados, dentro em pouco.

As queixas e o desespero dos infelizes redobram, quando se ouviu no pateo da cadeia a bulha que faziam nos preparativos da execução, e, ainda mais, ao sentir-se o ruido das armas da escolta, que devia acompanhá-los ao logar do supplicio.

Sem tempo para reflectir na minha triste situação, pois que, se decorressem mais alguns segundos, seria levado, de envolta com os criminosos, e não poderia de modo nenhum explicar o motivo por que estava no meio d'elles, não hesitei um momento e apostrophei o anel, bradando-lhe:

— Leva-me já para sitio onde não tenha que arreceiar-me dos algozes, que vão matar estes desgraçados!

A cadeia e os presos desapareceram-me da vista como por encanto, e, sem que eu tivesse consciencia de qualquer movimento, encontrei-me tran-

quillamente sentado n'uma esteira de varias côres. Era um convento de fakirs idolatras, n'uma grande cidade indiana, proxima das fronteiras da China.

Olhei em volta de mim, desejando reconhecer o meu novo refugio, mas para onde quer que relanceasse a vista appareciam-me figuras giganteadas esculpidas, de fórmãs exóticas e hediondas — cabeças sem corpos, corpos disformes, sem braços, pernas ou cabeças; aqui, era o corpo de um animal com dez cabeças humanas sustentadas por um unico pescoço; acolá, n'um corpo humano, as cabeças de dez especies de animaes ferozes; de um lado, a estatua de uma mulher de cabeça formosissima, mas com uns hombros de que saham vinte braços,



AVANÇOU PARA MIM COM DUAS MÃOS-CHEIAS DE BRAZAS
E METTEU-M'AS A' FORÇA NA BOCCA

empunhando cada mão sua arma, em attitude ameaçadora; de outro lado, com os corpos unidos n'um só grupo, um bufalo enorme, um tigre listrado, uma serpente de escamas amarellas, e a cabeça de um medonho crocodillo de presas aguçadas e fauces hiantes. Todos estes monstros, soube eu então, eram outros tantos idolos adorados pela multidão que enchia o templo. Nenhum dos circumstantes pareceu espantado com a minha subita apparição, mas todos me rodearam, gritando:

— Anda! Vem comnosco, para debaixo das rodas do carro do grande idolo Juggernaut! Gosarás o prazer ineffavel de seres esmagado instantaneamente! Anda! Vem!

Como não fiz caso d'estas suggestões, um fakir mais fanatico avançou para mim, com duas mãos-cheias de brazas, e, antes que eu pudesse adivinhar-lhe a intenção, metteu-m'as á força na bocca.

Cuspia-as o mais depressa que pude, e imaginaes certamente o ardor com que expressei o desejo de fugir para algum logar, onde não pudesse alcançar-me o fanatismo terrivel do fakir. O desejo foi logo satisfeito, mas, como perdi uma parte da lingua, horrivelmente queimada pelas brazas, tornei-me gago.

O fakir não se atreveria certamente a seguir-me até ao logar onde eu agora estava. Vi-me n'um profundo barranco, na ilha de Ceylão, com um tigre monstruoso, de um lado, e um leão enorme, do outro, parecendo dispostos a brigarem com o fim de o vencedor poder devorar-me. Nunca manifestei mais rapidamente nenhum desejo como este: que as duas feras se matassem, acto contínuo, uma á outra.

E logo, sem mais se importarem com a minha presença, atacaram-se furiosamente, e, fazendo resoar os echos com os medonhos rugidos, despedaçaram-se com unhas e dentes, até que vieram cahir mortas aos meus pés.

Já não tinha que receiar dos meus terriveis inimigos, mas estava no fundo de um horrendo precipicio, sem poder sahir de lá, e atormentado pela fome. Levantei os olhos para os rochedos que me cercavam como impene-travel muralha, e qual não foi a minha alegria ao descobrir uma arvore muito alta, com os ramos curvados ao peso de lindissimos fructos!

Depois de muitos esforços, chego ao cimo da arvore e quando já estava a deitar a mão a um dos fructos, dou com os olhos na cabeça de uma enorme serpente que se levantava deante de mim, mostrando tenções de me engulir. Escorreguei muito depressa pelo tronco abaixo, e, tendo saltado para o chão, dei graças a Deus por não ter partido nenhuma parte do corpo.

Olhando para a arvore, tornei a enxergar a serpente, que estava com os olhos a luzirem como duas brazas e sem os desfitar de mim.

Não é portanto coisa para admirar que eu desejasse escapar d'aquelle perigo. Mal tinha formado o desejo, dos rochedos e do ar sahiram grasnidos e uivos pavorosos. Os grasnidos soltavam-n'os as aguias e os abutres, que aos bandos voavam por cima da minha cabeça, interceptando a luz; os uivos eram dados pelas guelas de milhares de hyenas e chacaes, que esfomeados saltavam de penedo em penedo.

As aves de rapina deitaram-se á serpente, e desfizeram-n'a n'um abrir e fechar de olhos, com os bicos e as garras, emquanto as feras cahiam sobre os cadaveres do tigre e do leão. O repasto não os occupou muito tempo, e embora me não tivessem ainda prestado attenção, não me restava a minima duvida de que as suas presas aguçadas entrariam a contas commigo logo que findasse aquella tarefa.

— Oh! Genio do anel, bradei anciosamente, livra-me d'esta phalange de devoradores inimigos, e conduze-me para sitio habitado por creaturas humanas!

Este grito de angustia não tinha ainda acabado de ultrapassar os meus labios tremulos, quando um trovão, mil vezes mais forte do que todos os que eu ouvira até ali, reboou das nuvens que se encastellavam sobre a minha cabeça. Cuidei que os ceos iam desabar-me em cima. Fugiram as hyenas e os chacaes, bateram as azas os abutres e as aguias, e achei-me sentado n'um tapete de relva, em meio de um valle encantador.

Estava salvo, mas o pavoroso estrepito d'aquelle trovão tinha-me produzido tal impressão nos ouvidos, que fiquei surdo para sempre.

Avistei uns lavradores e caminhei para elles, pedindo-lhes comer. Promptificaram-se a dar-me trabalho, o que lhes agradei muito reconhecido.

Longo tempo vivi com aquella boa gente, feliz e socegado. Um dia, emquanto descansava, á hora da sesta, no modestissimo mas commodo alojamento que me tinham dado, e estando meio a dormitar, quasi sem consciencia do que pensava, comparei a situação em que me via com a dos ricos e disse:

— Que sorte invejavel a d'elles! Todos os gosos que me podem render as canceiras, que hei-de passar toda a minha vida, concede-lh'os todos os dias uma parcella do ouro que possuem. Oxalá eu tivesse ouro... muito ouro!

Mal pude acabar de dizer estas palavras, porque senti um extraordinario peso no peito, como se a montanha de Kaf tivesse desabado sobre mim. Estava sepultado, esmagado debaixo de uma pilha immensa de moedas de ouro, que me comprimia o peito, deformava as costellas e abafava os pulmões, de modo que fiquei d'ali em deante com a respiração muito presa.

— Que desejei eu? perguntei a mim mesmo. Este thesouro que vae ser a minha morte. O que eu devia desejar era o poder que dá ao mesmo tempo honras e riquezas. Quem me dera ser rei!

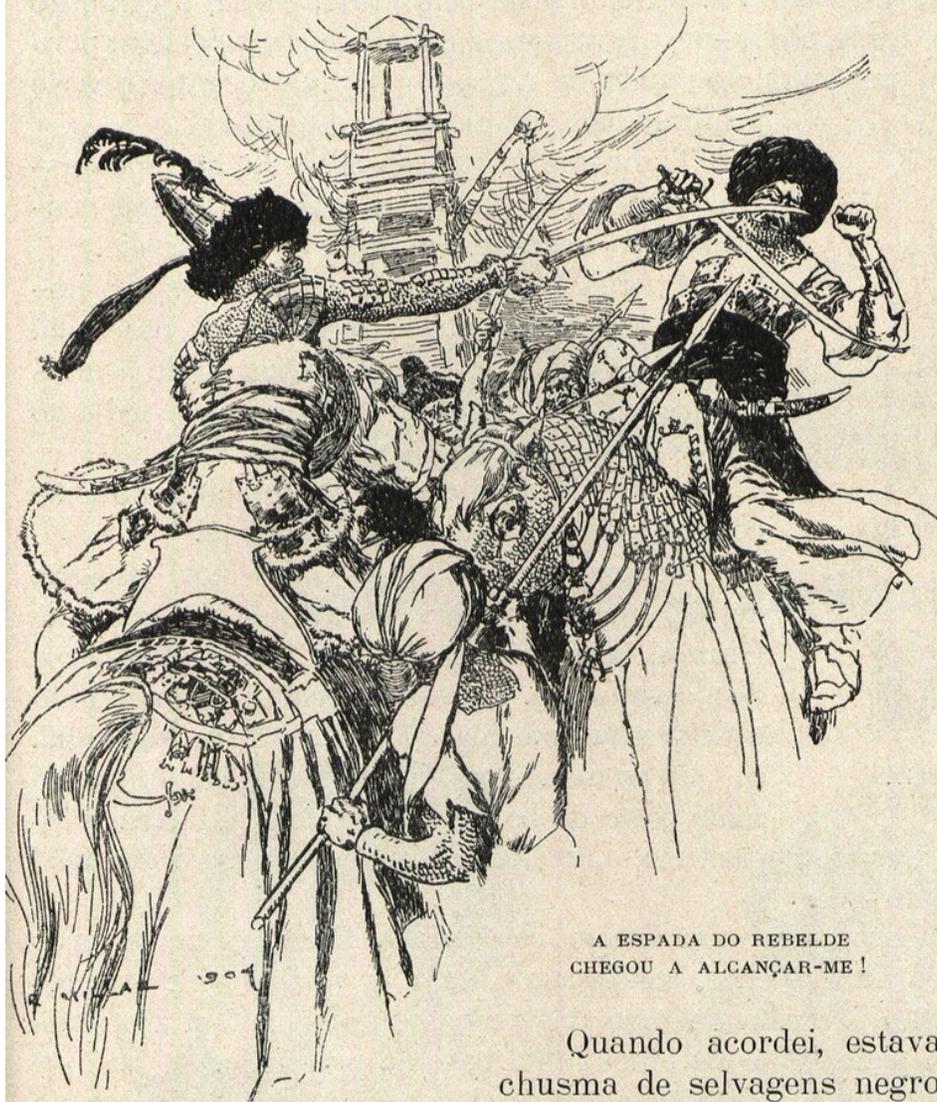
O ouro que me opprimia desapareceu immediatamente, e achei-me montado n'um soberbo corcel, vestido com trajes magnificos, e cercado por um exercito numerosissimo. Estava nas vastas planicies da Tartaria e era rei de Bokhara e Samarkand.

Era rei, mas tinha sido mal escolhido o momento para a minha ascensão a este elevado cargo. Feria-se em volta de mim uma encarniçada batalha, e eram levados de vencida os soldados que defendiam a minha causa. Os soldados cercavam-me por todos os lados, e defrontava-se comigo um possante guerreiro, que, louco de raiva, tinha a espada tinta de sangue erguida sobre a minha cabeça e prestes a ferir-me.

O desejo de escapar á cutilada fatal passou-me pelo espirito como relampago. Desappareci logo do campo de batalha, mas ainda assim a espada do rebelde chegou a alcançar-me, e d'isto provém a cicatriz que me desfigura o semblante.

Encontrei-me sósinho ao pé do mar, n'uma ilha do oceano Indico, que me pareceu deserta. Encaminhei-me para o interior, á busca de abrigo e de alimento.

Andei muito tempo atravez de penedos escalvados, postos uns sobre os outros, como pela mão de um gigante. A' tarde, cheguei á entrada de um bosque de arvores diferentes de quantas eu tinha visto. Apanhei alguns fructos silvestres e devo-rei-os sôfregamente. Uma caverna aberta pela natureza na muralha de rocha, serviu-me de abrigo durante a noite. Deitei-me e adormeci promptamente.



A ESPADA DO REBELDE
CHEGOU A ALCANÇAR-ME!

Quando acordei, estava rodeado por uma chusma de selvagens negros e completamente nús, que me olhavam com admiração. A pelle, ou para melhor dizer, o couro que lhes forrava o corpo secco e ossudo, estava pintado de varias côres, ás listras e rodelas. Seria impossível toda a resistencia da minha parte. Amarraram-me com presteza, e de tal modo, que me era totalmente impossivel fazer o minimo movimento. Ataram-me de pés e mãos, e prenderam-me a cabeça entre os joelhos, de sorte que eu não parecia gente, mas sim um fardo, que tem de ser transportado para muito longe.

Os barbaros levaram-me em triumpho para um lugar recondito do bosque. Havia ali grande multidão, que logo nos cercou, dando gritos de alegria. Fiquei sem pinga de sangue e todo a tremer, quando vi os olhos de cubiça que todos me lançavam.

Puzeram-me ao pé de uma fogueira, e, a principio, fiquei em duvida se queriam queimar-me vivo, em sacrificio aos seus idolos, ou se tencionavam assar-me para depois me devorarem. Logo conheci, todavia, que os selvagens não eram anthropophagos, mas unicamente adoradores do fogo, o que me diminuiu um quasi nada o terror.

— Anel da minha alma, disse eu, livrae-me d'aquellas chammas, e leva-me quanto antes para o meu paiz natal!

O desejo foi expresso em voz transtornada pelo medo, porém o genio do anel, fosse elle qual fosse, ouviu-me e levou-me d'aquella terra selvagem para o Egypto, onde dei por mim no fundo de um poço de quatrocentos pés de profundidade, na cidade do Cairo.

Tinha-me esquecido de pedir que me desamarrassem, e por isso o genio, no seu costume, não excedeu um apice o meu desejo.

A agua frigidissima em que eu estava immerso, gelou-me até á medula dos ossos. Já me chegava á bocca, e eu ia enterrando a mais e mais os pés no lôdo do fundo, que cedia ao peso do meu corpo.

— Ai! Oxalá me visse tanto acima do chão como agora estou abaixo! bradei eu.

No mesmo instante, como por milagre, deparei-me no vertice da grande pyramide de Ghizeh, mas não podia ser mais afflictiva a minha situação. Fizesse eu qualquer movimento e despenhar-me-hia d'aquella altura medonha.

Se ao menos me tivessem deixado um pouco mais perto da borda da plataforma, talvez avis-

tasse algum arabe errante no deserto, e, gritando, lhe despertasse a attenção para que viesse acudir-me.

A este pensamento, senti um desejo irresistivel. Fazendo um esforço violento, consegui, a duras penas, contorcendo-me e arrastando-me a pouco e pouco, chegar junto á aresta de uma das pedras que formavam a orla da plataforma, e assim pude deitar os olhos até á base da pyramide.

Lá em baixo estavam dois homens curvados para o chão, a cavar na areia.

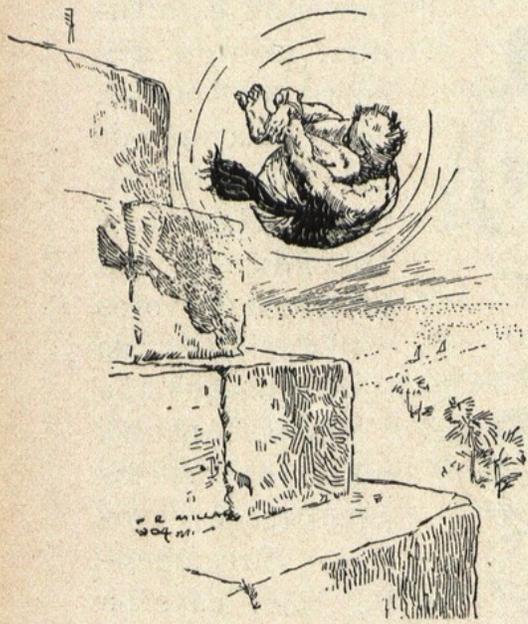
— Ai! Oxalá que um fosse meu pae! disse eu em alta voz.

Um dos dois, ao ouvir-me, levantou a cabeça.

Era meu pae, com effeito!

Reconhecê-lo e desejar ir para junto d'elle foram ideias que me acudiram ao mesmo tempo.

N'isto o meu corpo, que estava amarrado de maneira que parecia uma bola, rolou para fóra, por cima da aresta da pedra, e resaltando de penedo em penedo, até ao fundo do terrivel precipicio, foi cahir, inanimado, dentro da cova que meu pae e o companheiro estavam abrindo na areia.



RESALTANDO
DE PENEDO EM PENEDO...

Os medicos, a cujos cuidados me confiou meu vagabundo pae, disseram que eu estava irremediavelmente perdido, mas um doutor francez muito sabio logrou arrancar-me das garras da morte.

Não me resultou nenhum mal senão ficar com a cabeça, os braços e as pernas bastante escalavradas, e com a pelle rasgada e arranhada... Ah! Tambem as costas se me puzeram em arco, e nunca mais se endireitaram, por mais esforços que o medico empregasse para tal fim. Desde então fiquei marreca.

Hoje, estou absolutamente resignado com a minha sorte e com o meu anel magico, e por isso cumpro á risca a tenção que formei de nunca mais recorrer ao seu poder sobrenatural, de que fui tanto tempo joguete e victima.

Tal é a minha historia.



Conteúdo igual ao continente



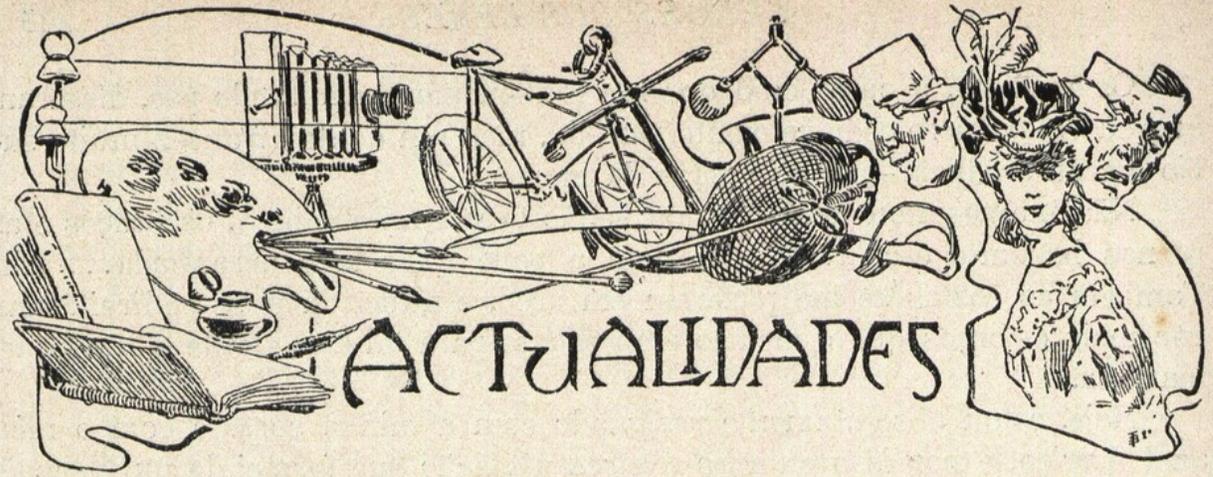
— V. Ex.^a obsequiava-me, tirando o chapéo, para me deixar ver o espectáculo?

— Pois não! Com todo o gosto!



— E se V. Ex.^a agora tirasse tambem o toucado? ..

— Se lhe parece, corte-me já agora a cabeça!

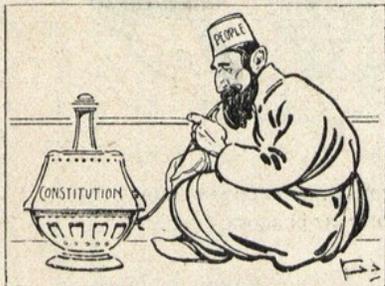


Grandes topicos

A Allemanha pacifica **U**m dos discursos do principe de Bulow que mais resonancia tem tido, foi sem duvida o que elle proferiu ultimamente na sessão da abertura do Congresso da União interparlamentar para a arbitragem internacional, celebrado em Berlim.

Como se pretendesse responder aos boatos, que então corriam com mais insistencia, de uma provavel e proxima guerra entre a Allemanha e a França, o chanceller allemão disse, dirigindo-se aos congressistas:

«Guiados por homens distinctissimos, tendes proseguido na vossa missão, que é obter garantias de paz e de concordia entre os povos — missão ardua e difficil, por a contrariarem tantas paixões e pre-



O POVO—O rotulo e diverso, mas palpita-me que o tabaco será o mesmo.

Do «Fischietto»



O NOVO SOBERANO EUROPEU
FERNANDO DA BULGARIA

conceitos — mas a mais benefica entre todas.

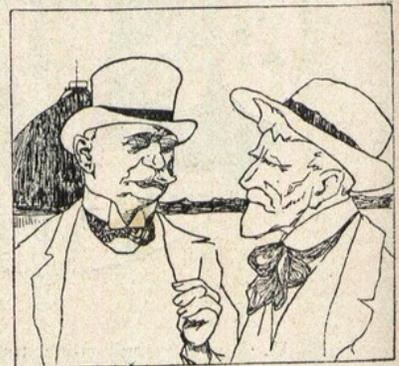
«Ministro constitucional, sei que, mandatarios do povo, exprimis os sentimentos dos vossos concidadãos. Diga-se o que se disser, os votos da maioria são favoraveis á concordia, ao progresso e á paz, isto é, não concorda com as vossas aspirações.

«Quanto aos governos, deveis fazer-lhes a justiça de acreditar que foram ao encontro dos nossos desejos, concluindo tratados internacionaes. Pelo que respeita ao fim a alcançar, as divergencias manifestam-se apenas sobre os meios a

empregar para o atingir o melhor possivel e com toda a segurança.»

E depois de expor o que o seu paiz tem feito no campo da arbitragem, o principe de Bulow concluiu:

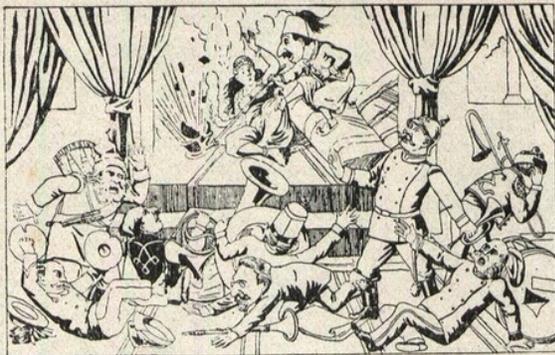
«A Allemanha, esclarecida pela historia que durante trez seculos não lhe poupou as lições mais crueis, quer e deve ser bastante forte para defender o seu solo, a sua dignidade, a sua independencia; mas não abusa nem abusará da sua força. O povo allemão, que deseja a paz, uma paz baseada no direito e na justiça, e que, mantendo a paz durante longos annos,



A DIFFERENÇA

CONDE ZEPPELIN — Meu caro Bebel, vossê edifica castellos no ar. Eu cá faço aeronaves. Pode-se conseguir mais com ellas.

Do «Wahre Jacob»



O novo concerto europeu, que devia resolver os casos de Macedonia, e violentamente perturbado pela explosão do cachimbo do sultão, que foi cheio pelo joven Turco.

DE «Il Papagallo»



O NOVO SULTÃO

Acha o novo throno a escaldar e cheio de espinhos.

Do «Nebelspalter»

tem provado a sinceridade dos seus desejos, aplaude os nossos trabalhos.»

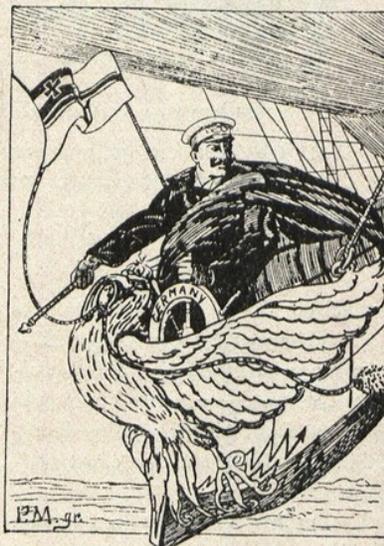
A Bulgária independente há bastante tempo que o principe Fernando da Bulgária desejava elevar o seu paiz a reino, proclamando-o ao mesmo tempo independente.

Todos os seus esforços, porém, iam de encontro ás ambições das potencias que tem interesses nos Balkans. Mas ultimamente a situação mudou, o que permitiu ao principe Fernando realizar o seu sonho. Vejamos em que circunstancias o facto se produziu.

Como se sabe, o Congresso de Berlim de 1878 resolveu que a Bosnia e a Herzegovina passariam a ser occupadas militarmente pela Austria; o Montenegro receberia o porto de Dulugno sobre o Adriatico; a Servia seria declarada reino independente, e a Bulgária principado autónomo, mas vassallo da Turquia. Este estado de coisas apenas soffreu uma modificação quando, em 1885, a Roumalia oriental, revoltando-se

contra o governador turco, se entregou á Bulgária.

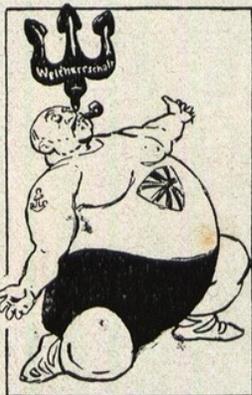
Desde então a situação nos Balkans tem-se mantido n'esse pé, devido ás cubiçosas rivalidades das potencias, e especialmente da Austria e da Russia. Mas surge a revolta dos Jovens Turcos e com ella



ALMIRANTE DO OCEANO DOS ARES

O problema naval resolvido Do «Lustige Blätter»

o estabelecimento do regimen constitucional no imperio ottomano. Fernando da Bulgária, reconhecendo azada a occasião para fazer nova tentativa, foi a Vienna conferenciar sobre o assumpto com o imperador

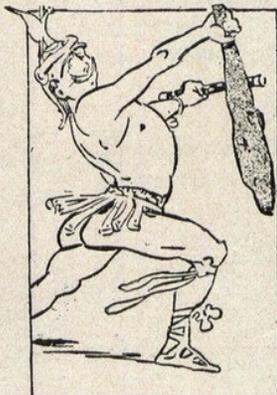


O rei Eduardo balança o tridente da supremacia mundial, mas o equilibrio está-se tornando instavel.

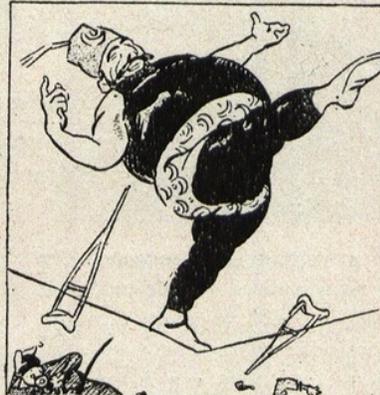
SERÕES N.º 42



O Czar Nicolau vae rolando na esphera explosiva.



O Kaiser Guilhermenea a potente clava, cheio de sorrisos de paz.



O Doente do Oriente (Turquia) exercita-se na corda bamba. Mas quem sabe quanto tempo manterá o equilibrio?

Do «Kladderadatsch»

NA ARENA POLITICA



SURPREZA CAUSADA PELO SULTÃO DA TURQUIA

ABDUL — *Tambem eu gostava de ser monarcha constitucional a valer, tal qual como vossês. Dêem-me um logarsinho ao seu tado.*

Do «Wahre Iacob»

Francisco José. A entrevista dos dois soberanos foi cordealissima, e o principe voltou para Sofia exultando, disposto a esperar o momento oportuno para vibrar o golpe de audacia que devia realizar o seu *desideratum*.

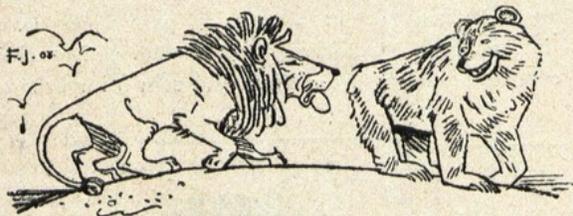
Esse momento chegou dias depois. Tendo-se declarado em greve o pessoal do caninho de ferro turco-bulgaro de Sarajew a Novibaza, o principe mandou-o occupar por outro exclusivamente bulgaro, apoiado por tropa, e declarou que nunca mais o entregaria á Turquia, porque era

No momento em que escrevemos ainda a impressão causada pelo sensacional acontecimento é apenas de surpresa. Não podemos, por isso calcular qual será a attitude ulterior das potencias e principalmente da Turquia.

A Bosnia e a Herzegovina

Como dizemos n'outro lugar, pelo tratado de Berlim de 1878, a Bosnia e a Herzegovina passaram a ser occupadas militarmente pela Austria. Desde logo este ultimo paiz começou a preparar as coisas para n'um futuro, mais ou menos proximo, annexar as duas provincias ao seu territorio.

Uma vez tornado publico esse proposito, não faltaram



CONCERTO ANGLO-RUSSO

Como os allemães o encaram.

Do «Lustige Blätter»

essa a vontade do seu povo. Ora isto representava o rompimento do tratado de 1878, e contra tal modo de proceder protestaram logo a Inglaterra, a Russia e a Allemanha. O principe, porém, sentindo-se forte com o apoio da Austria, não só não deu ouvidos a esses protestos, como, no dia 5 de outubro, proclamava o seu paiz independente, elevando-o ao mesmo tempo á categoria de reino.

protestos por parte dos interessados, incluindo n'esta designação as proprias potencias europeas. Mas a Austria não desarmou: apenas recuou para melhor formar o salto; e ultimamente, exgotadas todas as outras razões, invocou como argumento justificativo de uma mais apertada occupação, direitos economicos sobre as antigas provincias turcas. Esse argumento, porém, foi, como os precedentes, rebatido por auctoridades

no assumpto, provando-se que a occupação em vez de lhe acarretar encargos, tem dado á Austria fortes lucros.

De novo ella recuou. Mas os



AUDIENCIA DO CZAR

TOLSTOY — *Que tristeza! Não me recebeu!*

MADAME CHOLERA — *Pois eu estou costumada a entrar sem ser annunciada.*

Do «Nebelspalter»

acontecimentos precipitaram-se nos Balkans; deu-se o conflicto entre a Turquia e a Bulgaria; este ultimo paiz tornou-se independente, e como com isso fosse violado o tra-



CIRCO INTERNACIONAL

Os clowns que divertem o publico nos intervallos. (São os dois sultões de Marrocos e o Shah da Persia).

Do «Nebelspalter»



O ESPIÃO REACCIONARIO APANHANDO REVOLUCIONARIOS PARA A PRISÃO E PARA A MORTE.

A primeira caricatura politica cujo apparecimento foi permitido na Turquia.

Do «Kerukeion»

tado de 1878, o imperio austriaco manifestou logo o proposito de lhe seguir o exemplo, realisou o seu velho plano.

Por ora é apenas o desejo que se expressa — mais potentemente do que até aqui. Mas, pelo caminho que as coisas vão tomando, é crível que, á data da publicação d'estas linhas, já elle esteja satisfeito.

Creta anexa-se á Grecia **D**ECIDIDAMENTE, o imperio turco entrou no periodo ultimo do seu desmembramento. A Bulgaria, como atraz dizemos, declarou-se independente. A Austria aproveitou o ensejo para se apoderar definitivamente da Bosnia e da Herzegovina e, por ultimo, Creta resolve libertar-se do jugo otomano, proclamando a sua anexação á Grecia.

Como se sabe, foi por causa d'aquella ilha que houve ha annos a guerra entre a Grecia e a Turquia. Desde então, Creta, continuando, aliaz, a ser vassalla da Turquia, tem vivido sob um regimen de protectorado internacional. As potencias, que avocaram a si essa missão, nomearam governador da ilha, primeiro o principe Jorge da Grecia e depois seu irmão Constantino, que ainda exerce esse cargo.

Os sentimentos da população cretense foram sempre anti-turcos e ao mesmo tempo hellenophilos. Por isso, foi sem a menor surpresa que



O DELICIOSO PASTEL

AUSTRIA—*Esperem ahi! Esse bocado guardava eu para mim. (O pastel é a Turquia).*

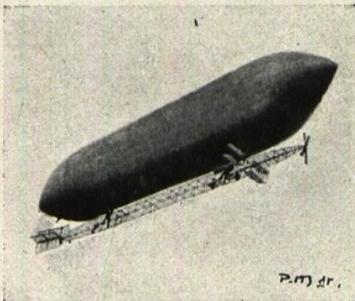
Do «Wahre Icob»

a Europa recebeu a noticia do expediente que ella tomou agora — e, realmente, com toda a oportunidade. A sorte da ilha será contudo determinada pelo futuro congresso europeu, que deve regular a questão do Oriente.

Vida na sciencia e na industria

Automobilismo na Grã-Bretanha **A**PEZAR do mau estado das estradas em certos districtos das Ilhas Britannicas, o *motorism* progride notavelmente.

Em 30 de setembro de 1905, o numero dos vehiculos automoveis registados (comprehendendo as motocicletas) era 74.038 para a Inglaterra, Paiz de Galles e Escossia. A 31 de julho d'este anno elevou-se esse numero a 144:702, sendo 82:912 automoveis e 61:790 motocicletas.

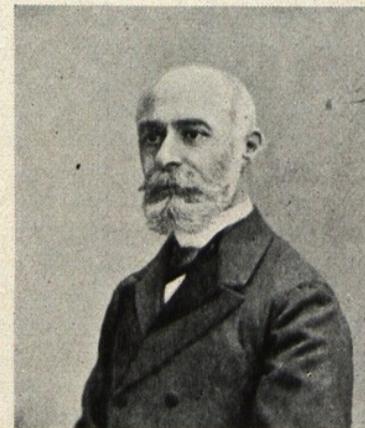


AERONAVE MILITAR AMERICANA

E' Londres, claro está, a cidade que possui mais automoveis (23:838). Seguem-n'a Manchester e Liverpool com 3:144 e 2:402 carros, respectivamente. Glasgow conta apenas 1:582. Teem-se fundado muitas ligas para reclamar a reconstrução das estradas e a criação de uma administração central para tratar d'ellas.

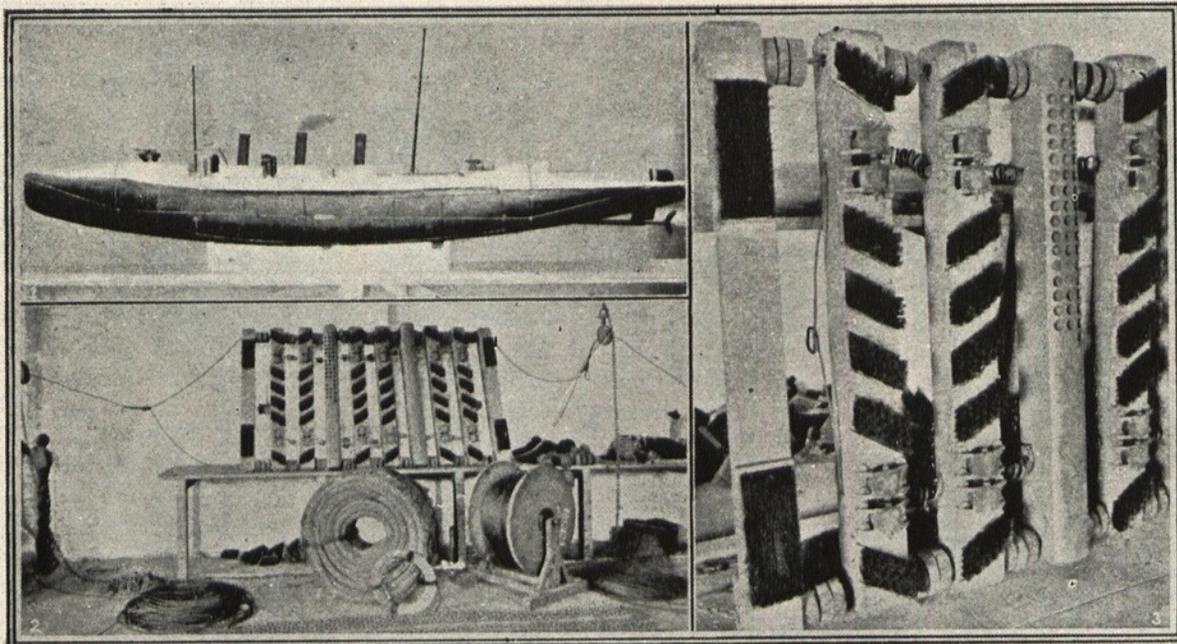
Aeronave militar americana **F**oi inventada pelo capitão Baldevin esta nova aeronave, sustentada por um balão e impulsionada por um motor. Esta machina fez experiencias com excelente resultado, e foi oficialmente adoptada pelo exercito dos Estados Unidos.

Henri Becquerel **C**OM 53 annos apenas acaba de fallecer este sabio francez, pertencente a uma familia que desde começos do se-



HENRY BECQUEREL

culo XIX deixou nome illustre na sciencia. Foi elle que em 1896 descobriu a radio-actividade. Deixa trabalhos importantes sobre magnetismo, optica, etc. Em 1903, foi-lhe adjudicado, assim como ao glorioso Curie, o premio Nobel. Era secretario perpetuo da Academia das Sciencias de Paris.



ESFREGÃO ELECTRICO PARA NAVIOS

Limpeza de navios pela electricidade **O** esfregão electrico tem por fim limpar o casco dos navios sem que elles entrem na doca seca. O aparelho é simples. Consiste apenas n'uma escova flexivel, a qual é arrastada para cima e para baixo sob o costado do navio por cabos. A novidade da machina é a escova, pelo emprego da electricidade, adherir ao navio como um magnete. O esfregão é composto de uma serie de batedores onde se inserem as escovas e os magnetes. O pequeno modelo do navio mostra a forma por que é seguro o esfregão. Em volta do navio, na roda de prôa e no cadaste, passam-se correntes de posição, e entre estas movem-se guindaletas com os batedores, para vante e para ré, por meio de um guincho a vapor.

Caminho de ferro para Meca **I**NAUGUROU-SE solemnemente a 1 de setembro, a linha ferrea do Hedjar, que liga Damasco a Medina e que continuará até Meca, ficando assim ligadas ao mundo civilizado as duas cidades sagradas dos mahometanos. Foi em 1900 que, por iniciativa do sultão da Turquia, se iniciou esta linha,

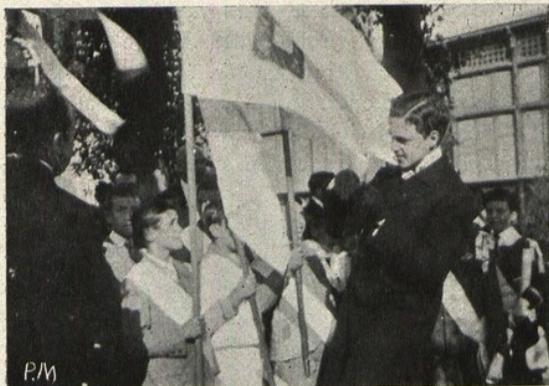
para a qual concorreram os musulmanos de todos os paizes. Technicamente, é Damasco a testa da linha, mas já n'essa época Damasco e Aleppo estavam ligados por via ferrea, e só falta completar uma secção do caminho de ferro de Bagdad atravez do Taurus até um entroncamento pouco ao norte de Aleppo para collocar as cidades santas em communicação directa com as margens do Bosphoro. A inauguração coincidiu com o aniversario da subida ao throno do sultão, e foi por isso o dia de duplo festejo para as populações mahometanas do imperio turco.

Jóias do velho Egypto **E**XCITA grande interesse o achado recentemente feito em Thebas das jóias pertencentes á mulher de Sety II. A importancia do achado prende no facto de que, embora não se encontrasse a sepultura da rainha, os seus braceletes, brincos e aneis primorosamente trabalhados, deverão contar a historia da sua vida. Diz um dos egyptologos sobre o assumpto: «Pode ser que esses ornatos provem que o Pharaó do Exodo não era Ramsés II, mas identifiquem Sety II e sua mulher com os soberanos a quem Moysés falou.»

CASCATA DE TELLICHEAB
Na linha ferrea do Hedjar

Resenha portugueza

A FESTA DAS ESCOLAS



EL-REI DISTRIBUINDO OS PREMIOS

A festa das escolas. — Em 22 de outubro realizaram-se na quinta das Laranjeiras, tão conhecida pela tradição das esplendidas e sumptuosas festas que ali se deram no tempo do Conde de Farrobo, a solemne distribuição de bandeiras e prémios aos alumnos das escolas primarias da capital, que viram assim recompensados os seus esforços de estudo e applicação.

A festa das escolas ou das crean-

çães, como mais vulgarmente lhe chamam, é das mais sympathicas e das mais proveitosas. Iniciada ha poucos annos entre nós, os fructos de incitamento e estímulo que d'ella tiram os pequenos estudantes, são dos mais salutares. A satisfação da vaidade, tão justificada, da maioria dos paes que, se mandam as creanças á escola é porque a lei a isso os obriga, mas não porque comprehendam a real vantagem do ensino, de que não conhecem o alcance, influe tambem, e poderosamente,

ças, como mais vulgarmente lhe chamam, é das mais sympathicas e das mais proveitosas.

Iniciada ha poucos annos entre nós, os fructos de incitamento e estímulo que d'ella tiram os pequenos estudantes, são dos mais salutares.

A satisfação da

vaidade, tão justificada, da maioria dos paes que, se mandam as creanças á escola é porque a lei a isso os obriga, mas não porque comprehendam a real vantagem do ensino, de que não conhecem o alcance, influe tambem, e poderosamente,

miados, uma grata e inolvidavel saudade.

Depois d'um breve discurso do sr. ministro do Reino e da distribuição de premios e bandeiras que causou vivo entusiasmo, sobretudo quando Sua Magestade soltou um viva á Patria que foi calorosamente correspondido, El-Rei dirigiu algumas phrases de incitamento ás creanças terminando pelos conhecidos versos do immortal Antonio Feliciano:

Trabalhae, meus irmãos, que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor.

Os pequenos ouvintes saudaram



OS ESPECTADORES

para que a grande massa de povo infantil, que em curto espaço de tempo serão homens e mulheres, se applique ao estudo, lhe reconheça as vantagens, e tome mais tarde a peito o grato encargo de dirigir com extrema solicitude a instrucção dos filhos. A festa das escolas deixará, sobretudo aos pre-

delirantemente El-Rei com aquella entusiastica e communicativa alegria tão propria da infancia, e que nenhuma outra iguala em maior idade.

O orphéon das creanças, magistralmente ensaiado pelo sr. Domingos Caldeira, despertou admiração.

Foi uma tarde encantadora que deixou certamente no espirito de todos os assistentes uma sa e saudosa recordação. Paes e filhos não esquecerão nunca essas curtas horas, em que uns receberam pela primeira vez na vida a doce satisfação que dá a recompensa do dever cumprido, e outros esqueceram por momentos as amarguras da vida.



EL-REI ACCLAMADO PELAS CREAÇAS

HOMENAGEM A PINHEIRO CHAGAS



MONUMENTO A PINHEIRO CHAGAS
Na Avenida da Liberdade

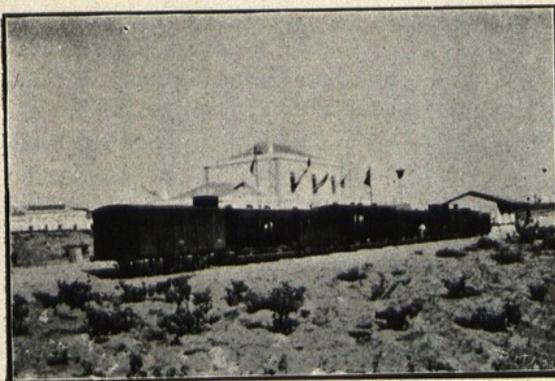
Novo monumento. — Inaugurou-se em Novembro na Avenida da Liberdade o monumento a Manuel Pinheiro Chagas, o notavel escriptor que tão saudosas recordações deixou no animo de todos os que o conheceram. É muito elegante na sua singeleza. Ha n'elle arte e sentimento, se assim se póde dizer. A figura da Morgadinha de Valflór, a sua criação mais bella, tão querida e apreciada do publico, collocada no pedestal do monumento, dá ao espirito não sei que enternecedora impressão de tristeza e saudade.

O esculptor conseguiu dar relevo e vida ao busto do saudoso morto, assim como á figura da Morgadinha, na qual a estes attributos juntou a graça e imprimiu uma nítida e artistica expressão de movimento.

A viação acelerada em Aldeia Gallega

Novo ramal da linha ferrea do sul. — Com grande entusiasmo da população, que assim via satisfeita uma das suas mais que-

ridas e legitimas aspirações, realizou-se em outubro a inauguração do troço da linha ferrea de Aldeia Gallega ao Pinhal Novo.



A ESTAÇÃO DE ALDEIA GALLEGA

Este importante melhoramento, que, pela facilidade das communições com o sul do reino, muito deve concorrer para o desenvolvimento do commercio de Aldeia Gallega, deu occasião a varias manifestações de regosijo, que decorreram na maior animação.

Uma nova séde em edificio proprio

Tuna Commercial. — É simples mas elegantissimo o novo edificio da Tuna Commercial de que damos a photographia, e que para ella foi expressamente mandado construir pelo sr. Feliciano da Silva Lopes, um dos mais benemerentes socios d'esta prestimosa instituição que, contando apenas um lustro de existencia, tão sympathica se tem tornado não só aos apreciadores de boa musica como áquelles que, interessando-se pelos pobres, a vêem sempre disposta a abrilhantar festas de caridade.



NOVO EDIFICIO
DA TUNA COMMERCIAL

A' inauguração solemne da nova séde da aggremação, assistiram, além de algumas centenas de socios e convidados, recolhidas do Asylo de S. João e Albergue das Creanças Abandonadas, dois estabelecimentos dos que mais lhe devem. A festa foi muito interessante, sendo o seu principal attractivo a parte dramatica em que tomou parte Eduardo Brazão cujo nome basta para attrahir Lisboa inteira.

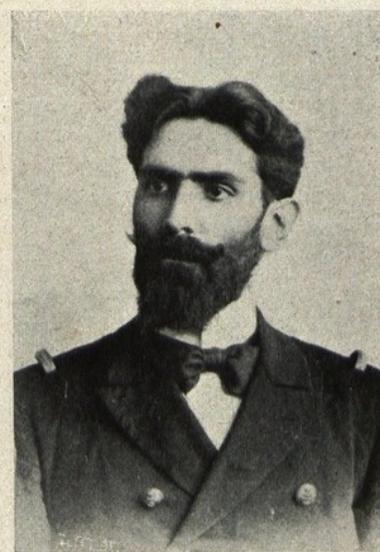
OS NOVOS PARES DO REINO



FRANCISCO D'ALMEIDA MARGIOGHI



CONDE DE AVILEZ



JOAQUIM TELLES DE VASCONCELLOS

Os novos pares. — Continuando a publicação dos novos pares, damos hoje além do sr. Conde de Avilez, personalidade altamente sympathica pelos seus dotes de character e espirito, o sr. Margioghi

que, como seu pae, é um estudioso e um agrônomo distinctissimo, e o sr. Joaquim Telles de Vasconcellos official da Armada Real, espirito illustrado e altamente superior.

Ao falar dos filhos lembram na-

turalmente os paes, que tanto se distinguiram e evidenciaram pelo seu acrisolado amor patrio e tão viva e sentida recordação deixaram na Lisboa elegante e na nossa vida politica

LETRAS

Variações sobre um velho thema. — É o titulo do ultimo livro de Paulo Osorio, o litterato primoroso ha tanto apreciado do publico pelos seus conhecidos e diversos trabalhos. Encerra uma collecção de formosos e interessantes contos de amôr, cheios de emoção, naturalidade e vida, que alternadamente fazem assomar o riso aos labios e as lagrimas aos olhos.

Se falassemos d'aquelles que nos feriram pelo seu encanto teriamos de referir-nos a todos; limitamos a citar dois em que os mysterios da psychologia nos pareceram mais bem profundos — *Cartas d'amôr e Tragedia do Nata!* —. Qualquer d'elles é uma joia litteraria.

No primeiro, que se compõe de quatro cartas, a terceira é flagrante de realidade e de fina observação: o heroe percebe que no coração da sua amada nunca terá senão um lugar secundario porque *elle*, o outro a quem está ligada, representa o



PAULO OSORIO

dever, e, como tal, pretere tudo. É o acordar doloroso d'um sonho que prepara optimamente para o natural fim a que esta descoberta o conduz: — a renuncia.

No segundo que apontamos trata-

se de um homem que pela bondade do coração, chegou á mais completa indigencia e não pede esmola. A noite de Natal acorda-lhe no coração torturadas saudades de horas passadas e felizes. Encontra uma desgraçada cahida n'uma escada, e tenta convencê-la a morrer com elle; e quando, depois d'uma longa confidencia, se curva ansioso para lhe ouvir uma resposta... vê-a adormecida.

Ebrio de dôr, dirige-se ao rio que, mais piedoso que os homens, acaba de vez o seu tormento.

É um livro cheio de emotividade, que se relê com vivo prazer.

Paginas vividas parecem algumas, tanta realidade ha n'ellas. Li, não sei onde, que o seu autor diz que é um livro para senhoras. Affigura-se-me modestia infundada. Todos os seres de espirito elevado e reflexivo encontram no livro de Paulo Osorio sobeja causa de estudo e reflexão.

THEATROS

Trindade. — Com brilhantes auspícios se inaugurou a patriótica tentativa do empresario Taveira, a qual consiste na representação de opera em portuguez. A peça de estreia era já signal evidente do arrojado que presidia ao empreendimento: o immortal *Barbeiro de Sevilha* de Rossini, com a letra habilmente



MAURICIO BENSAUDE

adaptada do italiano por Acacio Antunes. O exito foi além da mais lisongeira expectativa. Dadas as difficuldades da execução, raro vencidas pelos cantores modernos, a parte musical satisfizes os mais exigentes, e na parte dramatica avantajaram-se os interpretes á maioria dos artistas de scena lyrica.

Antes d'isso, n'uma audição especialmente dedicada á imprensa, tinha Affonso Taveira apresentado os principaes elementos com que contava para o desempenho da opera



ISABEL FRAGOSO



DELPHINA VICTOR

e de opera comica em portuguez. Dois d'elles eram já conhecidos do publico: o barytono Bensaude, que fizera brilhante carreira nos thea-

tros lyricos do estrangeiro e se conserva em plena posse dos seus magnificos recursos, acrescentados com conhecimentos de arte dramatica, raros em cultores de opera italiana; e Delphina Victor, laureada discipula do nosso Conservatorio, actriz já applaudida na operetta, cuja voz quente e communica-



JULIO CAMARA

tiva a destinava a mais altos commetimentos. Dois estreatantes completavam o bello quartetto: Isabel Fragoso, que desde logo conquistou o publico com a sua brilhante voz de soprano ligeiro, admiravelmente educada, e a sua intelligente vivacidade; e Julio Camara, um tenor que já pizara palcos de Italia, e cujos recursos vocaes dão esperanças de um optimo futuro.

Fazemos votos para que a empreza persevere e o publico a secunde.

BELLAS ARTES

O retrato de El-Rei D. Manuel II. — A commissão organisadora da secção portugueza na Exposição do Rio de Janeiro encommendou a Columbano Bordallo Pinheiro o retrato de El-Rei.

Os que contemplaram o trabalho de Columbano conservam no espirito uma forte impressão admirativa.

Este retrato veio demonstrar que, se o grande pintor prefere os tons suaves e melancolicos, que dão ás suas telas uma encantadora expressão de poesia, tem o poder de transmittir ao espirito em tons vivos e com mais vigor e graça, se é possível, uma grande emotividade. A gamma dos vermelhos, sábia e accentuadamente percorrida, impri-

me um cunho originalissimo a esta tela, e uma intensa impressão de vida.

Este trabalho deve despertar no Brazil, onde Columbano é de ha muito apreciado e querido, um grande entusiasmo pelo talento do notavel pintor, que tem n'elle incontestavelmente uma das suas melhores creações.



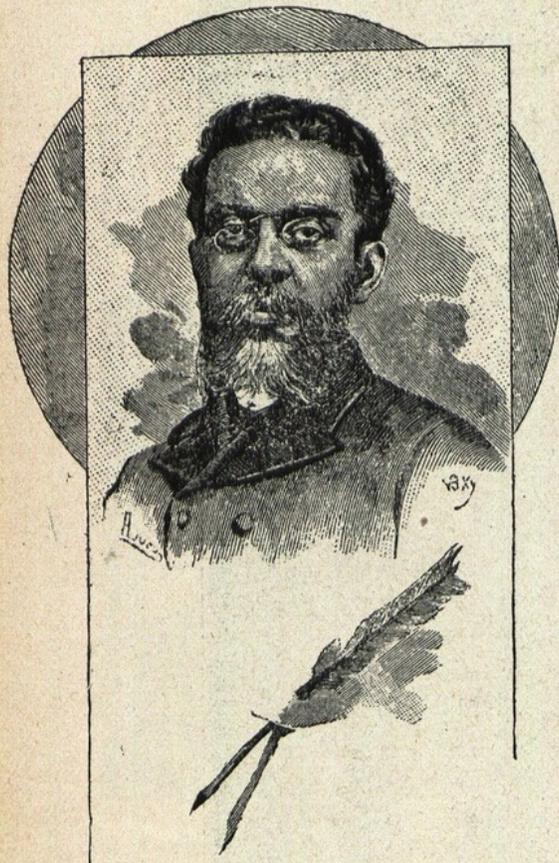
EL-REI D. MANUEL II

Quadro de Columbano

Clichê de Arnaldo Fonseca

BRAZILEIROS ILLUSTRES

Mortos e visitantes



MACHADO D'ASSIS

Machado d'Assis. — O eminente auctor das *Memorias de Braz de Cubas*, ha pouco fallecido, era presidente da *Academia Brasileira* e vulto inconfundivel como poeta, romancista e contista. Deixa uma obra vastissima e immorredora, que se salienta pela multiplicidade dos seus talentos, encanto de fórma, e primores de estylo.

O afamado escriptor, caracter impolluto e alma aberta a todo o generoso sentir, eievou-se *unicamente*

MARECHAL HERMES DA FONSECA
Ministro da guerra do Brazil

pelo seu extraordinario mérito os mais elevados pinaros da gloria litteraria, e em quarenta annos de trabalho constante colheu, juntamente com os louros, a admiração e sympathia não só dos seus patricios, como de todos os amadores de boas letras de todas as nações cultas.

Ministro da guerra do Brazil. — A bordo do *Cap Vilano* esteve no Tejo, em fins de outubro, o marechal Hermes da Fonseca e sua interessante esposa, que da Allemanha regressavam á patria.

O marechal é uma figura insinuante e altamente sympathica.

Os seus conhecimentos profissionaes teem-lhe grangeado no mundo militar, tanto do seu paiz como do estrangeiro, justo renome.

Arthur d'Azevedo. — Foi dolorosamente recebida entre nós em fins de outubro a noticia da morte d'este illustre dramaturgo, critico theatral e jornalista notavel. O Brazil perdeu n'elle um talento pujante e uma incomparavel actividade artistica.

Novo ainda, pois contava cincoenta e trez annos, tinha, como poucos, na carreira que abraçara, um caminho ridente e desassombrado; tanto bastou para que a morte quizesse mais uma vez provar que um celebre poeta tinha razão quando lhe punha nos labios estas palavras amargamente ironicas:

«Je fais cas d'un laurier sur ta tête.»

Como jornalista, estão na memoria de todos os seus trabalhos publicados no *Paiz*, *Correio da Manhã*, *Noticia*, em que a fluencia, graça e força de argumentação se impunham até aos proprios contrarios.

Deixa uma obra vastissima de que nos seria longo, e portanto impossi-

vel, dar noticia aqui. A sua ultima produção dramatica intitula-se *Vida e Morte*.

A litteratura brasileira e portuguesa perderam em Arthur de Azevedo não só um cultor eximio, o que é



ARTHUR DE AZEVEDO

já muito, mas um dramaturgo e escriptor popularissimo nas duas nações irmans, que em commemorações funebres teem demonstrado vivamente o seu pezar por tão grande perda.

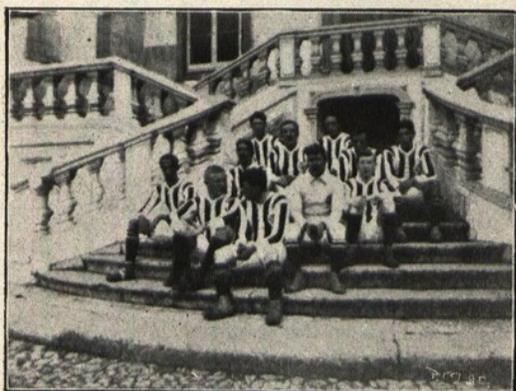
Dr. Rodrigues Alves. — De regresso da sua visita á villa de Ponte de Lima, terra da anturalidade de seu pae, demorou-se alguns dias em Lisboa, onde veiu embarcar, este illustre homem publico da grande republica sul-americana, na qual exerceu, ainda ha poucos annos, o mais elevado cargo.

Durante a sua curta demora em Portugal visitou alguns pontos do paiz, retirando para o Brazil no principio de novembro.

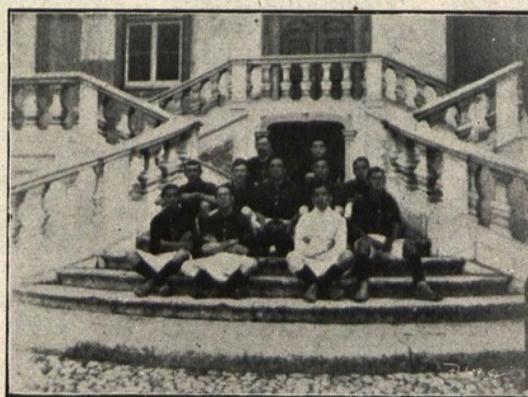
RODRIGUES ALVES
Ex-presidente
da Repub. dos E. U.
do Brazil

SPORTS

Desafio de foot-ball



GRUPO DO INTERNACIONAL



GRUPO DE CARCAVELLOS

Liga do foot-ball.—

Esta Liga, que nos ultimos tempos tanto se tem desenvolvido, está exercendo uma grande e benefica influencia na educação physica do povo portuguez, que começa a tomar verdadeiro gosto por este hygienico divertimento.

É assim, que todos os dias a Liga regista novos progressos e os desafios se succedem com enthusiasmo sempre crescente.

No campo do Sporting Club de Portugal, no Lu-

miar, effectuaram-se dois renhidos desafios, nos quaes tomaram parte, além de outros, o grupo Bele-



GRUPO «SPORT BELENENSE»

nense de que damos a photographia.

Os nossos jogadores, magnifica-

mente treinados, estão-se tornando adversarios notaveis, e já nos dois desafios, que nos fins de outubro a Liga promoveu no campo da Quinta Nova os grupos portuguezes empatayam com o Carcavellos Club, resultado pela primeira vez obtido, pois até aqui sempre acontecia ficarem vencedores os inglezes.

A paridade agora conseguida vem demonstrar que os esforços da Liga tem sido proficuos, e que n'este util e agradável passatempo em breve contaremos distinctissimos jogadores.

EXPEDIENTE

Terminando com o presente numero as minhas funcções de director d'esta revista, as quaes deixo de accordo com a empresa editora, cumpre-me agradecer aos collaboradores, pessoal artistico e todos os empregados em geral, assim como aos assignantes e leitores, as provas de deferencia e affecto que d'elles recebi e que contribuiram para facilitar, no decurso de quasi quatro annos, a minha tarefa, por vezes penosa.

15 de novembro de 1908.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.



Decifrações do n.º 39

Enigma. — Mesnada.

Charada. — Joaquina.

Charada em quadro $\left\{ \begin{array}{l} \text{meco} \\ \text{eril} \\ \text{ciro} \\ \text{olor} \end{array} \right.$

Enigma

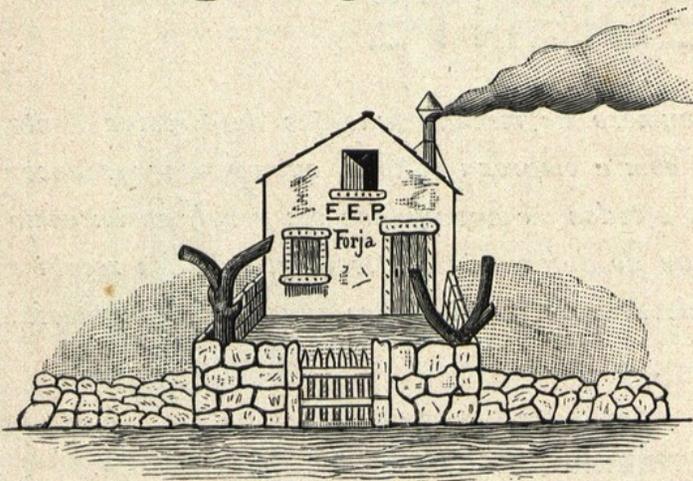
Li, em velha papelada
pela traça carcomida,
dura phrase redigida
contra pobre condemnada:
«Por ser treda e refalsada,
pela cacha morra e, assim,
justiçada seja emfim
com a retro dita.» E agora?
Instrumento?... seja embora,
mas não caia sobre mim,

12-8-908.

E. R. Q. (michaelense) — PORTO.



Enigma pittoresco



Charada

Que patranhas tão calvas o Chico
nos pregava com voz unctuosa!
Nunca vi bocca assim tolamente
mentirosa! — 2

Uma d'elle: co'um dedo quebrára,
porque a telha lhe entrara na bola,
sem esforço nenhum, a brincar,
rija argola. — 2

Outra ainda: com sôco fraquito
— quasi nada, dizia, até juro! —
desfizera em migalhas, n'um prompto,
certo muro!

13-8-908.

E. R. Q. (michaelense) — PORTO.



Enigma

Sou branco de pura raça,
Sangue dos aryas sem jaça
Nas veias sinto correr.
Qual será, pois o ascendente
Que berço n'Africa ardente
Tem e nella ama viver?

Se d'elle um terço sómente
Se tirar, outro parente
Apparece prasenteiro,
Que por três multiplicado,
— Attenção! — que *triplicado*
E' igualzinho ao primeiro!

Victoria-Pernambuco.

CAPITÃO NEMO.

EPILEPSIA!!!

E' com a mais completa franqueza, com a maior lealdade que sem ter a

pretenção de curar todos os epilepticos nós recommendamos os

DRAGÉES GELINEAU

Confeitos Gelineau que tem durante trinta annos, dado ao seu auctor completa satisfação e que lhe tem valido o reconhecimento e inalteravel amizade de numerosos doentes; que sempre **nos casos ordinarios dão a possibilidade do triumpho e pelo menos a certeza de melhoras nos casos difficels**

J. MOUSNIER, SCEAUX, Seine (France) e em todas as Pharmacias.

L'Epil'vite
L'Epil'vite
L'Epil'vite

CREME EPILATORIA

prompta a ser empregada.

Resultado garantido

Perfumada, dissolve instantansamente as pennungens desengraçadas, a barba, os pellos os mais duros do rosto e do corpo. Não produz borbulhas, não irrita a pelle a mais delicada.

M. A. GRAZIANI, Phar^{co} de 1^a classe, 63, Rue Rambuteau, Paris.

AGENTES DEPOSITARIOS PARA *Portugal*. **CURIEL & DELIGANT, 19, Rua do Arco a Jesus, Lisboa**

PREÇO do frasco pequeno **800** Reis e do frasco grande **1.400** Reis

AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

FERRO BRAVAIS



São o mais eficaz remedio contra

DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo
Não dá prisao de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo:

SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA

Desconfiar das Imitações. — *Só se vende em Gottas e em Pilulas*

Em todas as Pharmacias ou Drogarias. **Deposito: 130, r. Lafayette, PARIS**

Em todas as estações
perservação absoluta de pelles, lãs, vestidos

PELO

Não mais
NAPHTALINA
inefficacia
e nauseabunda

NECROMITE

Não mais pós
nem
saquinhos

Composto de essencias de plantas
e d'um novo producto d'uma efficacia insecticida muito enérgica (**sem perigo**)

Envio franco de porte de correio d'uma carteira com 12 folhas por **200 réis**. Dirigir-se aos representantes

CURIEL & DELIGANT  **Rua do Arco a Jesus, 19**
LISBOA

O Cunha

ALMANACH HUMORISTICO PARA 1909

4.º ANNO

Preço 200 réis

Profusamente illustrado com primorosas similigravuras



O Cunha póde entrar em todas as casas, pois que, a par de uma collaboração rigorosamente escolhida, insere interessantissimos artigos sobre coisas de arte e politica, completamente inéditos.

A destacar alguns artigos relativos a **usos e costumes da provincia de Moçambique**, especialmente em Lourenço Marques, e os que teem o curioso titulo:

Se a Republica fosse implantada em Portugal

A' VENDA NAS LIVRARIAS

Depositarios em Lisboa — FERREIRA L.^{DA} — 132, Rua do Ouro, 138

Correspondencia ao administrador G. Ferreira, Rua da Victoria, 33-A, 2.º, PORTO

Grandes vantagens

Aos assignantes dos

SERÕES

BRINDE: Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.^a classe, partida de Lisboa), em epocha á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente.

BONUS

Desejosa a administração dos "SERÕES" por reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e escrupulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar aos nossos assignantes o poderem completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — a todos que assignarem a revista "SERÕES" por periodo não inferior a um semestre —, o poderem adquirir qualquer volume publicado ou todos os dez, com um desconto de 50 0/0, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) 600 réis ou, ainda, 1\$000 réis, lindamente encadernado.

O preço da assignatura dos "SERÕES" é

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha.....	{ Anno.....	2\$200 réis
	{ Semestre ...	1\$200 »
	{ Trimestre...	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca)	- Anno.....	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	- Anno.....	15 fr.

Pedidos á

Administração dos "SERÕES"

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 27 Passagem do ANNUARIO COMMERCIAL
Telephone 805 — LISBOA

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Rimas, por Antonio Sergio — Lisboa, 1908 — O apparecimento de um poeta a valer, deve ser saudado com as acclamações fêstivas que acolhiam os triumphadores hellenicos. O alvoroço do mystico advento atalha as severidades da critica. Os reparos que do acaso possa fazer ás hesitações de uma estreia, somem-se perante os esplendores de um talento provado em bellas realisações e cheio de brilhantes promessas. O sr. Antonio Sergio sae da esteira usual dos principiantes, a poesia lyrica, e traça de radiosos clarões o campo pouco explorado da poesia philosophica. Fal-o em arte, e por vezes com mestria. Em summa, o seu livro preve-mos que será d'aquelles que ficam na litteratura como as primicias de um grande talento.

A Eneida de Virgilio (Lida hoje) — Lisboa, 1908 — Soberba versão do grande poema latino, feito por um exímio poeta portuguez, Coelho de Carvalho. N'este, como na versão das *Eclogas*, que ao mesmo poeta devemos, o vate romano perde a regidez hieratica a que os olhos de infancia se afeiçoaram, para se humanisar, para entrar como estro vivo na vida intellectual dos portuguezes. Só a merecida divulgação de tal livro, poderá compensar o laborioso e artistico monumento elevado ao maior genio da velha Roma.

Chronicas immoraes, por Albino Forjaz de Sam-paio — Lisboa, 1909 — Pertence á raça dos demolidores este jovial chronista, como aliás se deprehe desde logo do titulo do seu livro, recopilção de artigos de occasião publicados n'um jornal de Lisboa. Esses artigos teem as qualidades e os defeitos inherentes ao genero: vigor de estylo, refulgencias de paradoxos, irreverencias escusadas, apotheoses sem base solida, interesse de originalidade e de pontinha de escandalo. Sentimos, ao lel-o, um bocadinho de inveja de uma juventude que colloca o artista e o pensador na independencia das conveniencias...

Mil trovas, coordenadas e prefaciadas por Agostinho de Campos e Alberto d'Oliveira — Porto, 1908 — Lindo livrinho onde se recopilam as mais ternas, mais doces, mais meliciosas, mais philosophicas

produções da Musa popular de Portugal. A's senhoras portuguezas é dedicado o «pequenino volume, geitoso e facil» (diz com sobeja razão o prefacio) «onde as senhoras possam encontrar lettra para os seus fados e até engenhosos conselhos para os seus corações.» Acrescentaremos que todos os cultores da boa litteratura acolherão este ensejo de se retemperarem nas fontes vivas da inspiração nacional.

Intermezzo, por Rodrigo Beça — Porto, 1908 — Versos dos 20 annos, conforme confessa o autor no seu prologo. Muita ternura, irregular fantasia, sentimento delicado, inexperiencia natural de um neophyto: eis em summula, as qualidades e os defeitos que se observam n'este livrinho, o qual representa, com tudo isso, em risonho alvorecer.

Manhã, por João Maria Ferreira — A classificação obtida por esta poesia nos «Jogos Floraes» que em Lisboa se realisaram recentemente, é a melhor recommendação que se pode fazer ao folheto agora publicado. A sua leitura justifica amplamente a decisão do jury, em que entraram poetas de alto valor e litteratos experimentados.

Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official — Fasc. XVII — Agosto a Dezembro de 1907. Rua Aurea, 177, 2.º — Lisboa.

Boletim Photographico — Rua da Prata, 135 e 137, Lisboa.

O Economista Brasileiro — Revista semanal de economia, finanças, politica e litteratura. Rua da Alfandega, 114, — Rio de Janeiro.

Boletim da União dos Atiradores Civis Portuguezes — Séde em Lisboa no Salão do Real Theatro de S. Carlos.

Vera Cruz — Quinzenario Politico, Literario e Humoristico — Redação — Largo do Aronche, 47 — S. Paulo e Praia José menino, 122 — Santos.

Revista da Associação Commercial do Maranhão — Publicação mensal — Rua 28 de Julho, 7 — S. Luiz — Maranhão.

A Construção Moderna — Revista illustrada — Redação e Administração: Rua Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa.

Gravuras dos SERÕES

Alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES, Praça dos Restauradores, 27.